UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

VICTOR CARREÃO

TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICAS E MUDANÇA LINGUÍSTICA: A LÍNGUA EM LOUVEIRA/SP

CAMPINAS,
2018

VICTOR CARREÃO

TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICAS E MUDANÇA LINGUÍSTICA: A LÍNGUA EM LOUVEIRA/SP

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Emilio Gozze Pagotto

Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação defendida pelo aluno Victor Carreão e orientada pelo Prof. Dr. Emilio Gozze Pagotto

CAMPINAS,
2018

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CAPES, 1601168

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Crisllene Queiroz Custódio - CRB 8/8624

C232t

Carreão, Victor, 1989-
Transformações econômicas e mudança linguística : a língua em Louveira/SP / Victor Carreão. – Campinas, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Emilio Gozze Pagotto.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Língua portuguesa - Variação - Louveira (SP). 2. Língua portuguesa - Fonética. 3. Mudanças linguísticas - Aspectos econômicos. 4. Sociolinguística. I. Pagotto, Emilio Gozze, 1961-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Economic changes and linguistic change : the speech in Louveira/SP
Palavras-chave em inglês:
Portuguese language - Variation - Louveira (Brazil)
Portuguese language - Phonetics
Linguistic change - Economic aspects
Sociolinguistics
Área de concentração: Linguística
Titulação: Mestre em Linguística
Banca examinadora:
Emilio Gozze Pagotto [Orientador]
Lívia Oushiro
Cláudia Regina Brescancini
Data de defesa: 20-03-2018
Programa de Pós-Graduação: Linguística

BANCA EXAMINADORA:

Emilio Gozze Pagotto

Lívia Oushiro

Cláudia Regina Brescancini

IEL/UNICAMP
2018

Ata da defesa, com as respectivas assinaturas dos membros da banca, encontra-se no SIGA - Sistema de Gestão Acadêmica.

A todos os louveirenses,
nascidos em Louveira ou não.
Gente humilde e hospitaleira.
Povo forte, bravo e varonil.

A cidade que os homens deixaram de habitar está agora sitiada por eles.
Não deve passar em claro o exagero que há na palavra sitiada.
Como exagero haveria na palavra cercada ou outra qualquer sinônima perfeita.
Os homens estão apenas em redor da cidade,
tão incapazes de entrarem nela como de se afastaram para longe definitivamente.

José Saramago, *O ano de 1993.*

AGRADECIMENTOS

Acredito que não exista trabalho que possa ser realizado sozinho. Por mais que as longas horas sentado à frente do computador escrevendo, revisando e editando cada capítulo de um trabalho possam parecer solitárias, sempre há alguém – nem que seja em segredo – torcendo para que a pesquisa seja completada da maneira mais exitosa possível. Tenho certeza, alegra-me dizer, que esse é meu caso e o caso deste texto que se encontra em suas mãos. São muitos a quem devo meus agradecimentos, e muitos já o merecem bem antes deste trabalho ter se iniciado. Confesso que não sei bem como começar meus agradecimentos, mas espero incluir nessas curtas linhas todos aqueles que carrego no coração e que, de alguma maneira, me ajudaram a cruzar as agitadas águas que foram esses últimos meses.

Agradeço a meus pais, Decio e Rosa, pelo amor e compreensão desde sempre e a Deus por ter tido saúde e oportunidades de correr atrás dos meus sonhos. À minha irmã, Amanda, por ter descoberto que eu era linguista antes mesmo de me arriscar nessa área (e pelos inúmeros conselhos e conversas que me ajudaram a percorrer esse caminho). À Julia por todo companheirismo e por sempre trazer luz aos dias mais cinzas que tentam me desafiar. A bons amigos: Pedro, Edineide, Fabiana e Valéria (e a amigos de longa data que carrego no coração aonde quer que eu vá). Agradeço, também, a meus informantes (sem os quais esse trabalho não teria sido realizado) por dividirem comigo um pouquinho de suas vidas.

Há um ditado que diz que bons professores explicam, mas que grandes professores inspiram. Esse é o caso de dois grandes mestres com quem tive a oportunidade de aprender muito. Agradeço ao professor Adalto Moraes de Souza, que, desde a época da Iniciação Científica, não apenas me mostrou caminhos a seguir, mas também me encorajou a percorrê-los e a nunca parar de aprender. Também agradeço a meu orientador, professor Dr. Emilio Gozze Pagotto, pela confiança em mim depositada desde os tempos de aluno especial, passando pelo estágio docente e pelas inúmeras orientações, correções, puxões de orelha; enfim por tudo que me ensinou. Obrigado pela paciência e por todo carinho e dedicação não só comigo, mas com todos os seus alunos.

Agradeço, ainda, à CAPES pela bolsa de estudos e a todos os colegas, funcionários e docentes do IEL, na Unicamp, por me acolherem de forma tão carinhosa. Em especial, à professora Dra. Anna Christina Bentes e à professora Dra. Lívia Oushiro por aceitarem o convite para integrar a banca de qualificação deste trabalho, bem como pelos valiosíssimos apontamentos ao texto, e por tudo que pude aprender com ambas. Também agradeço à

professora Dra. Claúdia Brescancini e ao professor Dr. Manoel Mourivaldo Almeida por aceitarem o convite para integrarem a banca de defesa desta dissertação.

RESUMO

Objetivou-se, neste trabalho, verificar como transformações econômicas na cidade de Louveira/SP poderiam ter influência sobre possível variação e/ou mudança linguística em seus moradores. Com base nos estudos sobre o dialeto caipira (AMARAL, 1920 e RODRIGUES, 1974), diferentes variáveis linguísticas foram observadas na fala dos louveirenses conforme a metodologia da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]). Dessas, três apresentaram variação: a realização das oclusivas /t/ e /d/ diante da vogal [i], a realização de /r/ em posição de coda silábica, e o rótico em posição de ataque silábico. Duas amostras de fala foram utilizadas para a análise dos dados. A primeira conta com breves relatos disponíveis no Museu Digital da Câmara de Louveira e visou observar a fala de moradores antigos de Louveira, entre 61 e 90 anos, estratificados conforme sexo/gênero e região de residência na cidade. A segunda amostra é composta por 25 entrevistas sociolinguísticas cujos participantes estão estratificados por sexo/gênero, faixa etária (de 18 a 29 anos, de 30 a 45 anos e de 46 a 60 anos) e região de residência na cidade (estratificada nas duas grandes áreas que compõem a cidade, conhecidas como "Bairro" e "Centro"). Tensões socioeconômicas relacionadas à vinda de grandes empresas para a pequena cidade e à ocupação do território foram verificadas como pontos de partida para possíveis condicionadores sociais de variação/mudança linguística. Além de contemplar variáveis linguísticas e extralinguísticas, buscou-se verificar a avaliação dos louveirenses em relação ao dialeto de Louveira por meio de perguntas sobre sotaque e percepções linguísticas ao término da entrevista sociolinguística - similar ao realizado por Kroch (1995). Os resultados apontam que a realização das oclusivas /t/ e /d/ diante da vogal [i] mostra-se em processo de mudança próximo à sua conclusão, com os falantes mais jovens realizando a variável linguística de forma africada [tʃ] e [dʒ] em oposição à variante dental, observada em falantes mais velhos. Outro processo de mudança linguística já concluído é a realização do rótico em posição de ataque silábico, sendo apenas os falantes entrevistados da terceira faixa etária (de 46 a 60 anos), e com ascendência italiana, os responsáveis por ocorrências da vibrante múltipla e do tepe para essa variável linguística. A realização de /r/ em posição de coda silábica apresentou baixo grau de variação, sendo a variante retroflexa mais comumente observada do que a variante tepe. Contudo, ao analisarmos as faixas etárias separadamente, verificou-se que a segunda faixa etária (de 30 a 45 anos) apresenta maior percentual de tepes realizados, sendo os falantes que acreditavam que louveirenses não possuíssem sotaque aqueles que mais realizam a variante tepe (21% das ocorrências para /r/ em coda). As proporções das variantes das variáveis linguísticas encontradas apontam para a segunda faixa etária como a principal por implementar os três processos de variação linguística observados em nossas amostras, sendo as grandes mudanças no modo de trabalho louveirense, ocorridas pela vinda de grandes empresas ao pequeno município, o principal fator social que pode ter atuado como condicionador desse comportamento linguístico.

Palavras-chave: Oclusivas dentais; retroflexão; rótico em ataque silábico; mudanças socioeconômicas; variação linguística.

ABSTRACT

The objective of this work was to verify how changes in the economy of the city of Louveira/SP have an influence on possible variation and/or linguistic change in the speech of its residents. Based on the studies on the caipira Dialect (AMARAL, 1920 and RODRIGUES, 1974), different linguistic variables were observed in Louveira's residents' speech according to Variationist Sociolinguistics methodology (LABOV, 2008 [1972]). Out of them, three language features presented variation: the realization of the stops /t/ and /d/ before the vowel [i], the realization of /r/ in syllable coda position, and the rhotic in onset position. Two samples were used for this data analysis: brief reports available on the Digital Museum of the Câmara de Louveira, which focused on speech observations of ancient residents of Louveira, between 61 and 90 years old, stratified by sex/gender and region of residence in the city. The second sample is composed of 25 sociolinguistic interviews stratified by sex/gender, age group (18 to 30, 31 to 45, and 46 to 60 years old) and region of residence in the city ("Bairro" and "Centro"). Socioeconomic tensions related to the coming of big companies to the city and to the occupation of the territory were verified as starting points for possible conditioners of linguistic variation. Besides counting with linguistic and extra-linguistic variables, a linguistic evaluation from Louveira's habitants in relation to Louveira's dialect was registered, by referring to questions about accent and linguistic perceptions at the end of the sociolinguistic interview - similar to what was done by Kroch (1995). The results show that the realization of the stop consonants /t/ and /d/, before the vowel [i], is a change in progress close to its conclusion, with the younger speakers performing this linguistic variable as the affricated [tʃ] and [dʒ], opposed to the dental variant seen in older speakers. One process of linguistic change which is already completed is the realization of rhotics in onset position; the interviewed speakers of the third age group (46 to 60 years old), and with Italian ancestry, are the only ones with occurrences of alveolar trill and alveolar tap for this linguistic variable. The realization of /r/ in coda position presented low degree of variation, as the retroflex variant is more commonly observed in relation to the competing variant alveolar tap. However, in analyzing each age group separately, we verified that the second age group (from 30 to 45 years old) presents a higher percentage of performed alveolar taps. The speakers who believed that people in Louveira did not have an accent are the ones with higher usage of the alveolar tap (21% of the occurrences for /r/ in coda position). The proportions of linguistic variants point to the second age group as the main one in implementing the three linguistic variations observed in our samples, as the big shift in Louveira's job market, which occurred due to big companies in the small municipality, may have been the main social factor that acted as a conditioner of this linguistic behavior.

Key-words: dental stops; retroflexion; rhotic in onset position; socioeconomic changes; linguistic variation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa do Circuito das Frutas 22
Figura 2: O município de Louveira/SP 24
Figura 3: Mapa – Plano Diretor – Louveira/SP 25
Figura 4: Realização de /r/ em coda silábica no Brasil 49
Figura 5: Realização do rótico em posição de ataque silábico 56
Figura 6: Região do Vêneto, na Itália 58
Figura 7: Cidades da região do Vêneto 59
Figura 8: Diferentes medidas de estimativas de probabilidade 76
Figura 9: Anexo 01 - Localização aproximada dos informantes 162

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Variáveis observadas neste estudo e suas variantes no Português Brasileiro..... 19
Tabela 2: Dados sobre deslocamento em Louveira..... 27
Tabela 3: A palatalização de /t/ e /d/ no Brasil..... 45
Tabela 4: Composição da Amostra do Grupo Controle 63
Tabela 5: Composição da Amostra do Grupo Entrevistas 63
Tabela 6: Variável Ascendência do Grupo Entrevistas..... 66
Tabela 7: Variável renda do Grupo Entrevistas 66
Tabela 8: Variável Nível Educacional do Grupo Entrevistas..... 67
Tabela 9: Codificação de dados para as oclusivas /t/ e /d/ 72
Tabela 10: Codificação de dados para o rótico em posição de ataque 73
Tabela 11: Codificação de dados para /r/ em posição de coda silábica..... 74
Tabela 12: Dados gerais referentes à fala louveirense 85
Tabela 13: Distribuição geral dos dados de oclusivas dentais /t/ e /d/ - Grupo Controle..... 88
Tabela 14: Distribuição dos dados das oclusivas dentais para o Grupo Controle – Variáveis sociais.. 89
Tabela 15: Distribuição geral dos dados das oclusivas dentais para o Grupo Controle – Variáveis linguísticas..... 91
Tabela 16: Estimativas (em *log odds*) para emprego da variante dental em modelo de regressão logística, de efeitos mistos, em relação às variáveis previsoras sociais e linguísticas - Grupo Controle 93
Tabela 17: Distribuição geral dos dados para as oclusivas dentais /t/ e /d/ - Grupo Entrevistas 95
Tabela 18: Distribuição geral dos dados das oclusivas dentais para o Grupo Entrevista – Variáveis sociais..... 96
Tabela 19: Distribuição geral dos dados das oclusivas dentais para o Grupo Entrevista – Contexto de fala..... 98
Tabela 20: Distribuição geral dos dados das oclusivas dentais para o Grupo Entrevistas – Variáveis linguísticas..... 99
Tabela 21: Estimativas (em *log odds*) para emprego da variante dental em modelo de regressão logística, de efeitos mistos, em relação às variáveis previsoras sociais e linguísticas – Faixa etária 3a do Grupo Entrevistas..... 101
Tabela 22: Distribuição geral dos dados para a realização das oclusivas dentais – Ascendência da 3ª Faixa Etária 102
Tabela 23: Distribuição geral dos dados para os falantes da segunda e terceira faixas etárias – Grupo Entrevistas..... 103
Tabela 24: Estimativas (em *log odds*) para emprego da variante dental em modelo de regressão logística, de efeitos mistos, em relação às variáveis previsoras sociais e linguísticas – Faixa etária 2a do Grupo Entrevistas..... 104
Tabela 25: Distribuição geral dos dados para Contexto de Fala das informantes IE31 e IE35 – Grupo Entrevistas..... 106
Tabela 26: Distribuição geral dos dados das realizações das oclusivas dentais – Escolaridade da 2ª Faixa Etária 106
Tabela 27: Distribuição geral dos dados de /r/ em coda silábica – Grupo Controle 109
Tabela 28: Distribuição geral dos dados de /r/ em coda para o Grupo Controle – Variáveis sociais.. 110

Tabela 29: Distribuição geral dos dados de /r/ em coda para o Grupo Controle – Variáveis linguísticas 111
Tabela 30: Estimativas (em *log odds*) para emprego da variante tepe em modelo de regressão logística, de efeitos mistos, em relação às variáveis previsoras sociais e linguísticas – Grupo Controle..... 112
Tabela 31: Distribuição geral dos dados das realizações para o /r/ em coda silábica – Grupo Entrevistas 113
Tabela 32: Distribuição geral dos dados de /r/ em coda para o Grupo Entrevistas – Variáveis sociais 114
Tabela 33: Distribuição geral dos dados das realizações de /r/ em coda para o Grupo Entrevista – Contexto de fala 115
Tabela 34: Distribuição geral dos dados de /r/ em coda para o Grupo Entrevistas – Variáveis linguísticas..... 115
Tabela 35: Estimativas (em *log odds*) para emprego da variante tepe em modelo de regressão logística, de efeitos mistos, em relação às variáveis previsoras sociais e linguísticas – Faixa etária 3a do Grupo Entrevistas 117
Tabela 36: Estimativas (em *log odds*) para emprego da variante tepe em modelo de regressão logística, de efeitos mistos, em relação às variáveis previsoras sociais e linguísticas – Faixa etária 2a do Grupo Entrevistas 119
Tabela 37: Distribuição geral dos dados de /r/ em coda silábica – Escolaridade da 2ª Faixa Etária... 120
Tabela 38: Distribuição geral dos dados de /r/ em coda silábica – Ascendência da 2ª Faixa Etária... 120
Tabela 39: Distribuição geral dos dados de /r/ em coda silábica – Região da 2ª Faixa Etária 121
Tabela 40: Estimativas (em *log odds*) para emprego da variante tepe em modelo de regressão logística, de efeitos mistos, em relação às variáveis previsoras sociais e linguísticas – Faixa etária 1a do Grupo Entrevistas 123
Tabela 41: Distribuição geral dos dados para a realização de /r/ em coda – Região da 1ª Faixa Etária 124
Tabela 42: Frequência das 20 palavras mais frequentes nas entrevistas sociolinguísticas para /r/ em coda silábica – Grupo Entrevistas 126
Tabela 43: Distribuição geral dos dados da conjunção *porque* nas três faixas etárias (/r/ em coda) .. 126
Tabela 44: Distribuição geral dos dados do rótico em posição de ataque – Grupo Controle..... 129
Tabela 45: Distribuição geral dos dados do rótico em ataque para o Grupo Controle – Variáveis sociais 130
Tabela 46: Distribuição geral dos dados do rótico em ataque para o Grupo Controle – Variáveis linguísticas..... 131
Tabela 47: Estimativas (em *log odds*) para emprego da variante vibrante múltipla em modelo de regressão logística, de efeitos mistos, em relação às variáveis previsoras sociais e linguísticas – Grupo Controle 132
Tabela 48: Distribuição geral dos dados das realizações para o rótico em posição de ataque - Grupo Entrevistas 133
Tabela 49: Distribuição geral dos dados do rótico em ataque silábico conforme a faixa etária – Grupo Entrevistas 133
Tabela 50: Distribuição geral dos dados do rótico em ataque silábico conforme a ascendência para a terceira faixa etária – Grupo Entrevistas 134
Tabela 51: Distribuição geral dos dados do rótico em ataque silábico conforme falantes de ascendência italiana da terceira faixa etária – Grupo Entrevistas..... 134

Tabela 52: Distribuição geral dos dados do rótico em ataque silábico para o falante ie41– Grupo Entrevistas 135
Tabela 53: Distribuição geral dos dados do rótico em posição de ataque silábico para falantes de ascendência italiana da terceira faixa etária – Grupo Entrevistas 137
Tabela 54: Distribuição geral dos dados de Contexto de Fala para a realização do rótico em posição de ataque silábico para falantes de ascendência italiana da terceira faixa etária – Grupo Entrevistas..... 137
Tabela 55: Distribuição geral dos dados das realizações do rótico em ataque para o Grupo Entrevista – Variáveis linguísticas para descendentes de italianos (3a faixa etária) 138
Tabela 56: Estimativas (em *log odds*) para emprego das variantes vibrantes em modelo de regressão logística, de efeitos mistos, em relação às variáveis previsoras sociais e linguísticas – Grupo Entrevista, descendentes de italianos da terceira faixa etária 139
Tabela 57: Distribuição geral dos dados para a realização do rótico em ataque silábico – Descendentes de italianos da 3ª Faixa Etária 140
Tabela 58: Anexo02 – Comparação entre os informantes da segunda faixa etária em relação ao Contexto de Fala (oclusivas dentais) – Grupo Entrevistas 163
Tabela 59: Anexo03 – Comparação entre os informantes da segunda faixa etária em relação ao Contexto de Fala (/r/ em coda) – Grupo Entrevistas 164

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Sumário baseado em outros trabalhos sobre fatores linguísticos e extralinguísticos condicionadores da realização das oclusivas /t/ e /d/ que favorecem a forma dental. 47
Quadro 2: Sumário baseado em outros trabalhos sobre fatores linguísticos e extralinguísticos condicionadores da realização de /r/ em coda silábica que favorecem o tepe 53
Quadro 3: Sumário baseado em outros trabalhos sobre fatores linguísticos e extralinguísticos condicionadores da realização do rótico em posição de ataque que favorecem a vibrante múltipla. 60
Quadro 4: Características dos informantes (Grupo Controle) 64
Quadro 5: Características dos informantes (Grupo Entrevistas) 65

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Número de habitantes em Louveira 23
Gráfico 2: Migração em Louveira 30
Gráfico 3: Realização das oclusivas de forma dental conforme a idade de cada falante – Grupo Entrevistas 97
Gráfico 4: Realização das oclusivas /t/ e /d/ de forma dental, conforme a faixa etária 108
Gráfico 5: Realização de /r/ em coda silábica como tepe para todas as faixas etárias 128
Gráfico 6: Realizações do rótico em posição de ataque como vibrante múltipla e tepe 142
Gráfico 7: Distribuição geral dos dados de todas as variantes observadas conforme a faixa etária.... 143

Sumário

1. INTRODUÇÃO 18
   1.1. O município de Louveira 21
   1.2. O povo louveirense 28
   1.3. Tensões socioeconômicas 31
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E TRABALHOS PRÉVIOS 36
   2.1. Características do Português Brasileiro no interior do estado de São Paulo 40
   2.2. As variáveis 43
      2.2.1. A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ 44
      2.2.2. A realização de /r/ em posição de coda silábica 48
      2.2.3. O rótico em posição de ataque silábico 54
3. METODOLOGIA 62
   3.1. As amostras de fala 62
      3.1.1. Amostra Grupo Controle 62
      3.1.2. Amostra Grupo Entrevistas 63
   3.2. Os informantes 64
   3.3. As entrevistas 67
   3.4. Os dados 69
   3.5. Sobre o modelo estatístico 75
4. RESULTADOS 79
   4.1. O Falar Louveirense 79
   4.2. Análise geral da fala louveirense 84
   4.3. Análise das oclusivas dentais /t/ e /d/ 88
      4.3.1. Realização das oclusivas /t/ e /d/ - Grupo Controle 88
      4.3.2. Realização das oclusivas /t/ e /d/ - Grupo Entrevistas 95
      4.3.3. Visão geral da realização das oclusivas dentais /t e /d/ 107
   4.4. Análise do /r/ em posição de coda silábica 109
      4.4.1. Análise do /r/ em posição de coda silábica - Grupo Controle 109
      4.4.2. Análise de /r/ em posição de coda silábica - Grupo Entrevistas 113
      4.4.3. Visão geral da realização de /r/ em posição de coda silábica 128
   4.5. Análise dos dados do rótico em posição de ataque silábico 129
      4.5.1. Realização do rótico em posição de ataque silábico – Grupo Controle 129
      4.5.2. Realização do rótico em posição de ataque silábico - Grupo Entrevistas 133
      4.5.3. Visão geral da realização do rótico em posição de ataque silábico 141
   4.6. Discussão dos resultados 142
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS 149

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 154

ANEXOS 162

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho investiga a correlação entre mudanças socioeconômicas e a variação e mudança linguística, a partir da perspectiva teórica e metodológica da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]). De forma a observar essa relação, a comunidade da cidade de Louveira/SP, próximo à cidade de São Paulo e à cidade de Campinas, foi escolhida para este estudo. Louveira foi, recentemente, apontada como o município de maior Produto Interno Bruto (PIB) per capita do estado de São Paulo e uma das melhores cidades do país para se viver. A vinda de grandes empresas para o município fez com que a dinâmica econômica em Louveira mudasse, passando de uma cidade caracterizada pela atividade agrícola a um grande polo logístico. São as possíveis mudanças linguísticas fruto dessa transformação que nos interessam neste trabalho.

Outras duas características relacionadas à cidade de Louveira merecem destaque: a forte influência de sua colonização italiana e a relação da cidade com o universo caipira. A temática caipira está associada à economia agrícola de tempos passados, a qual também é observada em muitas cidades do interior paulista, e à proximidade de Louveira com outras localidades inseridas no universo caipira, como a cidade de Piracicaba, a cerca de 90 quilômetros de Louveira. A comunidade piracicabana já foi estudada tanto por Rodrigues (1974), cujo objetivo de estudo foi registrar a fala de indivíduos moradores da zona rural da cidade, quanto por Leme (1994), ao registrar o dialeto de regiões de Piracicaba em que houve colonização italiana. Por conta da proximidade geográfica, nosso ponto de partida, para este trabalho, constou em verificar se as variantes linguísticas observadas por Rodrigues (1974) poderiam estar presentes em Louveira também.

Observando algumas das variáveis linguísticas estudadas por Rodrigues (1974), verificamos, em Louveira, que três delas apresentam variação: a realização das oclusivas /t/ e /d/ diante da vogal [i] (em palavras como “tia” e “dia”), a realização de /r/ em posição de coda silábica (em palavras como “porta” e “mar”), e o rótico em posição de ataque silábico (em palavras como “rato” e “carro”[1]). No Português Brasileiro, cada uma destas variáveis pode apresentar diferentes formas variantes:

[1] Palavras como “Israel”, em que o rótico não se encontra em posição inicial de palavra ou como “erre forte” (CAMARA JR., 1953), não serão consideradas para a análise do rótico em posição de ataque.

Tabela 1: Variáveis observadas neste estudo e suas variantes no Português Brasileiro

Variáveis observadas	**Formas variantes no Português Brasileiro**
Oclusivas /t/ e /d/ diante da vogal [i]	Dentais [t] e [d]; Africada alveolar [ts] e [dz]; Africadas [tʃ] e [dʒ].
/r/ em posição de coda silábica	Vibrante múltipla [r] Tepe [ɾ]; Variante retroflexa [ɹ]; Velar [x]; Aspirada [ɦ].
Rótico em posição de ataque silábico	Vibrante múltipla [r]; Tepe [ɾ]; Velar [x]; Glotal [h].

Cada uma dessas formas variantes é encontrada em diferentes comunidades, em diferentes condições sociais. Diferentes pesquisas, abordadas mais adiante, mostram que, quanto à dimensão linguística, os processos de variação linguística internos ao Português Brasileiro atuam de forma similar em todas as suas comunidades de estudo. Ou seja, o condicionamento linguístico opera de forma igual para todos os falantes. Processos de mudança linguística associados a fatores extralinguísticos (como aqueles de origem socioeconômica) mostram que as variáveis sociolinguísticas podem tomar caminhos diferentes em termos de formas variantes utilizadas pelos falantes. É esse eixo entre processos de variação existentes na correlação entre a própria estrutura linguística e processos sociais, apontados por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), que nos interessa neste trabalho.

Pensando em fatores extralinguísticos, a composição do espaço em que uma comunidade se encontra pode ser um ponto de partida para a análise linguística. Considerando as variáveis linguísticas por nós aqui estudadas, as variantes africadas [tʃ] e [dʒ], da variável oclusivas dentais /t/ e /d/, são mais observadas em área urbanas do que as variantes dentais [t] e [d] (PAGOTTO, 2001 ABAURRE e PAGOTTO, 2002; MATTÉ, 2009). A variante tepe [ɾ], da variável /r/ em posição de coda silábica, é observada na região central da cidade de São Paulo, enquanto a forma retroflexa [ɹ] é mais observada em sua região periférica (OUSHIRO, 2015). Já na cidade de Campinas[2], uma das mais populosas do estado de São Paulo, a variante retroflexa [ɹ] é a forma predominante na fala dos campineiros (LEITE, 2010). A variante vibrante múltipla [r], para a variável rótica em posição de ataque silábico, é observada na

[2] PIERANGELI, G. Campinas é a 14ª maior cidade do país em população; RMC concentra 1,5% da população brasileira. CBN Campinas, Notícias, 30 ago. 2016. Disponível em: < http://www.portalcbncampinas.com.br/2016/08/campinas-e-a-14a-maior-cidade-do-pais-em-populacao-rmc-concentra-15-da-populacao-brasileira/ >. Acesso em 28 jun. 2017.

região Sul do Brasil, mesma área em que se pode observar a variante tepe [ɾ] em comunidades fundadas por imigrantes de italianos ou alemães (COSTA e COTOVICZ, 2015). Essas variáveis e suas variantes serão abordadas mais detalhadamente adiante neste trabalho.

Assim como em Campinas (LEITE, 2004 e 2010), os louveirenses tendem à realização de /r/ em coda silábica de maneira retroflexa [ɹ]. Contudo, a avaliação dos louveirenses sobre seu dialeto mostra que esses acreditam que a realização de /r/ em coda não seria idêntica à campineira, ou à piracicabana. Durante nossa análise, destacamos comentários de nossos entrevistados em que a proximidade de Louveira com São Paulo, por exemplo, é usada como argumento para dizer que a fala louveirense não teria tantas marcas do falar do "interior paulista", em especial em relação à realização de /r/ em posição de coda silábica.

Pensando nisso, o objetivo deste trabalho reside em verificar a possibilidade do espalhamento de uma variante linguística a partir de centros urbanos: como a vinda de grandes empresas a Louveira poderia refletir a dinâmica de um grande centro urbano como São Paulo, que se encontra a 71 quilômetros de distância de Louveira, em termos linguísticos? Nossa hipótese é a de que a proximidade com São Paulo, associada à mudança no perfil da economia na cidade, levaria a uma aproximação linguística com o grande centro: a variante tepe [ɾ] para a posição de coda silábica. O ponto de partida para essa análise foi a realização de /r/ em posição de coda silábica, porém, como outras variáveis linguísticas também foram quantificadas em nossa pesquisa, podemos pensar na variante africada palatal também estando associada à mudança no perfil da cidade e ao espalhamento de traços a partir de São Paulo. As mudanças econômicas vão corresponder à implementação de traços associados às grandes áreas urbanas do Sudeste. A hipótese é a de que São Paulo serviria como modelo. Nesse caso, espera-se que o tepe alveolar e a africada estejam se espalhando para a cidade.

A vinda de grandes empresas para o pequeno município acabou por determinar o planejamento urbano da cidade: houve uma divisão específica de áreas para o estabelecimento de novas empresas e indústrias, de zonas destinadas à habitação e de áreas protegidas ambientalmente. Logo, a mudança da atividade econômica ocasionou transformações no espaço louveirense, e foi a partir do estabelecimento desse desenho que buscamos entender a relação entre as transformações econômicas e a variação linguística. Com essas informações em mente, o trabalho foi assim estruturado:

O capítulo 01 apresenta algumas características de Louveira, trazendo para o debate central a organização do espaço definida a partir da vinda das empresas para a cidade (as tensões econômicas que transformaram a cidade nas últimas décadas). Também apresentamos, a fim de refletirmos sobre as mudanças por que Louveira passou, algumas

informações econômicas que auxiliam no entendimento da dinâmica social da cidade. Esse capítulo é finalizado com um breve subtópico relacionado à maneira pela qual comunidades rurais passam por processos de urbanização.

O segundo capítulo apresenta os pressupostos teóricos que servem de base para a realização desta pesquisa. A metodologia de pesquisa sociolinguística (LABOV, 2008 [1972]) é apresentada junto a alguns conceitos importantes da Sociolinguística e da teoria da mudança linguística, proposta por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]). Trabalhos prévios, que dialogam com as variáveis linguísticas que são objeto de estudo em nossa pesquisa, também são explorados nesta seção.

O capítulo seguinte aborda o procedimento metodológico de nossa pesquisa. A metodologia é apresentada com detalhamento sobre a maneira pela qual a entrevista sociolinguística foi realizada, bem como sobre o perfil dos informantes que dela participaram. O tratamento dos dados levantados também faz parte desta seção, explicando como foi feito seus registros e análises após as entrevistas sociolinguísticas.

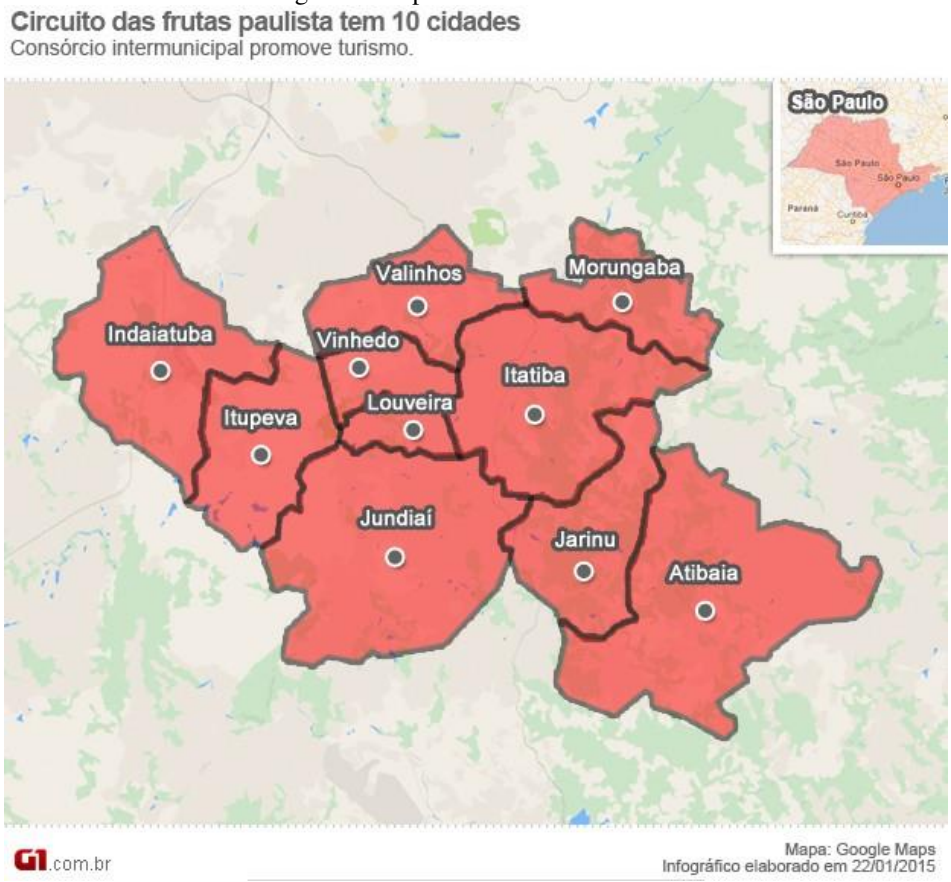
A seguir, no capítulo 04, os resultados das análises são apresentados. Abrimos a seção com uma análise geral da fala louveirense e, após, abordamos as três variáveis linguísticas que são o objeto central de nosso estudo: a realização das oclusivas /t/ e /d/ diante de [i], a realização de /r/ em coda e a realização do rótico em posição de ataque silábico. A discussão desses resultados é feita conforme os resultados são apresentados, mas há, também, um subtópico que fecha a seção com reflexões mais gerais sobre os resultados obtidos.

Ao término, as relações entre as mudanças econômicas e a variação linguística são debatidas. Os resultados sinalizam que a mudança econômica apresenta correlação com a variação linguística dos louveirenses, para as variáveis sociolinguísticas aqui observadas, e este é o tema abordado no fechamento deste trabalho, bem como a sugestão de trabalhos futuros.

1.1.O município de Louveira

Emancipado em 21 de março de 1965, o município de Louveira está localizado no estado de São Paulo, na Aglomeração Urbana de Jundiaí, próximo à região metropolitana de Campinas. Dista a 71 quilômetros da capital paulista, São Paulo, e a 27 quilômetros da cidade de Campinas – terceira mais populosa cidade do estado de São Paulo:

Figura 1: Mapa do Circuito das Frutas



Fonte: Filippi (2016)

No ano de sua emancipação, Louveira separou-se da cidade de Vinhedo. Os dois municípios, juntos, correspondiam ao território de Rocinha, uma das vilas da Jundiaí colonial (elevada à categoria de Distrito em 1908)[3]. Seus principais habitantes eram, por volta de 1950, famílias de descendência italiana – o que pode ser observado, hoje em dia, em nomes de ruas e bairros da cidade. Em áreas menos populosas, muitas fazendas, principalmente de uva, ainda podem ser encontradas, mas não na mesma proporção da época da emancipação, em que a agricultura era a principal fonte econômica para os louveirenses. Dados do IBGE (2014) mostram a atual população da cidade, aproximadamente, em número de 45.000 habitantes. Observa-se crescimento contínuo da população, sem períodos de estagnação ou declínio:

[3] Para mais detalhes sobre o percurso histórico por que Rocinha passou, confira: MORALES e MOI, 2008; OLIVEIRA, 2014; PREFEITURA DE LOUVEIRA, 2014; JNON, 2015; BRETENITZ, 2016; OLIVEIRA e MORENO, 2016; CÂMARA MUNICIPAL DE LOUVEIRA, 2017 e PREFEITURA DE JUNDIAÍ, 2017.

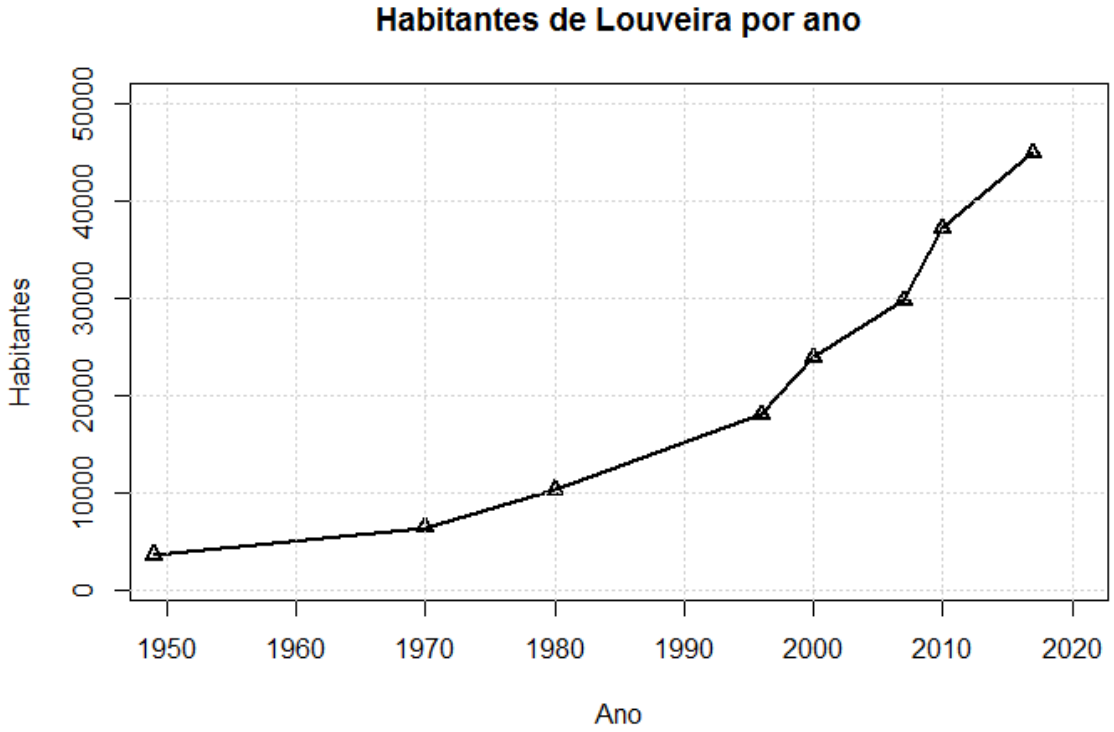


Gráfico 1: Número de habitantes em Louveira
Fonte: adaptado de IBGE (2017) e JORNAL DE JUNDIAÍ (2014)

Louveira encontra-se às margens da rodovia Anhanguera e a poucos minutos do acesso à rodovia Bandeirantes – duas das principais vias de transporte e escoamento de produtos do estado de São Paulo. Tal característica fez com que a região fosse escolhida por muitas indústrias para a instalação de centros de produção e distribuição, o que impulsionou a procura por moradias nas cidades do Circuito das Frutas.

A localização estratégica da cidade tornou-se primordial para seu desenvolvimento econômico. De forma a incentivar a vinda de grandes empresas ao município – principalmente de empresas de logística e distribuição que poderiam utilizar as facilidades encontradas pelas rodovias próximas –, a prefeitura da cidade promulgou, em 2002[4], uma lei de incentivos fiscais a grandes empresas, propiciando o estabelecimento de importantes multinacionais (como Procter and Gamble, DHL, dentre outras empresas) na cidade. Isso intensificou o fluxo de paulistanos e campineiros - em especial – junto à região de Louveira.

Os reflexos dessa mudança para a atividade econômica não tardaram a aparecer. Muitos migrantes nordestinos – por conta das oportunidades de trabalho que então surgiram na cidade de Louveira – instalaram-se no Bairro Santo Antônio, uma das regiões da cidade a

[4] Lei Complementar nº 1.551/2002, Lei Complementar nº 1.602/2002 e Lei Complementar n°1.797/2006: Incentivos Fiscais.

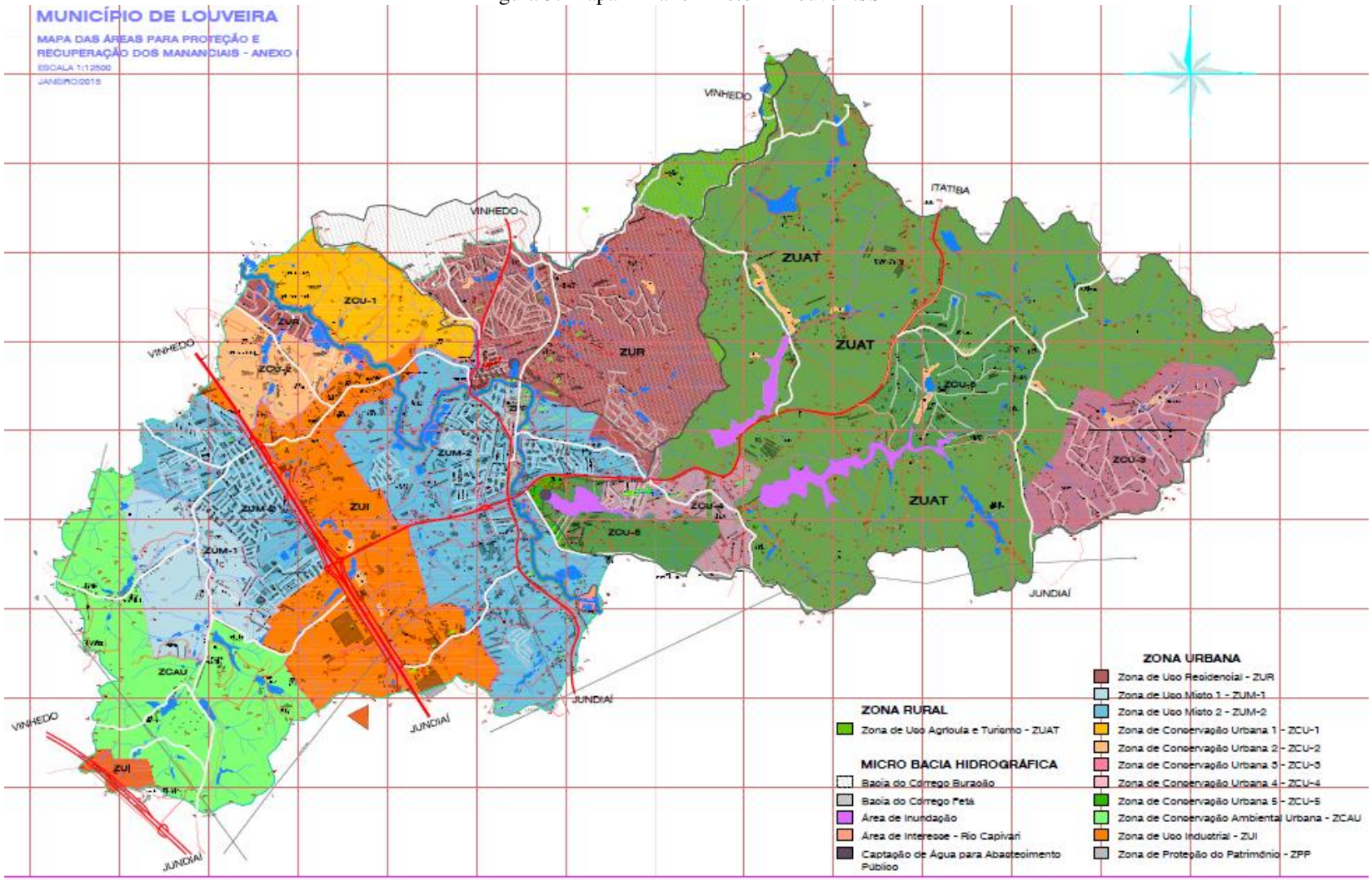
ser descrita neste trabalho. Diversos condomínios fechados são encontrados no centro da cidade, muitos com moradores advindos da cidade de São Paulo. A região que permaneceria menos alterada por conta dessas mudanças seria a região de Zona de Uso Agrícola e Turismo (ZUAT), que contém pequenos núcleos urbanos, mas conta com boa parte de sua área protegida ambientalmente. Para melhor ilustrar Louveira, no mapa abaixo, a Área 01 equivale ao que é conhecido por Centro da cidade; a Área 02, ao Bairro Santo Antônio; e a Área 03, à região de predominância rural:

Figura 2: O município de Louveira/SP

Fonte: adaptado de Google Maps (2015)

A estrada laranja, no mapa acima, que divide a área 01 da área 02, é a rodovia Anhanguera. Cada uma das três regiões possui a ocupação de seu espaço de forma diferenciada, sendo algumas áreas mais destinadas à habitação e outras, à indústria e ao comércio. O Plano Diretor da cidade pode auxiliar na visualização dos detalhes da cidade, conforme disposto a seguir:

Figura 3: Mapa – Plano Diretor – Louveira/SP



Fonte: Prefeitura de Louveira (2016)

Na figura do Plano Diretor do município, pode-se perceber que quase metade do município é classificada por Zona de Uso Agrícola e Turismo (ZUAT). As regiões de cor laranja próximas à rodovia Anhanguera são Zonas de Uso Industrial (ZUI). Das outras áreas, ressaltamos dois tipos de zonas: as áreas azuis, tidas como Zona de Uso Misto (ZUM), contemplam territórios destinados ao uso residencial e comercial; as zonas de cor roxa são tidas como Zonas de Uso Residencial (ZUR) e são encontradas apenas na região central da cidade. Não há no Bairro Santo Antônio uma zona destinada apenas à habitação. A ocupação do território é feita de maneira distinta para o Bairro Santo Antônio e o Centro, e esse é um fator importante que será discutido a seguir.

As características socioeconômicas encontradas em grandes cidades são observadas, também, em Louveira. São elas que justificam a escolha dessa comunidade para um estudo linguístico – em especial, o estudo que aqui se realizou. Esses fenômenos serão descritos a seguir, de forma a familiarizar o leitor com a cidade:

- Área 01: conhecida pelos louveirenses como "Centro", é constituída em sua maior parte por condomínios fechados. Região com muitos habitantes da época da emancipação do município e com muitas pessoas advindas de cidades vizinhas ou da capital São Paulo;
- Área 02: conhecida como Bairro Santo Antônio – comumente referida apenas como "Bairro", ou ainda como "Quebra", por alguns moradores -, com forte presença da migração nordestina. Muitas de suas áreas rurais foram divididas em loteamentos;
- Área 03: contém diferentes bairros tradicionais da cidade, alguns constituídos por famílias descendentes de imigrantes italianos. A cultura italiana é reforçada em diferentes eventos festivos - como a Festa Italiana – que acontece nesses locais. Possui muitas plantações e fazendas – em sua maioria, de uva, além de comportar as atividades turísticas do chamado "Turismo Rural", proporcionadas pela cidade.

Os fatos até então retratados mostram efeitos esperados de migração urbana, entretanto indicadores econômicos são os responsáveis por caracterizar o município como um local de destaque. No ano de 2012, segundo G1 (2012), a cidade de Louveira foi avaliada como a quarta melhor cidade para se morar no Brasil. Em 2014, conforme Amaral (2014) e Prates (2014), o município foi classificado como o mais desenvolvido do país – em uma análise que empregou como critério o PIB per capita[5]. Em 2015, de acordo com o índice Firjan de Desenvolvimento Municipal (IFDM), elaborado pela Federação das Indústrias do Rio de Janeiro, Louveira foi considerada a terceira cidade mais desenvolvida do Brasil e a primeira

[5] Produto Interno Bruto dividido pela quantidade de habitantes de uma região.

do estado de São Paulo (INFORMATIVO PTB, 2016, p. 08). Louveira também foi eleita a melhor cidade com menos de 50 mil habitantes do País em sustentabilidade financeira (JORNAL DE JUNDIAÍ, 2015). Tais condições foram retratadas em reportagens de diferentes veículos de comunicação[6], nas quais se destaca o grande número de oportunidades de emprego na cidade. Sendo o desenvolvimento econômico de suma importância para o cenário atual da cidade, é necessário verificar como as atividades econômicas são desempenhadas pelos louveirenses:

Tabela 2: Dados sobre deslocamento em Louveira

Deslocamento		
Atividade dos habitantes	**TOTAL de habitantes**	**Detalhes**
Escola	**10199**	
	8150 pessoas (80%)	em Louveira
	2049 pessoas (20%)	em outro município
Trabalho	**21162**	
	16777 (80%)	em Louveira
		4980 pessoas em indústrias
		2223 pessoas no comércio
		1355 pessoas no transporte
		1152 pessoas na construção
	4065 (19%)	em outro município
		1161 pessoas em indústrias
		739 pessoas no comércio
		369 pessoas no transporte
		159 pessoas na construção
	320 (01%)	em dois ou mais municípios
		49 pessoas em indústrias
		89 pessoas no comércio
População total (2010)	37125	
Pessoas não consultadas	5764	

Fonte: Adaptado de IBGE (2017)

[6] Reportagem do programa Globo Repórter em 2013. Disponível em: < http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2013/05/salarios-disparam-no-interior-de-sao-paulo-e-empresarios-fazem-de-tudo-para-atrair-empregados.html >. Acesso em 03 de maio de 2015. PACÍFICO (2015).

Os números acima mostram que 80% dos estudantes louveirenses estudam em escolas do próprio município. Em relação aos trabalhadores louveirenses, 80% exercem atividade profissional na própria cidade. Os números mostram que boa parte dos louveirenses desenvolve suas atividades de estudo ou trabalho no próprio município. As estatísticas do Cadastro Central de Empresas de 2013 (IBGE, 2017) mostram que o município possui 1248 empresas atuantes, com 21.284 pessoas ocupadas no município – número muito próximo ao apresentado na Tabela 02 anteriormente apresentada. Dos municípios da região do Circuito das Frutas, Louveira é o que conta com o menor número de empresas, porém registra a maior arrecadação. Sobre Louveira, observamos, então, não se tratar de uma cidade dormitório, posto que a maioria de seus habitantes trabalha e estuda na cidade, além de contar com infraestrutura para estudo e trabalho. Vejamos quem são aqueles que vivem em Louveira.

1.2.O povo louveirense

Pode-se pensar o nascimento da sociedade louveirense a partir da emancipação de seu município. Esse será o ponto de partida para contextualizarmos brevemente os indivíduos que moram na cidade. A Câmara Municipal de Louveira conta com o Museu Digital Professor José Ademir Tasso, que possui um grande acervo de fotos, notícias de jornais e entrevistas sobre a cidade e seus moradores.

A história de alguns moradores mais antigos da cidade, a maioria desses sendo ex-vereadores e ex-prefeitos, pode ser encontrada no Museu Digital da Câmara de Louveira[7] em curtas entrevistas datadas de 2013 e 2014. Nesse Museu, encontram-se relatos que ajudam a entender um pouco sobre como a cidade se transformou, de um afastado bairro pertencente a outra cidade da região, em uma das cidades mais ricas do país.

Durante 12 legislaturas, a grande maioria dos vereadores da cidade foi representada por famílias tradicionais da cidade. Muitos vereadores eleitos faziam parte das festas da cidade e das comissões da igreja. O encontro entre os habitantes se dava, principalmente, nesses locais, pois associações religiosas e clubes eram os locais em que as famílias da região poderiam interagir umas com as outras. Foi dessa maneira que surgiram a comissão para a emancipação do município e, anos após, os encontros de finalidade política.

Moradores que prestavam auxílio em seus bairros, principalmente naqueles bairros mais afastados do centro, eram eleitos a fim de ajudar a trazer mudanças para as comunidades

[7] Entrevistas disponíveis em: http://museudacamara.com.br/mdpjat/index.php/acervo-municipal/legislaturas-municipais.

mais distantes. Importantes obras, como o hospital da Santa Casa de Louveira, o cemitério municipal, a construção das principais escolas do município e a organização das festas tradicionais da cidade, foram planejadas por esses entrevistados. Nesses relatos, o que se observa é que as famílias tradicionais, representadas por esses membros, foram em quase toda a história louveirense as responsáveis pela edificação da cidade e pela decisão do andamento dela. Os relatos dos louveirenses de famílias tradicionais diferem, conforme observamos em algumas das entrevistas do Museu Digital da Câmara, dos relatos de vereadores eleitos que não eram da cidade – os quais sentiram resistência por parte de seus colegas ao tentar aprovar algum novo projeto de lei.

Em 2009, houve a mudança do nome da Câmara Municipal para "Palácio dos Emancipadores"[8] (e vale ressaltar que, ainda hoje, muitas homenagens[9] continuam sendo feitas aos emancipadores do município). Tal acontecimento visou preservar a história da cidade de Louveira, mas é interessante se perguntar até que ponto essa nova nomenclatura também faz frente a "o que vem de fora".

Entre os louveirenses, pode-se dizer que sempre houve polarização entre o centro da cidade, a que os moradores comumente se referem como "Louveira" ou "Centro", e o Bairro Santo Antônio, a que os moradores se referem como "Bairro" ou "Quebra". O segundo termo é mencionado em algumas das entrevistas sociolinguísticas realizadas para este trabalho e teria sua origem por conta do "bairrismo" entre moradores dessas duas áreas.

Esse quadro teria se modificado com o passar dos anos, principalmente pela migração ao município, devido às oportunidades de emprego e à boa infraestrutura da cidade, como pode ser observado a seguir:

---

[8] Lei 2.031, de 29 de Dezembro de 2008. Disponível em: < http://consulta.siscam.com.br/camaralouveira/arquivo?id=27855 >. Acesso em 05 jul. 2017.

[9] LOUVEIRA. Homenagem aos emancipadores de Louveira reúne mais de 300. Disponível em: < http://louveira.sp.gov.br/site/conteudo/2183/homenagem-aos-emancipadores-de-louveira-reune-mais-de-300 >. Acesso em 05 mai. 2016.

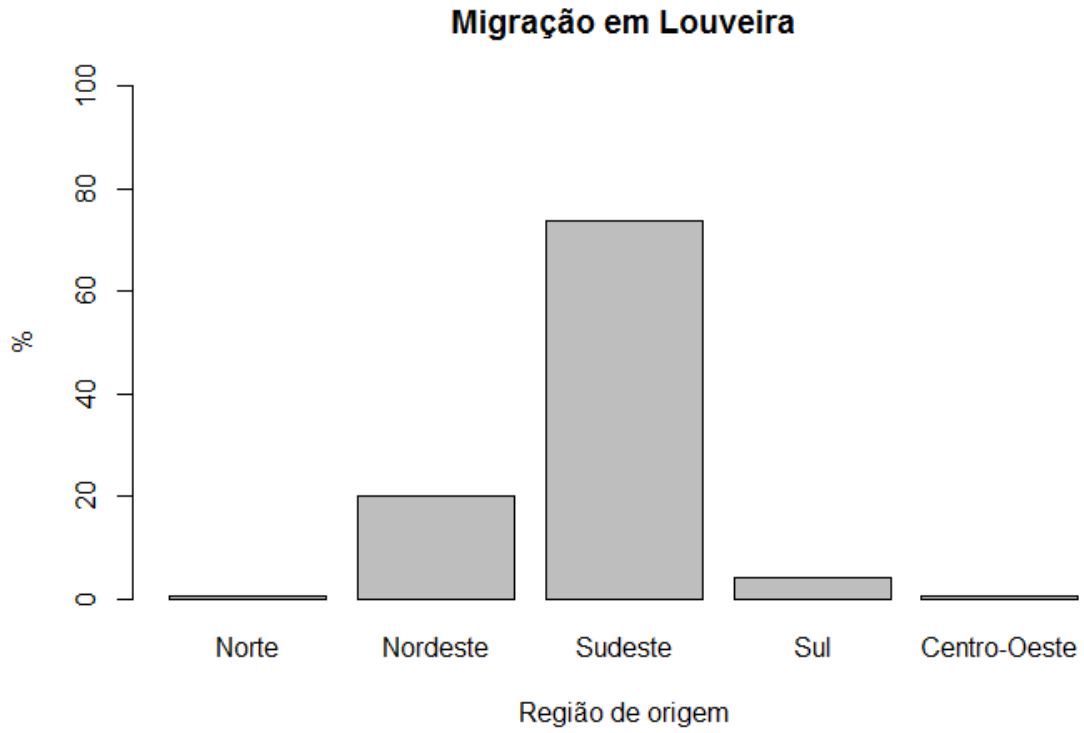


Gráfico 2: Migração em Louveira
Fonte: Adaptado de IBGE (2017)

Há forte presença de migrantes da região Sudeste na cidade de Louveira. A migração nordestina é vista como marcante na região do Bairro Santo Antônio, como um caldeirão cultural por conta da migração (GUIN, 2014). Em uma reportagem do Jornal de Jundiaí (2015), é dito que no bairro Santo Antônio residem cerca de 25 mil pessoas, e que, desses habitantes, 13 mil são migrantes nordestinos. Em 2012, a cidade passou a realizar uma nova festa anual: a Festa Nordestina. Assim, a tradicional Festa da Uva, relacionada aos tempos de grandes colheitas nos milhares de metros quadrados destinados apenas a plantações, deixa de ser a única atração principal da cidade. É necessário lembrar que existem outras festas tradicionais, como a Festa da Primavera e a Festa da Abadia (no bairro da Abadia, de influência italiana, local em que se encontra o Museu da Imigração).

Além da divisão geográfica, demarcada por uma rodovia cortando a cidade em duas áreas (Bairro e Centro), e do tipo de ocupação do território (como visto anteriormente no Plano Diretor), os moradores de cada região são de diferentes perfis: de um lado, migrantes, de outro, moradores antigos da cidade. Ainda que os louveirenses apresentem essa diversidade, todos fazem parte da mesma cidade e puderam sentir, de uma maneira ou de outra, as mudanças econômicas trazidas pela vinda de grandes empresas ao município. Houve

mudanças na oferta de empregos da cidade, assim como em seu planejamento urbano; mudanças de que trataremos a seguir.

1.3.Tensões socioeconômicas

A vinda das empresas para Louveira começou há trinta anos, aproximadamente e as transformações econômicas impulsionaram a vinda de mais moradores para a cidade. Conforme disposto no Informativo PTB (2016, p. 09), projetos de lei vêm auxiliando na manutenção da economia da cidade, dos quais destacamos: "em dezembro de 2013, a Lei Geral da Micro e Pequena Empresa (Lei Complementar nº 2.333) foi criada e aprovada, o que serviu de base para realizar decretos para melhoria dos processos administrativos referentes à desburocratização das empresas" e "em 2015 foi criada uma nova legislação de incentivos fiscais (Lei Complementar nº 2.489), que dispõem descontos no IPTU para empresas, de acordo com tabela escalonada, ou seja, quanto maior faturamento maior o desconto"[10].

O Plano de Mobilidade Urbana Sustentável da cidade (PREFEITURA DE LOUVEIRA, 2016), em seu diagnóstico técnico, aponta as seguintes características de Louveira:

- Uma cidade de elevado PIB, mas cuja população não possui renda média similar. Mais de 70% dos empregos oferecidos em Louveira têm salário de até R$ 2.000,00;
- Por conta da imigração, tem crescimento populacional maior que as outras cidades da região. A população urbana apresentou crescimento de 5% nos últimos anos, enquanto que a população rural apresenta porcentagem negativa, - 3,37% de crescimento ao ano;
- É importante polo logístico e industrial. O destaque é dado à Indústria de Transformação (36% dos empregos gerados), à área de Transporte e Logística (25% dos empregos da cidade), ao Comércio (17% dos empregos da cidade), e à Administração do Setor Público (correspondendo a 9,6% dos empregos). Vale a pena ressaltar que Louveira é uma das cidades da região com o melhor salário para cargos concursados;
- Forte identidade regional e rural;

[10] Há também menção ao programa PROMIF – Programa Municipal de Incentivo à Fruticultura, iniciativa inédita no País, em que cerca de 130 propriedades recebem R$ 4 mil/ano por hectare para manter e expandir a fruticultura (INFORMATIVO PTB, 2016, p. 10). Houve grande crescimento no setor de Turismo da cidade, sendo que "em 2014, mais de 200 mil pessoas passaram pelos 13 empreendimentos turísticos rurais da cidade" (INFORMATIVO PTB, 2016, p. 11). A cidade também foi premiada como a melhor cidade do Brasil em sustentabilidade financeira.

- Núcleos urbanos segregados. Faz-se menção aqui à região do Bairro Santo Antônio, ao Centro e a regiões mais afastadas, como o bairro do Monterrey e o do Arataba;
- Elevada capacidade de investimento público.

As características acima são decorrentes da mudança de atividade econômica na cidade ao longo dos anos. O desenvolvimento econômico também impulsionou o aumento da população e, consequentemente, mudanças no território. Por essa razão, é interessante pensar em como a cidade poderia ter sido organizada antes da vinda das empresas.

Um estudo clássico que explora a ocupação do território no universo caipira é o trabalho de Candido (2010 [1964]), que foi desenvolvido nos municípios de Piracicaba, Tietê, Porto Feliz, Conchas, Anhembi, Botucatu e Bofete, todos no interior paulista. Com o intuito de entender a transição do rural ao urbano, em que o caipira passa de aglomerações populacionais menores a aglomerações maiores, não se pode deixar de lado a maneira pela qual o espaço urbano é concebido e visto por habitantes de áreas rurais. Dentre as diferentes características levantadas por Candido (2010 [1964]), chamou-nos a atenção uma em particular: os tipos de povoamento. Podemos pensar as comunidades rurais, ou caipiras, como povoamentos dispersos. Para Candido (2010 [1964], p. 72), o tipo de povoamento definiria a forma de sociabilidade, as relações sociais, entre seus habitantes. A ocupação do território está relacionada às condições de trabalho: por exemplo, o "centro" de uma cidade apresenta maior possibilidade da troca de mercadorias e valores por determinados bens ou serviços. Essa dinâmica é diferente se comparada à de áreas afastadas do centro da cidade, em que há menos opções de mercadorias e serviços disponibilizados. Candido (2010 [1964], p. 76) aponta que, na área paulista, "os grupos rurais de vizinhança [...] se chamaram sempre bairro", e que "esta é a estrutura fundamental da sociedade caipira, consistindo no agrupamento de algumas ou muitas famílias, mais ou menos vinculadas pelo sentimento de localidade, pela convivência, pelas práticas de auxílio mútuo e pelas atividades lúdico-religiosas".

Outra nomenclatura interessante é levantada por Candido (2010 [1964], p. 77): "Nos documentos velhos paulistas, *bairro* sempre aparece como divisão administrativa da freguesia, que o é por sua vez da vila. Esta era sede de Câmara e paróquia e cabeça de todo o território, quase sempre vasto". Embora a grande extensão territorial não se aplique à cidade de Louveira, é interessante observar que a primeira unidade administrativa louveirense, de onde se irradiou a urbanização, foi o bairro da Vila Pasti, até hoje chamado pelo mesmo nome. Nesse mesmo tempo, haveria o Bairro Santo Antônio a alguns quilômetros de distância. Fato interessante a ser reforçado é que a região do Bairro Santo Antônio, em

Louveira, não corresponde única e exclusivamente a um só bairro, mas ao conjunto de bairros - como unidades administrativas –, tais como Burch, Jardim Amazonas, Altos da Colina, Jardim São Francisco, Jardim Esmeralda, dentre outros. Da mesma maneira, o Centro também é composto por unidades administrativas, como Vila Nova, Vila Pasti, Vila Bossi, etc. Candido (2010 [1964], p. 79) aponta que o bairro, além da marcação territorial, "se caracteriza por um segundo elemento, o sentimento de localidade existente nos seus moradores". Esse nos parece ser o caso dos cidadãos louveirenses, principalmente em momentos de fala que indicam o deslocamento de um lado a outro da cidade: "vou lá no Centro", ou "tô vindo do Bairro".

A industrialização é responsável pelas grandes mudanças no espaço de uma cidade. No caso de Louveira, as aglomerações populacionais menores passam a se unir a aglomerações maiores seja pela abertura de novos loteamentos (como observados na região do Bairro), seja pela abertura de novos comércios ou indústrias. O que causa a urbanização do espaço é a dinâmica econômica. Louveira deixa de apresentar as características apontadas por Candido (2010 [1964]) quando as empresas se instalam em seu território. Com as mudanças, a interação dos louveirenses dentro de sua cidade muda, alterando não apenas o espaço, mas também sua dinâmica de vida.

As cidades são "centros de vida social e política onde se acumulam não apenas as riquezas como também os conhecimentos, as técnicas e as obras (obras de arte, monumentos)" (LEFEBVRE, 2001, p. 12). O "valor de uso", as características relacionadas à utilidade específica de um produto ou serviço, auxilia no entendimento de como o indivíduo consome a cidade. Para o indivíduo, a realidade urbana tem um "valor de uso", pois tal realidade se apresenta ao indivíduo conforme a troca de valor que esse pode propiciar à industrialização; ou seja, como cada indivíduo se encaixa no plano de trabalho da cidade: por exemplo, afastado da cidade, isto é, nos subúrbios, o proletariado fica a serviço das indústrias e distante da "obra da cidade". Existe, assim, um "consumo da cidade" em que os habitantes seriam consumidores de espaço. Há vários tipos de redutos, dos operários aos intelectuais; o lazer, as residências e outros segmentos têm seus guetos também. Essa observação faz com que as relações entre classe e propriedade, a relação entre diferentes grupos, mereçam um olhar especial para o entendimento da estrutura das cidades.

Determinados centros urbanos têm influência dentro de uma rede de cidades. Essa influência seria realizada pela forma de um "tecido urbano" (LEFEBVRE, 2001, p. 18), composto de um sistema de objetos (eletricidade, gás, etc.) e outro de valores (festas, danças, etc.). Lefebvre (2001, p. 20) chama de "ilhas de ruralidade" as localidades que não teriam sido

sobrepostas por esse tecido, mas que resistiram a ele de alguma maneira. "Geralmente a juventude contribui ativamente para esta rápida assimilação das coisas e representações oriundas da cidade" (LEFEBVRE, 2001, p. 18). A organização do espaço urbano vai além da simples arrumação do município; também ajuda a mostrar como uma sociedade se projeta sobre o território e como as relações entre diferentes grupos serão realizadas. A maneira de circulação e disposição de serviços, instituições sociais, aos habitantes também traz reações dos habitantes: os espaços são, assim, reconstituídos por aqueles que os frequentam.

A maneira pela qual o indivíduo consome a cidade está ligada à ocupação do território, explicando o porquê de encontrarmos determinados tipos de comércio e de habitações em uma região específica da cidade. Por exemplo, há muitas casas feitas com a finalidade de aluguel no Bairro Santo Antônio. Mas, também, há novos loteamentos irregulares espalhados por toda a cidade (PREFEITURA DE LOUVEIRA, 2017). Um dos casos que ajudam a ilustrar esse fenômeno é a criação do bairro da Vila da Conquista, conforme narrado por um louveirense em uma de nossas entrevistas sociolinguísticas: uma região usada como fazenda teve seu terreno dividido em lotes irregulares e vendidos a pessoas que se mudaram para Louveira. Quando a prefeitura do município tomou conhecimento do que estava ocorrendo, o número de residências construídas já era muito grande. Houve tentativa de reintegração de posse, mas sem sucesso devido à resistência dos moradores do local. Foi devido a essa "conquista" que o novo bairro assim foi batizado. Não somente outras fazendas estariam tendo o mesmo destino, mas também essa mesma situação já haveria ocorrido em outras localidades antes "muito verdes", mas agora palco para diferentes bairros e vilas, todos recentes e nomeados fora do plano diretor da prefeitura.

Pagotto (2014, p. 153), ao discorrer sobre o urbanismo e sua relação na variação linguística de uma comunidade, ressalta a importância de se pensar a cidade e seu planejamento como fatores que operam nas formas de discurso. Como exemplo, cita a cidade de Sorocaba/SP, também situada no interior do estado de São Paulo, cujas características agrícolas passaram a um "projeto industrial" (PAGOTTO, 2014, p. 154). Contudo, para além das estatísticas econômicas, o que Pagotto (2014) observou foi a maneira pela qual as paisagens urbanas contam diferentes histórias; como diferentes faixas etárias, por exemplo, veriam um mesmo local, seja ele uma praça, seja uma igreja, seja ainda uma loja da cidade.

Essas memórias, relacionadas a um mesmo local, mas de diferentes profundidades conforme a faixa etária de seus informantes, mostram como existe uma "sucessão de camadas de sedimentos imaginários" (PAGOTTO, 2014, p. 157) por toda uma comunidade. Em um

pequeno trecho, Pagotto (2014, p. 160) resume o que se tenta colocar como questão nesta apresentação sobre Louveira:

> quando se admira a profusão de formas em variação que pode uma cidade comportar, deve-se ter em mente que há também uma profusão de cidades que a cidade comporta. E uma ou outra dessas cidades pode se tornar dominante num certo momento, do mesmo modo que uma ou outra forma linguística

Uma única cidade, desta maneira, possui diferentes camadas de memória (ou, como posto por Lefvreve [2001], diferentes tecidos urbanos sobrepostos em uma mesma localidade). Encontrar a "cidade dominante" (como posto por Pagotto [2014, p. 160]), talvez, seja a melhor maneira de explicar a variação linguística de seus moradores.

A transformação da cidade é também a transformação de seus moradores. Podemos tomar as fazendas de Louveira como exemplo. A dinâmica da cidade, que girava em torno desse tipo de atividade econômica, muda conforme suas áreas verdes dão lugar a indústrias, a loteamentos e a novos comércios. O que hoje é um pequeno prédio já foi certa vez um pedaço de terra em que se cultivavam uvas; a rua em que se jogava futebol é hoje espaço de manobra para caminhões; o sítio de um conhecido é hoje vizinho de um galpão siderúrgico. E, talvez, as variáveis linguísticas também ajudem a contar histórias parecidas com essas.

Assim, temos um bairro que se tornou cidade, um espaço que reivindicou um nome, com forte influência italiana e com dinâmica econômica de base agrícola. Com a vinda de grandes empresas, o desenvolvimento econômico do município é acentuado e nos leva a questionar: quais traços do dialeto caipira estariam presentes nos louveirenses após essa mudança? A pergunta é pertinente uma vez que Louveira é entrecortada por uma das principais rodovias do estado de São Paulo, a qual liga dois grandes centros urbanos muito próximos: São Paulo e Campinas. Dessa teia urbana, a ligação entre grandes centros urbanos em que Louveira se encontra, vem nossa hipótese de traços linguísticos urbanos que se infiltraram nessa comunidade, o que também explica nossa curiosidade em verificar quais deles possam estar em variação.

Assim exposto, vejamos os pressupostos teóricos e os trabalhos prévios que dão base à nossa pesquisa.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E TRABALHOS PRÉVIOS

Segundo Saussure (2006, p. 17), “a língua é um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”. Esses indivíduos utilizam um sistema de comunicação oral, ou seja, uma língua, e se organizam em sociedade (ALKMIM, 2005, p. 21). No âmbito da variação e da mudança linguística, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 108) apresentam a concepção de língua como um sistema heterogêneo ordenado, o que pode ser observado em todos os níveis linguísticos (fônico, morfológico e sintático): um "conjunto de subsistemas que se alternam de acordo com um conjunto de regras co-ocorrentes enquanto dentro de cada um desses subsistemas podemos encontrar variáveis individuais que covariam mas não co-ocorrem estritamente".

Como posto por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 104), "um código ou sistema é conhecido como um complexo de regras ou categorias inter-relacionadas que não podem ser misturadas aleatoriamente com as regras ou categorias de outro código ou sistema". Assim, a variação linguística não apresenta uma troca de sistema de fala, mas sim variabilidade de elementos do sistema, chamados por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 105) de "variável linguística". Segundo essa visão, a variação não é entendida como um fato aleatório e irregular, mas sim como governada por padrões internos à língua e externos a ela, trazendo o funcionamento social para dentro da estrutura linguística.

Estudos diacrônicos (CASTRO, 2004; BUENO, 1967; MATTOS E SILVA, 2006; FARACO, 1996), por exemplo, mostram que o português contemporâneo difere, em aspectos sintáticos, fonológicos e morfológicos, do português falado antigamente. Como a língua se transformou ao longo dos anos? Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 34) afirmam que "uma teoria da mudança linguística afirmaria simplesmente que toda língua constantemente sofre alteração, e formularia fatores condicionantes sobre a transição de um estado de língua para um estado imediatamente sucessivo". Em sua proposta para uma teoria da mudança linguística, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 121-124) apontam fundamentos empíricos para que seja possível visualizar a variação linguística dentro da estrutura da língua. Esses são colocados sob a forma de cinco problemas:

a) Os fatores condicionantes: quais as condições possíveis para a mudança;

b) A transição: como a mudança passa de uma faixa etária à outra;

c) O encaixamento: como a matriz linguística em que uma variável linguística está encaixada muda com ela;

d) A avaliação: como a variável pode estar ligada a estereótipos linguísticos;

e) A implementação: como pressões do sistema da língua e da sociedade atuam sobre uma variável linguística.

Entende-se, então, que as alterações em uma língua não seriam aleatórias, mas sim que poderiam estar correlacionadas a algum fator. Esse fator poderia estar associado à própria língua ou a seus falantes, ou a uma correlação entre ambos, como observado na questão levantada por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 36): "como as mudanças observadas estão encaixadas na matriz de concomitantes linguísticos e extralinguísticos das formas em questão?". Os cinco problemas antes mencionados são eixos em que a variação e a mudança linguística podem ser explicadas. Os fatores condicionantes podem ser identificados na própria estrutura da língua, ou na comunidade em que os falantes estão inseridos. É interessante verificar que falantes de diferentes idades devem ser contemplados em uma pesquisa que vise observar a variação linguística, pois verificar como determinada variável sociolinguística se comporta de faixa etária em faixa etária pode indicar o estágio da mudança que está sendo observado. Diferentes perfis socioeconômicos de falantes ajudam a verificar questões relacionadas à comunidade de que fazem parte, o que permite não apenas visualizar, entre outras variáveis independentes sociais, a avaliação dos falantes em relação a formas variantes de uma variável, mas também verificar como pressões da sociedade podem estar ligadas à língua. Não obstante, entender como o sistema linguístico opera nos falantes de determinada comunidade é preciso para que seja possível verificar as pressões internas ao sistema da própria língua.

A interação entre língua e sociedade é um dos eixos de estudo da Sociolinguística. Bright (1966, p. 11. Tradução nossa[11]) defende que:

> Uma das principais tarefas da Sociolinguística é mostrar que a variação ou diversidade [linguística] não é, de fato, livre mas está correlacionada a diferenças sociais sistemáticas. Dessa maneira, e de outras mais amplas, a DIVERSIDADE linguística é precisamente o objeto da Sociolinguística.

Ter a variação ou diversidade linguística correlacionada a diferenças sociais sistêmicas é poder dizer que certas mudanças viriam de fatores externos à língua, sendo essa um sistema heterogêneo. Assim, a variação linguística pode estar correlacionada a variáveis independentes linguísticas e/ou extralinguísticas (WOLFRAM, 1969, p. 43).

[11] One of the major tasks of sociolinguistics is to show that such variation or diversity is not in fact 'free', but it correlated with systematic social differences. In this and in still larger ways, linguistic DIVERSITY is precisely the subject matter of sociolinguistics.

A variável linguística, para Labov (1966, p. 15. Tradução nossa[12]), é "uma classe de variantes que são ordenadas ao longo de uma dimensão contínua, cuja posição é determinada por uma variável independente linguística ou extralinguística". Essas variáveis linguísticas poderiam ser, por exemplo, um morfema ou fonema (LABOV, 1966, p. 15). Assim, uma variável linguística é representada por uma de suas variantes (WOLFRAM, 1969, p. 42).

É importante ressaltar a diferença entre os tipos de variáveis que são observados na literatura sociolinguística. Falou-se, anteriormente, sobre a variável linguística, que está ligada a suas variantes. Tomemos como exemplo dois estudos de Labov (2008 [1972]): um em Martha's Vineyard e outro em lojas de departamento de Nova York. No primeiro, o objeto de estudo foram os ditongos /ay/ e /aw/ e suas possíveis centralizações. No segundo, o objeto de estudo foi a realização de /r/ pós-vocálico, em posição medial e final de palavra, e seu possível apagamento. Nesses estudos, os ditongos /ay/ e /aw/ e a realização de /r/ são as variáveis linguísticas. Suas possíveis realizações são suas variantes: ditongos mais ou menos centralizados, no caso de Martha's Vineyard, e a realização ou o apagamento de /r/, no caso da cidade de Nova York.

Existem, ainda, as "variáveis independentes", comentadas anteriormente (LABOV, 1966, p. 15) que podem ser linguísticas ou extralinguísticas. Variáveis independentes linguísticas são aquelas sobre as quais o pesquisador levanta hipóteses de correlação, como os contextos fônicos ou posição na palavra, enquanto as variáveis independentes extralinguísticas são as características sociais, entre outras possibilidades, dos falantes que realizam determinada variável. Para ambos os estudos de Labov (2008 [1972]), por exemplo, uma das variáveis independentes linguísticas seria o contexto fônico subsequente e antecedente à variável sociolinguística - os ditongos /ay/ e /aw/ ou a realização de /r/. Um exemplo de variável extralinguística independente seria o sexo/gênero do falante que realizou a variável sociolinguística, essa sendo o objeto de estudo - os ditongos /ay/ e /aw/ ou a realização de /r/.

É necessário analisar os dados levantados em uma pesquisa sociolinguística de forma a verificar como a variação se comporta, o que nos leva à pergunta: como quantificar o comportamento e a variação linguística de forma a melhor analisar determinada variável? Labov (1966, p. 06-07) destaca alguns passos metodológicos:

> 1) Durante as entrevistas exploratórias, deve-se identificar e isolar as variáveis que carreguem significado social;

[12] […] is a class of variants which are ordered along a continuous dimension and whose position is determined by an independent linguistic or extra-linguistic variable.

2) Para cada variável, deve-se elaborar índices quantitativos que contenham suas medidas, ou seja, suas formas variantes;
3) Após registrar as falas, deve-se separar as amostras que serão analisadas estatisticamente;
4) Nas amostras selecionadas, deve-se fazer a separação dos estilos de fala (quando houver) em um contínuo de falas, das mais monitoradas às menos.

As variáveis independentes selecionadas podem variar de estudo para estudo, conforme seu objeto e objetivo. Uma das maneiras pela qual os dados são coletados para, em etapa posterior, serem analisados estatisticamente é a entrevista sociolinguística. O método de coleta dos dados pode variar conforme o tipo de dado que se deseja, podendo uma situação com maior monitoramento de fala, como a leitura de lista de palavras, também ser utilizada. Como posto por Labov (2008 [1972]), dentro da entrevista sociolinguística, haveria momentos na interação entre o pesquisador e seu informante/falante que se aproximariam do vernáculo, a fala a que o indivíduo menos prestaria atenção – ou seja, menos monitorada – e que estaria mais próxima da maneira mais natural de seu falar (em conversas com terceiros, ou quando fala sobre brincadeiras de infâncias). Esse momento está na ponta de um contínuo que representaria uma gradação entre estilos de fala, do menos formal ao mais formal (ou, em outras palavras, do menos monitorado ao mais monitorado). Temos, por exemplo, a leitura de uma lista de palavras e de pares mínimos na ponta mais monitorada do contínuo (LABOV, 2008 [1972]). Falas mais monitoradas podem auxiliar na visualização de casos de hipercorreção (que, de certa maneira, estão relacionados à avaliação, como posto por Weinreich, Labov e Herzog (2006, [1968])), como o caso da classe média observado por Labov (2008 [1972]) para a realização do /r/, em que um grupo social teria maior proporção de realização de uma variante de prestígio quando comparado a outros grupos sociais de *status* econômico mais elevado.

Pensando no conjunto de informantes, diferentes grupos sociais podem fazer parte de uma mesma comunidade de fala (também conhecida como "comunidade linguística" na literatura sociolinguística). Labov (2008 [1972]) aponta a comunidade linguística como aquela em que os falantes compartilham os mesmos valores sociais de uma mesma língua. Gumperz (1968 e 1971) acrescenta que uma comunidade linguística também agruparia seus indivíduos por conta da frequência de interações sociais entre si.

Voltando a pensar nas variáveis sociais, vale destacar que, por vezes, variáveis independentes extralinguísticas podem ser levantadas a partir das narrativas dos falantes:

como visto em Labov (2008 [1972]), em Martha's Vineyard, a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ foi observada com forte correlação ao sentimento de pertencimento à cidade, evocando a identidade dos indivíduos daquela ilha. Em Nova York, a realização de /r/ correlacionava-se, nas faixas etárias mais avançadas, ao mercado ocupacional e à necessidade desses falantes mais velhos de manterem-se no mercado de trabalho. Essas são variáveis independentes que podem ser utilizadas para a estratificação dos dados obtidos nas entrevistas, mas que devem ser estipuladas com base nos relatos dos indivíduos e na análise da comunidade em que estão inseridos. Não são apenas as variáveis independentes extralinguísticas "censitárias" (como sexo/gênero, ou faixa etária) que podem apresentar correlação com a variação linguística observada, mas também índices relacionados à identidade daqueles que produzem uma ou outra variante.

Entender o esqueleto da análise sociolinguística, as variáveis sociolinguísticas de interesse na comunidade, é o primeiro passo para a pesquisa. Mas como identificá-las? A análise estatística permite observar quais variáveis apresentaram variação, entretanto seria necessário quantificar muitas variáveis para verificar quais, de fato, variariam. É possível que o pesquisador, de oitiva, perceba uma ou outra variável realizada de maneira diferente por um ou outro falante em algum momento. Esse já seria um ponto de partida. Outra maneira é buscar em estudos anteriores sobre determinada comunidade as características de fala ali encontradas. Isso nem sempre é possível, mas, no caso do estudo de Martha's Vineyard (LABOV, 2008 [1972]), a consulta prévia a um atlas linguístico da região da Nova Inglaterra, em que se localiza Martha's Vineyard, permitiu a Labov levantar hipóteses iniciais sobre a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/. Assim, o ponto de partida para a pesquisa já estava relacionado a uma variável em específico. Aqui, faremos o mesmo para nossa análise da fala louveirense, portanto sigamos para estudos que possam nos auxiliar na determinação mais precisa da metodologia de pesquisa para nosso trabalho.

2.1.Características do Português Brasileiro no interior do estado de São Paulo

Estudar a região em que está inserida Louveira implica lidar com características socioculturais que caem sob o rótulo de "caipira" e, em termos de fala, sob o dialeto caipira. Os estudos de Amaral (1920) e Rodrigues (1974) sobre esse dialeto foram realizados na cidade de Piracicaba, a 95 km de Louveira. Essa proximidade geográfica faz com que se possa pensar a região como inserida na área em que esse dialeto foi encontrado.

O pioneiro nos estudos do dialeto caipira foi Amadeu Amaral. Ainda que não fosse linguista por formação, Amaral (1920) descreve características interessantes sobre os moradores do interior paulista. Com o avanço das cidades sobre o interior do estado e dos meios de comunicação, segundo Amaral (1920, p. 13):

> o caipira torna-se de dia em dia mais raro, havendo zonas inteiras do Estado, como o chamado Oeste, onde só com dificuldade se poderá encontrar um representante genuíno da espécie. A instrução e a educação, hoje muito mais difundidas e mais exigentes, vão combatendo com êxito o velho caipirismo, e já não há nada tão comum como se verem rapazes [sic] e crianças cuja linguagem divirja profundamente da dos pais analfabetos

Pode-se dizer que situação similar é vista em Louveira, em que há a necessidade de maior grau de escolaridade como decorrência da vinda de empresas à região e consequente redução da área rural louveirense. Essa redução e modificação no território, com áreas rurais sendo utilizadas para a instalação de empresas, por exemplo, trouxe consigo a necessidade de maior instrução para os moradores da região.

Ao falar das generalidades da fonética caipira, Amaral (1920, p. 18) inicia sua descrição remarcando que essa seria uma "linguagem vagarosa, cantada, se caracterizando justamente por um estiramento mais ou menos excessivo das vogais". Pensando em contextos mais específicos, Amaral (1920, p. 22) aponta que se observa ditongação quando as tônicas são seguidas por fricativas dentais /s/ ou /z/: três – *trêis*, rapaz - *rapáiz*, por exemplo. Em relação às vogais átonas finais, não haveria "a permuta de /e/ final por /i/" – o alteamento da vogal átona final –, nem de /o/ para /u/. Essa alternância, para ambas as vogais anteriores e posteriores, é observada, contudo, em posição medial. Outro fenômeno, envolvendo vogais átonas, também foi registrado por Amaral (1920, p. 23): "Nos vocábulos esdrúxulos, a tendência é para suprimir a vogal da penúltima sílaba e mesmo toda esta, fazendo grave o vocábulo (*ridico* = ridículo, *legite* = legítimo, *cosca* = cócega, *musga* = música)". Voltando mais uma vez aos ditongos, Amaral (1920, p. 25) ressalta que a monotongação de /ai/, /ei/ e /ou/ é comumente observada nesse dialeto - baixo - *baxo*, peixe - *pexe*, loucura - *locura*.

Ao abordar, separadamente, os fonemas do dialeto caipira, Amaral (1920, p. 20-22) ressalta que apenas estudos de fonética experimental poderiam, de fato, mostrar alterações na realização dos sons. De oitiva, dá destaque a determinados fonemas que seriam diferentes nos falantes caipiras[13]:

a) o “s”: do "modo de formação perfeitamente igual ao de c em cedo", sem ser chiante;

[13] Amaral (1920) não usa barras como símbolo para indicar os fonemas (e.g. /s/, /p/, /b/), registrando-os entre aspas. Os símbolos "gh" e "ch" são usados por Amaral (1920), em seus exemplos, para representar /g/ e /ʃ/.

b) o “r” inter e pós-vocálico: "é linguo-palatal e guturalizado", com semelhança ao "r do Inglês post-vocálico";

c) o “gh” antes de semiditongos: é vocalizado, como em "*léu-ua* = légua";

d) “ch” e “j” palatais: são "explosivos", como "no Inglês (*chief*, *majesty*);

e) o “lh”: não existe no dialeto caipira, vocalizando-se em [i].

Esse panorama inicial é mais bem detalhado por Amaral (1920, p. 27-28) em relação a outras consoantes, a saber:

a) “d”: sofre elisão em verbos no gerúndio, andando - *andanu*, correndo - *correnu*, por exemplo;

b) “l”: passa a /r/ em final de sílaba e, "quando subjuntivo de um grupo, igualmente se muda em r: *craro*, *cumpreto*, *cramô(*r), *frô(*r)". O primeiro caso é apontado por Amaral como mais frequente entre os negros, se comparados aos caboclos e brancos; e o segundo seria frequente mesmo "entre muitos dos que se acham, por educação ou posição social, menos em contacto com o povo rude";

c) “r”: sofre queda no final de palavra, conservando-se, contudo, em alguns monossílabos acentuados;

d) “s”: cai em final de palavra e nos oxítonos, quando indica pluralidade.

Outro estudo relacionado ao dialeto caipira, agora especificamente ao da região de Piracicaba, é o de Rodrigues (1974). A princípio, Rodrigues (1974, p. 22) pretendia estudar a zona velha da marcha da colonização, no interior do Estado de São Paulo. Chegou, então, à cidade de Piracicaba, região em que o dialeto caipira estaria em grande vigor. Os estudos, com 28 informantes - sendo a maioria constituída por analfabetos, ou semi -, foram desenvolvidos em uma zona considerada subdesenvolvida e de aspecto rural da cidade: os distritos de Artêmis e de Ibitiruna, com 2.591 e 2.254 habitantes, respectivamente, na época. Sete desses informantes (RODRIGUES, 1974, p. 140) foram selecionados para integrar um inquérito fonético, que contou com entrevistas, listas de palavras em cartões e diálogos. Essa escolha foi feita por conta das condições de dicção desses informantes, bem como da qualidade das gravações feitas.

Vale mencionar que o que foi levantado por Rodrigues (1974) é uma descrição do dialeto caipira, com base em poucos informantes, sem o objetivo de verificar como variáveis externas agiriam sobre os sons. Em relação às consoantes - ainda levando em consideração os fonemas que serão observados neste estudo -, Rodrigues (1974, p. 155-163) observou:

a) A realização da oclusiva dental surda /t/ ocorreu de forma pós-alveolar (palatalizada), quando seguida de [i] para seis dos falantes. Não necessariamente uma mesma palavra apresentou o /t/ palatalizado para todos os falantes;

b) A realização da oclusiva dental sonora /d/ ocorreu de forma pós-alveolar (palatalizada), quando seguida de [i], para três dos falantes - todos com perfis sociais diferentes;

c) A realização da lateral /l/ ocorreu como a variante retroflexa - rotacismo - em posição implosiva (coda silábica, posição final de palavra e em ataque complexo, como em "clara") para os sete informantes - com menor ocorrência para [l] em posição final de palavra;

d) A realização da lateral palatal /ʎ/ ocorreu como [j] - vocalização - para cinco falantes, em palavras em que esse som aparece após acento;

e) A realização de /r/ foi observada como retroflexa para os sete informantes para diferentes posições do rótico em sílabas nas palavras. O caso em que mais falantes o realizaram dessa maneira foi em posição de coda silábica;

f) A realização do rótico foi observada, em posição inicial de palavra, como a variante vibrante múltipla para os sete informantes.

É possível observar uma pequena variação entre os falantes do inquérito fonético. Essas descrições do dialeto caipira nos auxiliam em termos de levantar hipóteses sobre quais as possíveis variáveis que apresentariam variação em face dos processos de urbanização que se estendem dos centros urbanos a regiões interioranas. A seguir, seguimos com a descrição das variáveis sociolinguísticas observadas em nosso trabalho, de forma a facilitar o entendimento do envelope de variação na seção sobre a metodologia de nossa pesquisa.

2.2.As variáveis

A fim de melhor entender as três variáveis linguísticas que são o cerne de nossa análise, buscamos apresentá-las a partir de suas características, um breve histórico diacrônico, seguido de um panorama do cenário brasileiro para cada variável, pontuando os principais fatores sociais e linguísticos que serviriam de condicionantes à variação. Estudos sobre a variação das variáveis linguísticas que aqui analisamos em comunidades com características similares à Louveira, ao menos em um aspecto, serão explorados mais detalhadamente.

Ao compararmos os trabalhos comentados a seguir, tentamos encontrar características em comum relacionadas à variação linguística. Porém, dois problemas surgiram ao cruzarmos as informações de diferentes estudos: o tipo de amostragem e as estratégias analíticas utilizadas por cada autor. Desta maneira, fazemos um levantamento dos resultados de outros trabalhos de forma a nos auxiliar em nossa pesquisa, na tentativa de encontrar, em outras comunidades, processos de variação ou mudança que se assemelhem. Cada comunidade é única e apontar generalizações para o funcionamento das variáveis sociolinguísticas pode não ser possível. Por isso, nosso objetivo nesta seção é ter uma visão ampla do que ocorre no Português Brasileiro em relação às variáveis sociolinguísticas que são o cerne deste trabalho.

2.2.1. A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/

Para Abaurre e Pagotto (2013, p. 195), a palatalização pode ser entendida como o "processo assimilatório no qual a parte frontal da língua se move em direção ao palato duro. Pode afetar tanto consoantes articuladas na região posterior da cavidade bucal, como /k/, /g/, quanto consoantes articuladas na região anterior da cavidade bucal, tais como /t/, /d/, /s/". Tal fenômeno seria, também, observado em outras línguas românicas, como apontado por Mattos e Silva (2006, p. 76):

> As palatalizações românicas (não só as portuguesas) resultam de complexas mudanças fonéticas, na maioria dos casos, condicionadas pelo contexto fônico: presença de vogal ou semivogal palatal /i, e/, seguindo consoantes oclusivas. Note-se que se designa pelo termo geral de palatalização fenômenos que tenham como característica fonética a posteriorização em direção ao palato de uma articulação anterior, dental, ou a anteriorização em direção ao palato de uma realização posterior, velar. Então são consideradas palatalizações tanto as assibilações como as palatalizações das oclusivas dentais e velares

Como se sabe, a palatalização é um processo muito produtivo na formação do sistema consonantal das línguas românicas a partir do Latim, sendo um processo anterior ao próprio português arcaico (MATTOS E SILVA, 2006; BUENO, 1967). O processo de palatalização que nos interessa neste trabalho é a realização das dentais /t/ e /d/ que passam às africadas [tʃ] e [dʒ], respectivamente, em contextos fônicos em que haja a vogal [i] em contexto fônico posterior. É interessante observar que a realização africada não é encontrada em todo território nacional, havendo regiões em que há concorrência da forma dental com a forma africada.

O estudo de Abaurre e Pagotto (2013) nos mostra um panorama nacional sobre a palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ e pode ser um ponto de partida para que se possa

entender melhor a maneira pela qual essas variantes se comportam no Brasil. Os dados por eles levantados, com base em entrevistas gravadas na década de 70 no projeto NURC (Norma Urbana Culta), que visavam retratar a fala de indivíduos escolarizados de cidades brasileiras com mais de um milhão de habitantes na época em que as gravações foram feitas, nos apresentam o seguinte cenário:

Tabela 3: A palatalização de /t/ e /d/ no Brasil

Região geográfica	**Frequência [tʃ] e [dʒ]**	**%**	**PR**
Recife	66/949	7	.02
Salvador	642/755	85	.73
Rio de Janeiro	841/844	100	.99
São Paulo	543/747	73	.48
Porto Alegre	304/759	40	.18
Total	2396/4054	59	

Fonte: Abaurre e Pagotto (2013, p. 199)

Abaurre e Pagotto (2013, p. 200) apontam que se pode "pensar o Brasil com uma forte tendência à palatalização, tendência que talvez se tenha implementado primeiramente no Rio de Janeiro e Salvador e, posteriormente, em São Paulo e Porto Alegre". É possível pensar que a variação em grandes metrópoles esteja ligada a fatores sociais. Uma dessas variáveis independentes sociais está relacionada à região em que os falantes moram, sendo a região geográfica o grupo de fatores apontado como mais relevante. Já para a faixa etária, não há padrão aparente de mudança nas porcentagens de realização das africadas. Há, também, menção ao contexto de fala, registrado como "tipo de inquérito", em que há pouca significância estatística (ABAURRE e PAGOTTO, 2013, p. 219).

Pensando nos fatores linguísticos, a consoante surda apresentou maior tendência à palatalização. Em termos de contexto fônico anterior, a realização do fonema /s/ (como em “festinha”) e as vogais posteriores seriam as que mais influenciariam a palatalização. Não haveria, pelos dados analisados, correlação direta entre o acento da palavra e a regra da palatalização (ABAURRE & PAGOTTO, 2013, p. 590). Por fim, em termos de item lexical, os poucos casos de numerais apresentaram palatalização em todas as cidades e, como apontado pelos autores, mereceriam um estudo mais aprofundado (ABAURRE & PAGOTTO, 2013, p. 228).

Esse panorama de variáveis linguísticas independentes faz com que as variáveis independentes sociais mereçam mais detalhamento, a fim de verificar como fatores extralinguísticos poderiam condicionar a realização da forma africada de /t/ e /d/. Por

exemplo, em Florianópolis/SC, Pagotto (2001) aponta que há um processo de mudança iniciado na região urbana, entre os falantes de classe média e mais jovens, em que as oclusivas dentais /t/ e /d/ estão sendo realizadas de forma africada. Em Caxias do Sul/RS, os indivíduos da zona urbana também apresentam maior tendência à palatalização do que aqueles que moram na zona rural (MATTÉ, 2009). Mauri (2008), também em Caxias do Sul/RS, ressalta que os falantes mais jovens são os que mais realizariam a forma africada. O mesmo ocorreria em Chuí/RS (DUTRA, 2007) e em São João do Polêsine/RS (CORRÊA, 2000).

A palatalização poderia ser entendida como um fenômeno linguístico associado a comunidades urbanas. Comunidades cujo desenvolvimento econômico não seja tão acentuado apresentariam, para os falantes mais jovens, estabilidade na variação. Isso é retratado por Battisti *et al* (2007), em Antônio Prado/RS. A idade também é observada por Battisti e Dorneles Filho (2016), em Flores da Cunha/RS, como possível condicionadora de africação, com os falantes mais jovens tendendo à palatalização, embora ainda houvesse realizações dentais de /t/ e /d/ nessa faixa etária.

Outros fatores sociais também poderiam ser condicionantes à variação. Em Jundiaí/SP, cidade vizinha a Louveira, Pozzani e Albano (2016) e Pozzani (2011) verificaram que falantes do sexo feminino apresentariam produções de /t/ e /d/ de forma africada, enquanto os falantes do sexo masculino apresentariam variação para essa realização. O mesmo foi observado por Matté (2009) em Caxias do Sul/RS e por Pagotto (2001) em Florianópolis/SC, podendo variar conforme o grupo social.

De forma a sintetizar alguns dos dados aqui apresentados em relação à realização das oclusivas /t/ e /d/, pode-se apontar os resultados de alguns estudos referentes às variáveis linguísticas e sociais que favorecem o uso das variantes dentais [t] e [d]. O enfoque é dado às variantes dentais, pois a intenção é salientar quais fatores linguísticos e/ou sociais poderiam indicar resistência ao avanço da variante africada:

Quadro 1: Sumário baseado em outros trabalhos sobre fatores linguísticos e extralinguísticos condicionadores da realização das oclusivas /t/ e /d/ que favorecem a forma dental.

	Contexto fônico anterior	**Status da vogal seguinte**	**Vozeamento**	**Tonicidade**	**Posição na palavra**	**Fatores sociais**
Pagotto (2001) Florianópolis/SC	Vogal central /a/; vogal anterior aberta /ɛ/	Fonética	Vozeada	Sílaba pós-tônica	Sílaba final	Região não urbana; acima de 50 anos de idade; ensino fundamental, gênero masculino
Mauri (2008) Caxias do Sul/RS	Vogal posterior; vogal anterior; vazio (pausa); e consoante: Vibrante, fricativa alveolar e lateral	Fonética	Vozeada	Postônica e clíticos (de, te)	N/A	51 anos ou mais; sem distinção aparente de gênero
Dutra (2007) Chuí/RS	Dentais; Vazio (pausa); Vogal central oral; Vogais médio-altas anteriores; Vogais médio-posteriores	Fonética	Vozeada	Postônica não final e final; Pretônica clítico e não-inicial (átonas)	N/A (levantamento baseado em "tipo de sintagma")	Ensino médio; Gênero feminino; Acima de 50 anos; Ocupações como "prestador de serviço" e "doméstica"
Matté (2009) Caxias do Sul/RS	Zero (pausa)	Fonética	Vozeada	Sílaba átona	Monossílabos	Faixa etária (acima de 50 anos); Zona rural; Gênero masculino

É importante lembrar que nem todos os estudos usaram os mesmos critérios de codificação dos dados levantados. Porém, ainda assim, algumas características nos resultados do quadro acima nos chamam a atenção. O contexto fônico anterior apresenta diferenças em relação aos resultados, mas verificamos que vogais anteriores podem condicionar a realização de /t/ e /d/ de forma dental, assim como pausas. O status da vogal como fonética (e.g. pente, dente, parede), a variante vozeada e sílabas átonas também condicionariam as dentais. Apenas o estudo de Pagotto (2001) controlou a classe morfológica dos dados obtidos, a qual também será verificada durante nossa análise para verificar quais resultados desse estudo estão presentes no nosso. Em relação aos fatores sociais, observamos que falantes de áreas rurais, de maior idade e do sexo masculino (com exceção do estudo de Dutra [2007]), seriam aqueles mais propícios a realizar /t/ e /d/ de forma dental. São esses os fatores que esperamos encontrar em nossa análise como condicionadores da variante dental para as oclusivas /t/ e /d/.

2.2.2. A realização de /r/ em posição de coda silábica

Os róticos são caracterizados por "combinações complexas de parâmetros acústicos e articulatórios" (LINDAU, 1980, p. 114. Tradução nossa[14]); assim, a variação na realização dos róticos é grande e muito frequente nas línguas. Nesta subseção, veremos algumas características da realização de /r/ em posição de coda silábica. A variação observada na realização dos róticos poderia ser explicada "pelo maior espaço articulatório existente para as possíveis realizações dos segmentos fônicos" (CALLOU, MORAES e LEITE, 1996, p. 463). Isso faz com que diferentes variantes possam ser realizadas para o /r/ em coda, como observado em diferentes regiões do Brasil, assinaladas no mapa abaixo:

[14] Complex combinations of both articulatory and acoustic parameters.

Figura 4: Realização de /r/ em coda silábica no Brasil

Fonte: Noll (2008, p. 71)

Diferentes variantes para /r/ em posição de coda podem ser observadas no mapa acima. A análise feita por Noll (2008), com base em outros estudos dialetológicos, auxilia-nos a ter uma visão de como a realização de /r/ em coda é feita em diferentes regiões do Brasil. Pode-se observar que, da região Sudeste à região Sul, a realização de /r/ em coda é observada como a variante tepe, ou como a variante retroflexa[15]. O mesmo levantamento foi realizado por Callou, Moraes e Leite (1996, p. 483) em dados do projeto NURC, em que destacam haver "diversas realizações do /r/, dialetalmente determinadas – vibrantes apicais em Porto Alegre e São Paulo, fricativa velar em Rio de Janeiro e Salvador e aspirada em Recife" (como podem ser observadas no mapa acima, embora não haja destaque para a variante aspirada [ɦ]). A existência dessas variantes é vista como fruto de um processo de enfraquecimento do /r/, passando da variante vibrante [r] à variante velar [x] ou aspirada [ɦ] (CALLOU, MORAES, LEITE, 1996 e 2002). Rennicke (2011 e 2016) aponta que outro processo poderia ter dado origem à variante retroflexa (e outras variantes relacionadas à retroflexão): há a possibilidade

[15] A variante tepe também é encontrada em comunidades rurais isoladas, como o caso de Dormentes/PE, registrada no trabalho de Cavalcanti (2017).

de a “aproximação” ser outro caminho além do enfraquecimento do /r/. Nesse processo de aproximação, a vibrante [r] passaria por um processo de posteriorização resultando em [ɹ ɻ ɚ]. Nesse último exemplo, uma variante observada para a realização de /r/ em coda seria a retroflexão.

A variante aproximante retroflexa [ɹ] registrada no mapa anterior é observada nas regiões Sudeste e Sul do Brasil em concorrência com a vibrante simples [ɾ]. A retroflexão é muitas vezes associada ao dialeto caipira, sendo referida como “/r/ caipira” em alguns estudos (LEITE, 2010). Seu processo articulatório é descrito por Amadeu Amaral (1920, p. 05) ao dizer que o “/r/ caipira” teria a língua elevada aos "bordos laterais mais ou menos até os pequenos molares da arcada superior e vira a extremidade para cima, sem tocá-la na abóbada palatal". Uma descrição mais detalhada é feita por Head (1987, p. 09):

> Além da retroflexão da língua (a qual aumenta a cavidade anterior, abaixando dessa maneira a frequência de ressonância da mesma), o levantamento do dorso da língua figura entre os movimentos na articulação que produzem semelhante efeito (uma vez que também provoca um aumento da cavidade ressoadora anterior).

Cabe, aqui, o comentário de Leite (2010) acerca do rótulo “retroflexão”, pois esse, por vezes, abarca diferentes variantes (como o /r/ retroflexo, a aproximante retroflexa e a vogal colorida), que só poderiam ser diferenciadas com uma análise acústica da frequência de seus formantes, o que nem sempre é feito em estudos desse tipo.

O que poderia explicar a existência da variante retroflexa nas regiões Sul e Sudeste, mas não em outras, seria o fato de, para Amaral (1920), uma possível origem do dialeto caipira ser o contato com línguas autóctones. Essa teoria aponta que "sem dúvida, o chamado "dialeto caipira", ainda vegetando em alguns lugares interioranos e insulados, é um dos remanescentes do semicrioulo dos tupis e caboclos do Brasil-Colônia" (ROBL, 1985, p. 164).

Amadeu Amaral também fez previsões sobre uma possível “extinção do dialeto caipira”, o que, consequentemente, incluiria sua forma retroflexa para o /r/ por conta do processo de urbanização que estaria em fase de expansão (CASTRO, 2006). Contudo, podemos observar que essa forma variante se espalhou pelo território brasileiro: análises de diferentes Atlas Linguísticos (BRANDÃO, 2007a; RIBEIRO, 2011) mostram registros da variante retroflexa se estendendo por regiões do Norte do Paraná, Sul de Minas, Goiás e Mato Grosso, havendo presença também no Mato Grosso do Sul (CASTRO, 2013).

A retroflexão também é observada em grandes centros urbanos. Pensando na localização geográfica de Louveira, dois grandes centros próximos ao município seriam a cidade de Campinas e a capital São Paulo. Em São Paulo/SP, cidade cujos falantes de bairros mais centrais tendem à realização de /r/ em coda silábica como a variante tepe (MENDES &

OUSHIRO, 2013), a variante retroflexa é observada em um processo de espalhamento em regiões mais periféricas:

> Socialmente, a pronúncia retroflexa é favorecida por falantes e classes sociais mais baixas, residentes de regiões mais periféricas, com menor mobilidade geográfica, menos escolarizados, do sexo masculino e pertencentes a famílias de migrantes do Norte e do Nordeste do país. (OUSHIRO, 2015, p. 121)

Outro fator que desperta a atenção no estudo de Oushiro (2015, p. 121-122) é o de os filhos de migrantes, principalmente da região Nordeste do País, adquirirem o retroflexo como variante para o /r/ em coda e perceberem-no como uma "variante local", ou seja, tão paulistana quanto o próprio tepe. Para esses falantes, a oposição não seria entre tepe e retroflexo, mas entre a variante fricativa e as variantes paulistanas, pois sua avaliação é que a forma fricativa estaria mais associada ao fato de ser migrante, enquanto as variantes tepe e retroflexa estariam mais ligadas a pertencer a São Paulo. Esses falantes estariam dando direção à variação linguística no favorecimento da retroflexão, ao passo que os falantes da região central da cidade de São Paulo tenderiam a utilizar mais a variante tepe. Na contramão disso, existem registros de comunidades, como no município de Lagoa Santa, em Minas Gerais, em que a variante retroflexa estaria perdendo espaço para outra forma variante - no caso, a fricativa glotal (PAES, 2014): os mais jovens, com destaque às mulheres que evitariam realizar a retroflexão, tenderiam a realizar a variante fricativa ao invés da retroflexa. A avaliação desses falantes de Lagoa Santa, de acordo com Paes (2014, p. 85), é que a retroflexão seria uma "forma de falar errado".

A avaliação do /r/ em posição de coda também é vista na cidade de Campinas/SP. Leite (2010) verificou que a retroflexão é a variante predominante de todas as faixas etárias de seu estudo, com algumas ocorrências de vogal rotacizada, ainda que seus entrevistados afirmassem que o "erre campineiro" seria mais brando do que o de outras regiões do interior paulista, como a cidade de Piracicaba. Mesmo com essa idealização projetada pelos falantes, o que foi verificado por Leite (2010) é que as realizações de /r/ em coda são retroflexas para os campineiros. Mais uma vez, o estigma sobre a retroflexão parece atuar na avaliação dos falantes.

Pensando em comunidades de influência italiana – cuja formação seja similar à de Louveira -, Aguilera e Silva (2011), em Lavras/MG, mostram a realização de /r/ como tepe e vibrante associada a descendentes de italianos. Outro estudo de abordagem semelhante é o de Leme (1994) em uma comunidade italo-brasileira na cidade de Piracicaba/SP – e que nos interessa especialmente por conta do contato entre descendentes de italianos e brasileiros,

característica também típica em Louveira. Observou-se, ao longo das diferentes gerações de falantes, a existência de um dialeto em que características italianas (do dialeto trentino) e caipiras estariam em contato. Para viabilizar sua análise, Leme (1994, p. 95) divide seus informantes em cinco gerações: na primeira e na segunda, falantes do italiano trentino e falantes do português caipira estariam em uma situação de bilinguismo; na terceira e na quarta, o dialeto caipira prevaleceria sobre o trentino; na quinta geração, ocorreria a mistura dos dois. Em algumas situações, os falantes ainda poderiam apresentar traços mais ou menos carregados do dialeto trentino.

A tabela a seguir sumariza alguns dos fatores linguísticos e sociais levantados em alguns dos estudos, aqui comentados, que favoreceriam a realização de /r/ em coda silábica como a variante tepe, uma vez que essa é a variante de menor ocorrência para as cidades do interior paulista:

Quadro 2: Sumário baseado em outros trabalhos sobre fatores linguísticos e extralinguísticos condicionadores da realização de /r/ em coda silábica que favorecem o tepe.

	Contexto fônico anterior	**Contexto fônico posterior**	**Tonicidade**	**Posição na palavra**	**Classe morfológica**	**Fatores sociais**
Oushiro (2015) São Paulo/SP	Vogal [+ alta]; consoantes [- sonoras]	Consoante [- coronal]	Sílaba átona	Medial	Substantivo + adjetivo; conjunção/preposição + morfema de infinitivo	Mais de 60 anos (mais jovens nas regiões centrais); classe social alta; bairro mais central; mobilidade geográfica média/alta; ensino superior; gênero feminino
Ferraz (2005) Pato Branco/PR	Vogais mais altas	N/A	N/A	Configuração dos formantes similar para a posição medial e final	N/A	N/A
Leite (2010) Campinas/SP	Vogal posterior /o/ apresenta a menor incidência para o formante do /r/ retroflexo	Retroflexão favorecida por consoantes com formantes similares ao retroflexo (e.g. consoantes coronais)	N/A	Sem diferença de formantes para coda medial ou final	N/A	Não há diferença entre faixas etárias; Não há diferença entre nível de instrução.

O estudo de Paes (2014) não foi incluído no quadro acima, pois as formas variantes para a realização de /r/ em posição de coda silábica foram a retroflexão e a fricativa glotal. Assim, apenas os estudos cujas variantes para /r/ eram o tepe e a retroflexão foram incluídos no quadro. O estudo de Ferraz (2005) e Leite (2010), como comentados anteriormente, são estudos de natureza acústica, diferentemente da pesquisa sociolinguística feita por Oushiro (2015). Ainda assim, esses estudos apontaram resultados similares para a realização de tepe no que diz respeito ao contexto fônico anterior, em que vogais mais altas favorecem o tepe, e no contexto fônico posterior, em que consoantes [- coronais] também condicionam a realização de tepe. O trabalho de Oushiro (2015) aponta sílabas átonas como condicionadoras do tepe. Em relação à posição na palavra (coda medial, como em "porta", ou final, como em "mar"), apenas o estudo de Oushiro (2015) nos aponta para um condicionador específico: coda medial. Para os outros estudos, não há diferença entre a posição medial ou final. A variável independente Classe Morfológica e os fatores sociais são detalhadamente classificados por Oushiro (2015) e são nesses que esperamos encontrar, em nossa amostra, condicionamento para a realização de tepe.

2.2.3. O rótico em posição de ataque silábico

Câmara Jr (1953, p. 105) aponta o contraste entre o "'r' brando e o 'r' forte" entre vogais (como *caro* - *carro*, *era* - *erra*) como um dos problemas para o estudo da líquida vibrante no Português. Para entender essa diferença, Câmara Jr (1953, p. 106) retorna ao sistema latino, em que haveria um único /r/ que poderia ser geminado, assim como outras consoantes, e cita como exemplo: *ferum* - *ferrum*. Dessa maneira, não haveria um /r/ longo ou múltiplo, mas sim duas consoantes iguais a serem realizadas. A partir do sistema latino, pode-se pensar na formação da Língua portuguesa. Mattos e Silva (2006, p. 77) mostra que houve um processo de enfraquecimento do /r/ simples latino, gerando, assim, nosso "'r' brando" atual:

> A vibrante anterior simples latina é o antecedente histórico da vibrante simples do português (caru > ca/ɾ/o), enquanto a geminada intervocálica resultou na vibrante múltipla (carru > ca/ʀ/o) que assim se realiza ainda em dialetos conservadores de Portugal e caracteriza algumas áreas do Brasil

Ao tratar da ortografia da língua portuguesa, Viana (1904, p. 77) ressalta a existência da diferença de sons representados por 'r' e 'rr' no latim e tece comentários acerca dos fonemas representados pela grafia dessas letras, sendo que os vocábulos começados por 'r' teriam,

nessa representação gráfica, o mesmo som de 'rr'. A realização da vibrante múltipla para esses dois contextos linguísticos passa a sofrer mudança no decorrer do século XIX:

> O português sempre possuiu, como o espanhol, uma oposição fonológica entre um /r/ brando (uma vibração) e um /r̄/ forte (várias vibrações) em posição intervocálica; ex.: caro e carro. Nas outras posições existe na língua apenas um fonema, realizado como [r] (ex.: três, parte) ou como [r̄] (ex.: ramo, melro, tenro, Israel). Até uma data recente o ponto de articulação era, nos dois casos, apical: a ponta da língua batia uma vez para [r] e várias para o [r̄]. É a pronúncia atual do espanhol. No decorrer do século XIX, porém, surge uma articulação uvular do [r̄] forte, bastante semelhante à do francês, embora mais apoiada. Alguns falantes chegam a realizar esta consoante como constritiva velar surda, muito próxima do *jota* espanhol. (TEYSSIER, 2014, p. 54)

Essa posteriorização, da realização apical à realização velar, implementada em Portugal foi primeiro registrada por Viana (1904). Esse processo de posteriorização observado em Portugal também é visto no Brasil. Temos na grande maioria dos dialetos brasileiros a realização posteriorizada como predominante (uvular, velar ou glotal). A realização alveolar aparece em pequenos bolsões dialetais, como destacado por Brescancini e Monaretto (2008, p. 52):

> Em início de sílaba, a sua realização caracteriza diferentes etnias do Estado [do Rio Grande do Sul], como as regiões de colonização alemã, italiana e a zona fronteiriça que faz limite com o Uruguai e a Argentina. Na fala do Sul do Brasil verificamos a existência de variantes realizadas na zona anterior da boca, como vibrantes e fricativas alveolares ou palato-alveolares, praticamente inexistentes no restante do País, com exceção de São Paulo.

O cenário brasileiro para o rótico em posição de ataque silábico pode ser visto no seguinte mapa:

Figura 5: Realização do rótico em posição de ataque silábico

Fonte: Noll (2012, p. 341)

No mapa, as variantes estão registradas em dois pares: o primeiro corresponde à realização do rótico em posição de ataque silábico e o segundo, à realização de /r/ em coda silábica. Os pares, quando registrados, são as variantes encontradas para os falantes nascidos naquele estado. Regiões do país em que houve forte presença de imigrantes alemães ou italianos, principalmente na região Sul, apresentariam tepes e vibrantes em posição de ataque (BRESCANCINI e MONARETTO, 2008, p. 54). Como destacado por Margotti (2004, p. 216): “Há fortes indícios de que, na perspectiva histórica, o estágio de difusão do português em cada área de contato com o italiano está, em parte, correlacionado ao tempo e à quantidade de contato, tendo em vista a urbanização e a presença de português dentro de cada ponto". Um exemplo disso é retratado no trabalho de Steffen (2013), sobre o estado do Rio Grande do Sul, em áreas de colonização alemã, que apresentam a vibrante múltipla e o tepe como as variantes usadas pelos falantes.

Em relação à ocorrência das vibrantes múltiplas em posição inicial de palavras na região Sul do País, temos o trabalho de Monaretto (2009, p. 143), cujo estudo contempla dados de grupos geográficos do projeto Variação Linguística Urbana no Sul do Brasil (VARSUL). O Rio Grande do Sul apresenta maior índice de ocorrências (61%), enquanto em Santa Catarina a ocorrência da vibrante múltipla (38%) é vencida pelo tepe (45%). No Paraná, a vibrante múltipla é a forma variante mais adotada na posição de ataque inicial (53%), embora também exista a fricativa velar como variante observada (25%).

Alguns fatores condicionadores da vibrante múltipla podem ser vistos em Chapecó/SC, município de colonização italiana. Spessatto (2001) aponta que a faixa de informantes mais jovens teria maior número de realização da vibrante múltipla, sendo o tepe mais realizado por falantes mais velhos – refletindo a situação do contato linguístico dos descendentes de italianos. Ainda que a escolaridade não tenha efeito significativo sobre esta variação, os informantes bilíngues, italiano e português, estariam mais inclinados a realizar o tepe do que a vibrante múltipla. As mulheres tenderiam a se manter de acordo com o dialeto padrão e empregariam mais a vibrante múltipla do que os homens, observação que já havia sido levantada por Rossi (2000, p. 67) para as cidades de Chapecó/SC e Flores da Cunha/RS, ambas também de colonização italiana. O mesmo condicionamento por gênero é apontado por Loriato e Peres (2013) com relação ao distrito de Sossego, em Itarana/ES, uma região fundada por imigrantes italianos. É interessante observar que o dialeto padrão de Vitória, capital do estado do Espírito Santo, e de outras regiões do estado conta com a forma posteriorizada [h].

Alguns informantes do estudo de Costa e Cotovicz (2015, p. 225), na cidade de Rebouças/PR, apresentaram realização do rótico em posição de ataque silábico como vibrante múltipla, em concorrência com a variante fricativa velar. O que unia todos esses informantes, sob uma mesma característica, era a descendência italiana. Leme (1994, p. 97), em seu estudo sobre uma comunidade italiana em Piracicaba/SP, aponta que as primeiras gerações de falantes alternariam a realização do rótico no interior de palavra entre a vibrante e o tepe; já nas gerações mais jovens é possível encontrar, também, o uso da fricativa velar surda:

> Nas três primeiras gerações, ocorre de maneira sistemática a neutralização da oposição entre o R forte e fraco do português. Esta neutralização também é encontrada na quarta e quinta geração [nascidos de 1958 a 1968 e 1970 em diante], porém, como forma opcional, uma vez que encontra-se também o uso da fricativa velar surda como alofone do R forte (LEME, 1994, p. 97)

Ainda com relação a imigrantes e a forma de realização dos róticos em posição de ataque, pensar na região de origem dos imigrantes ajudaria a traçar possíveis traços de interferência na maneira pela qual esses se comunicavam em Português. A neutralização da

vibrante e do tepe em uma única realização é fruto de contato entre línguas (diferentemente de dialetos com conservação de português mais antigo):

> Um dos fenômenos que normalmente se verifica é o da interferência linguística, no caso específico abordado neste trabalho, interferência fônica (cf. Frosi & Mioranza, 1983:352). Neste sentido, **a inexistência da vibrante múltipla apicodental como fenômeno do dialeto italiano** e, por outro lado, a existência da mesma no sistema fonológico do português do Brasil, estabelecendo oposição distintiva com a vibrante simples, pode acarretar o uso variável das duas vibrantes na fala do português do Brasil por descendentes de italianos. (ROSSI, 2000, p. 02. Grifos nossos)

O mesmo é apontado por Jezuz e Gritti (2017). A informação sobre o dialeto italiano é importante para esse tipo de conclusão acima:

> Ora, tendo em vista que, conforme Gerhard Rohlfs (cf. introdução), os dialetos do norte da Itália - área de proveniência dos imigrantes que se estabeleceram no nordeste do Rio Grande do Sul (cf. Frosi & Mioranza, 1983:89), região em que se localiza a cidade de Flores da Cunha - **não possuem a vibrante múltipla**, nada mais natural que os descendentes ítalo-brasileiros, desta localidade, continuassem com hábitos linguísticos dos dialetos da longínqua Itália. (ROSSI, 2000, p. 59. Grifos nossos)

Essa informação nos é interessante, pois o município de Louveira conta com famílias de imigrantes italianos vindas do Norte da Itália, das regiões de Treviso e de Verona, ambas pertencentes à região do Vêneto. Também há registro de famílias vindas da região vizinha, da cidade de Trento:

Figura 6: Região do Vêneto, na Itália

Fonte: Wikipedia (2017)

No mapa abaixo, há melhor descrição das cidades que compõem essa região:

Figura 7: Cidades da região do Vêneto

Fonte: EnoDeco (2017)

Em nossas entrevistas sociolinguísticas, fomos informados de que uma das famílias, oriundas de Verona, teria fixado residência no Centro de Louveira e as outras, no Bairro (sendo todas de grande importância para o desenvolvimento da cidade). Há, também, outras famílias, vindas de outras regiões da Itália. Cenário similar ao apontado por Rossi (2000) é, assim, observado em Louveira. Mais adiante retomaremos esse tópico.

De forma a sumarizar alguns dos dados de algumas das pesquisas aqui apresentadas referentes a fatores linguísticos e sociais que favorecem a realização da vibrante múltipla (pelo fato de ser a variante linguística menos observada em nossa pesquisa, cujos resultados serão apresentados a seguir), apresentamos a tabela a seguir:

Quadro 3: Sumário baseado em outros trabalhos sobre fatores linguísticos e extralinguísticos condicionadores da realização do rótico em posição de ataque que favorecem a vibrante múltipla.

	Contexto fônico anterior	**Contexto fônico posterior**	**Tonicidade**	**Posição na palavra**	**Classe morfológica**	**Fatores sociais**
Spessatto (2001) Chapecó/SC	Vogal anterior oral e nasal	Vogal anterior nasal	Sílaba tônica e pós-tônica	Há equilíbrio nas ocorrências em posição inicial e medial. Contudo, a posição inicial apresenta-se com alta realização da vibrante múltipla	Substantivos e verbos desfavorecem a vibrante múltipla	Maior grau de escolarização; faixa etária de 40 a 54 anos (no mercado de trabalho); gênero feminino
Rossi (2000) Chapecó/SC e Flores da Cunha/ RS	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	Maior nível de instrução; falantes mais jovens (25 a 50 anos); gênero feminino; moradores de Chapecó/SC (cidade maior, se comparada a Flores da Cunha/RS)
Steffen (2013) Áreas de colonização alemã/RS	N/A	N/A	N/A	Medial	N/A	Alto nível de instrução; falantes mais jovens

Os trabalhos apresentados no quadro anterior retratam a variação observada entre as formas variantes tepe e vibrante múltipla. Em alguns casos, outra forma variante também foi registrada, mas com registro menor às variantes mencionadas: Rossi (2000) observou, em seus dados, 0,5% de realizações da variante velar [x]; Spessatto (2001, p. 18) faz menção a uma forma intermediária da variante vibrante que "não ocorre com o ápice da língua nos alvéolos, como na realização da vibrante, mas sim com a lâmina da língua"; e Steffen (2013) classifica seus dados pela oposição "tepe vs. R-forte", sendo que esse contemplaria a variante vibrante múltipla e a variante velar [x].

Os estudos sumarizados no quadro anterior não apresentaram controle de variáveis independentes linguísticas (e.g. contexto fônico, tonicidade, entre outros) para os dados neles obtidos, com exceção do estudo de Spessatto (2001). Assim, esperamos encontrar, em nossos dados para Louveira: vogais anteriores e nasais no contexto fônico anterior; vogal anterior nasal, no contexto fônico posterior; sílaba tônica e pós-tônica, para a tonicidade; e substantivos e verbos sem condicionar a realização de vibrantes. A posição medial na palavra (e.g. carro, bairro, etc), como apontada por Steffen (2013), condicionaria a realização da vibrante múltipla. Spessatto (2001) afirma que a posição inicial e a medial estariam equilibradas em relação a esse condicionamento, portanto esperamos encontrar pouca diferença em relação à posição de palavra em nossos dados para Louveira. O estudo de Rossi (2000) explicita que palavras trissílabas e polissílabas seriam condicionantes da vibrante múltipla, o que também é esperado em nossos dados. Já para os fatores sociais, foi possível observar similaridades no quadro acima: falantes do gênero feminino, com maior grau de instrução e de menor idade seriam aqueles que mais realizariam o rótico em ataque silábico como a vibrante múltipla. O estudo de Loriato e Peres (2013) não foi incluído no quadro anterior, pois as variantes observadas em Itarana/ES são o tepe e a fricativa glotal [h], não mostrando a concorrência entre o tepe e a vibrante múltipla, como os outros trabalhos indicados.

Com as variáveis sociolinguísticas, e suas variantes, descritas, passemos à metodologia de pesquisa, ou seja, à maneira pela qual os dados da comunidade de Louveira foram obtidos e codificados para análise.

3. METODOLOGIA

A seguir, apresentamos como a amostra, os informantes, a entrevista e os dados foram organizados para este trabalho.

3.1.As amostras de fala

Neste trabalho, duas amostras de dados de fala foram utilizadas e estão assim estruturadas.

3.1.1. Amostra Grupo Controle

Como já mencionamos, na Câmara Municipal de Louveira há um acervo de 48 entrevistas acerca de grandes personalidades locais, disponibilizadas no Museu Digital da Câmara de Louveira. De forma a traçar as origens da fala da comunidade louveirense, foram selecionadas 19 entrevistas desse acervo (os critérios para seleção das entrevistas do Grupo Controle são descritos mais adiante, na seção 3.4), as quais contêm pequenas amostras de fala de habitantes mais antigos da cidade. As entrevistas versavam sobre o cotidiano da cidade em tempos antigos, bem como sobre a vida política dos entrevistados, uma vez que todos os selecionados para essas entrevistas ocuparam cargos políticos ou foram moradores conhecidos da cidade. As entrevistas foram gravadas em 2013 e 2014 e disponibilizadas no site da Câmara Municipal de Louveira[16]. Informações referentes à idade e à região de residência puderam ser obtidas nas próprias entrevistas ou em documentos da Câmara Municipal de Louveira.

Esse grupo de entrevistas é chamado, nesta pesquisa, de "Grupo Controle", sendo o código para cada informante a sigla IC (Informante Controle). Os depoimentos, variando de cinco a dez minutos, não constituem uma amostra equilibrada e estruturada, mas podem constituir uma fonte interessante de um estado anterior da língua e de falantes que se apresentam como "típicos" louveirenses. Os dados levantados para essa amostra são comparados com os dados de nossas entrevistas sociolinguísticas, o que possibilitou verificar como nossas variáveis sociolinguísticas variaram com o passar dos anos.

[16] Acesso ao museu pelo site: http://museudacamara.com.br/mdpjat/index.php/conheca-o-museu

Tabela 4: Composição da Amostra do Grupo Controle

Idade	Centro		Bairro	
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
76-90	3	2	0	0
61-75	7	1	4	2

A principal variável social utilizada para estratificação das amostras foi a "região de residência". Assim, buscou-se representar de forma equilibrada os moradores das duas grandes regiões de Louveira, que possuem territórios ocupados de forma distinta (como mencionado na introdução deste trabalho). Para a faixa etária de 76 a 90 anos, não há falantes moradores no Bairro. Para a faixa etária de 61 a 75 anos, apenas três mulheres figuram entre os falantes selecionados. O Museu da Câmara de Louveira conta com 48 entrevistas, contudo apenas 19 foram selecionadas desse grupo por conta do tempo de entrevista. O objetivo da amostra do Grupo Controle é termos uma visão geral sobre a fala dos moradores da cidade que daria origem à cidade de Louveira. Esperou-se que essa visão geral auxiliasse a interpretação dos resultados obtidos na análise de nossa segunda amostra de fala: o Grupo Entrevistas.

3.1.2. Amostra Grupo Entrevistas

Para a segunda amostra, chamada de "Grupo Entrevistas", foram contatados 25 indivíduos que tivessem nascido na cidade de Louveira, ou que para lá tivessem se mudado até os cinco anos de idade. Para esse grupo, os informantes são identificados pela sigla IE (Informante Entrevista). Essa amostra é composta pelas entrevistas sociolinguísticas realizadas para este trabalho e está estratificada em três principais variáveis independentes:

a) Sexo/gênero: Masculino e Feminino;
b) Faixa etária: de 18 a 29 anos, de 30 a 45 anos e de 46 a 60 anos;
c) Região: Centro (englobando as pequenas áreas urbanas na área 03 da Figura 02) e Bairro.

Tabela 5: Composição da Amostra do Grupo Entrevistas

Idade	Centro		Bairro	
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
46 – 60	2	2	2	2
30 – 45	2	2	2	2
18 – 29	2	3	2	2

Cada célula de pesquisa contou com dois indivíduos, exceto na célula de mulheres de 18 a 29 anos do Centro em que há uma entrevistada a mais. A possibilidade de realizar essa entrevista a mais surgiu durante o período de gravação dos indivíduos, e essa entrevistada, assim como as demais, apresentou importantes considerações sobre a cidade, razão pela qual foi mantida em nossos dados.

3.2.Os informantes

Os falantes das duas amostras foram separados, em termos de faixa etária, de quinze em quinze anos, conforme diferentes momentos por que Louveira passou ao longo dos anos. Para essa divisão, toma-se o ano de nascimento dos falantes como referência. O contexto social em que cada informante teria atingido sua idade adulta poderia estar relacionado à maior, ou menor, identificação com a cidade. Durante a análise dos resultados, será verificado se esse fator pode ter papel na variação linguística dos informantes. Também são levantadas informações sobre os imigrantes que ali viveram, com base nos relatos dos entrevistados sobre seus parentes ou amigos mais antigos. O quadro abaixo ajuda a entender melhor quem são os informantes do Grupo Controle:

Quadro 4: Características dos informantes (Grupo Controle)

	Informantes			**Contexto Social**
76-90 anos	**Centro**	**Masc.**	ic04	Economia agrícola e predomínio das propriedades rurais
		Masc.	ic15	
		Masc.	ic34	
		Fem.	ic10	
		Fem.	ic32	
61-75 anos	**Centro**	**Masc.**	ic01	A região começa a se desenvolver e os grupos de influência na cidade são formados. Começa-se a pensar em Louveira como município, e não mais como bairro da cidade de Rocinha
		Masc.	ic02	
		Masc.	ic05	
		Masc.	ic06	
		Masc.	ic07	
		Masc.	ic09	
		Masc.	ic16	
		Fem.	ic11	
	Bairro	**Masc.**	ic03	
		Masc.	ic12	
		Masc.	ic13	
		Masc.	ic14	
		Fem.	ic08	
		Fem.	ic33	

Já para o Grupo Entrevistas, os indivíduos entrevistados para este trabalho:

Quadro 5: Características dos informantes (Grupo Entrevistas)

	Informantes			Contexto Social
46-60 anos	**Centro**	**Masc.**	ie36	Emancipação do município
		Fem.	ie24	
		Masc.	ie29	
		Fem.	ie30	
	Bairro	**Masc.**	ie22	
		Fem.	ie41	
		Masc.	ie39	
		Fem.	ie42	
30-45 anos	**Centro**	**Masc.**	ie28	Vinda de grandes empresas para a cidade
		Fem.	ie31	
		Masc.	ie44	
		Fem.	ie35	
	Bairro	**Masc.**	ie21	
		Fem.	ie38	
		Masc.	ie43	
		Fem.	ie40	
18-29 anos	**Centro**	**Masc.**	ie23	Forte migração para a cidade
		Fem.	ie18	
		Masc.	ie17	
		Fem.	ie19/ie25	
	Bairro	**Masc.**	ie27	
		Fem.	ie20	
		Masc.	ie26	
		Fem.	ie37	

A localização aproximada de cada informante na cidade pode ser visualizada no mapa em anexo ao fim deste trabalho (Anexo 01). Outras informações de cunho social foram controladas por meio de uma Ficha Social, similar à utilizada por Silva (1996). Assim, outras variáveis extralinguísticas foram registradas também, para posterior análise dos dados. O registro das variáveis independentes sociais foi feito para as seguintes características:

1. Gênero/Sexo: Masculino e feminino;
2. Informantes: cada um dos entrevistados;
3. Faixa etária: 18 a 29 anos, 30 a 45 anos, 46 a 60 anos;
4. Idade: variável contínua (18 a 60);

5. Região de residência: Centro e "Bairro";
6. Ascendência: Italiana e não-italiana;
7. Renda: nível "1r" (até R$ 2.000,00, que equivale a 70% dos salários em Louveira – como comentado na seção 1.3) e "2r" (acima dessa média). Informação obtida pela Ficha Social dos entrevistados;
8. Nível educacional: educação básica (até ensino médio) e educação profissional (entende-se, aqui, como curso de nível superior ou curso técnico, uma vez que os informantes mais velhos não dispunham de faculdades na região antigamente).

Das variáveis sociais acima, três não foram controladas para as duas amostras: Ascendência, renda e nível educacional. Como os informantes eram entrevistados de forma aleatória, não tínhamos acesso a essas informações previamente. Para o Grupo Entrevista, a variável social Ascendência ficou distribuída de forma regular:

Tabela 6: Variável Ascendência do Grupo Entrevistas

	Centro		**Bairro**	
	Italiana	**Não Italiana**	**Italiana**	**Não Italiana**
46 – 60	2	2	2	2
30 – 45	2	2	2	2
18 – 29	2	3	2	2

Em relação à renda, a distribuição foi irregular, tendo a maioria dos entrevistados do Centro renda acima da média:

Tabela 7: Variável renda do Grupo Entrevistas

	Centro		**Bairro**	
	1r	**2r**	**1r**	**2r**
46 – 60	0	4	1	3
30 – 45	1	3	2	2
18 – 29	2	3	3	1

E, para o nível educacional, a faixa etária de 18 a 29 anos não apresentou entrevistados de nível Superior no Bairro:

Tabela 8: Variável Nível Educacional do Grupo Entrevistas

	Centro		**Bairro**	
	Médio	**Superior**	**Médio**	**Superior**
46 – 60	2	2	2	2
30 – 45	3	1	1	3
18 – 29	3	2	4	0

Informações sobre Renda e Ascendência para o Grupo Controle não puderam ser levantadas, contudo, para o Nível Educacional (bem como para Região de Residência e Faixa Etária), foram consultados registros de candidaturas eleitorais e, quando não disponíveis, foram consultadas menções honrosas feitas pela Câmara Municipal de Louveira, em que um breve histórico do indivíduo era feito. Fora esses recursos, consultas a listas telefônicas e às próprias informações das entrevistas no Museu Digital da Câmara Municipal de Louveira auxiliariam a determinação desses fatores sociais.

3.3.As entrevistas

Tarallo (2001) ressalta a sistematização da pesquisa sociolinguística, que deve consistir no levantamento exaustivo de dados da língua falada acompanhado pela descrição detalhada da variável e pela análise dos fatores condicionantes que favorecem o uso de uma variante, em detrimento de outras. Para Tarallo (2001), a pesquisa deve iniciar-se a partir do objeto de estudo, nesse caso, o fato linguístico considerado como dado a ser analisado. Para coletá-lo, dentro de determinada comunidade linguística, o pesquisador-observador deve, por meio de entrevistas, servir de intermediador, controlando os tópicos de conversa a fim de eliciar realizações da variável linguística desejada. Por tratar-se dos momentos em que o mínimo de atenção é prestado à língua, em uma conversa que deixe o entrevistado à vontade, o observador, munido de um gravador, deve se valer da ocasião e registrar o maior número de informações possível para análise. Em nossa pesquisa, contudo, o ponto de partida foi a comunidade e não uma variável sociolinguística em específico. Buscou-se descrever a fala dos indivíduos de Louveira, verificar a literatura pertinente as variáveis sociolinguísticas em foco e analisar os resultados obtidos (LABOV, 1972).

As entrevistas foram realizadas na casa dos indivíduos, ou em local de comum acordo, de forma a deixar o entrevistado o mais à vontade possível. O equipamento de gravação utilizado foi o gravador MicroTrack II, da M-Audio, e as gravações foram salvas em formato

mp3 e 192kbps. A duração das gravações varia, mas houve uma média de 45 minutos de conversa. O entrevistador não levou consigo nenhum papel contendo questões, de forma a deixar a conversa mais informal. O único papel levado foi o Termo de Consentimento requerido pelo Comitê de Ética da Universidade[17]. Abordou-se, nas entrevistas, sobre a vida dos informantes na cidade de Louveira: como foi crescer na cidade, a época de estudo, lazer, entre outros tópicos. Assim, pode-se aprender mais sobre a cidade, ao mesmo tempo em que o entrevistado também compartilhou suas memórias.

Ao chegar ao local marcado, a conversa com o entrevistado sempre começava de forma amigável, evitando entrar na entrevista propriamente dita. Então, perguntava-se ao entrevistado se haveria problema em gravar a conversa, além de, em seguida, esclarecer que havia um termo de consentimento a ser assinado ao término da entrevista contendo informações sobre a pesquisa. Todos os entrevistados, de imediato, disseram que não haveria problema nenhum em gravar as conversas e mostraram-se muito atenciosos e interessados em todos os momentos. Iniciávamos a conversa com a pergunta "você sempre morou em Louveira?". Muitas vezes era o suficiente para que o entrevistado se voltasse a suas memórias de infância na cidade e começasse a narrar histórias sobre como a cidade era naquela época e o que costumava fazer. Os entrevistados geralmente falavam muito sobre o bairro em que cresceram, sobre as pessoas que moravam na mesma rua e as coisas que faziam juntos (muitas vezes isso se relacionava ao período escolar do entrevistado e a narrativas sobre as festas da cidade que frequentavam).

Das memórias de infância, os entrevistados passavam aos dias atuais, falando um pouco sobre o que faziam e sobre planos para o futuro. Nesse momento era feita então a pergunta "você acha que a cidade mudou muito com as empresas?". Os entrevistados de mais idade, da terceira e segunda faixa etária, traçavam comparações entre a época em que as empresas ainda estavam se instalando e o momento atual. Os mais jovens, em alguns casos, faziam o mesmo, mas muitos já acreditavam que as empresas estivessem em solo louveirense desde há muito tempo, por isso não fizeram comentários sobre uma "Louveira sem grandes empresas". Os tópicos da conversa eram iniciados dessa maneira, mas outras perguntas eram feitas, com relação a eles, quando necessárias a fim de manter a conversa e evitar respostas fechadas como "sim" ou "não".

Nos minutos finais da entrevista com os informantes, o intuito da pesquisa - verificar a maneira pela qual os habitantes da cidade falam - era revelado aos entrevistados. Para isso, o

[17] O projeto foi aprovado sob número 58450316.6.0000.5404 do CEP (Comitê de Ética).

assunto era introduzido da seguinte maneira: “além de conhecer um pouco da sua trajetória na cidade, ver como ela era antes e como está agora, a gente também quer ver na pesquisa questões culturais, como o jeito que as pessoas falam. Você acha que louveirense têm sotaque, ou alguma marca no que fala que deixa claro de onde ele é?”. Esse procedimento foi inspirado em Kroch (1995), que em seu estudo sobre dialetos da alta classe social na Filadélfia observou que seus informantes sentiam-se mais “relaxados” na maneira de se expressar após saberem que a pesquisa versava sobre formas linguísticas. Esse foi o momento da entrevista em que comentários sobre determinada variante linguística apareciam, ou comentários avaliando a fala louveirense em geral. Além desse tipo de comentário, outras narrativas sobre o passado apareciam, principalmente para os falantes mais velhos (na faixa etária de 45 a 60 anos). Os de descendência italiana falavam sobre a família enquanto aqueles que não tinham essa descendência falavam sobre vizinhos que teriam. Os entrevistados mais jovens, por sua vez, fizeram comentários relacionados às diferenças tanto no falar das pessoas que estavam se mudando pra Louveira quanto no falar dos louveirenses.

Os dados obtidos após essa pergunta também foram controlados para análise estatística posterior e foram registrados como a variável “contexto de fala”, com os fatores “antes”, para os dados de fala registrados antes da pergunta sobre a fala louveirense, e “depois”, para os dados de fala registrados após a pergunta sobre a fala louveirense. Não há equilíbrio no número de dados para esses dois fatores, pois, após a pergunta, a entrevista já estava no final, e o número de dados obtidos oscilou conforme o quanto o informante tinha a dizer.

3.4.Os dados

A princípio, diferentes variáveis fonéticas foram observadas. Almejou-se realizar uma descrição mais ampla da fala louveirense de maneira similar à de Rodrigues (1974). Para tanto, com base no estudo de Amaral (1920) e de Rodrigues (1974) foram observadas as seguintes variáveis:

a) A realização da lateral palatal [ʎ], como em “palha”;
b) A realização da vogal átona final /e/ e /o/, como em “hoje” e “Paulo”;
c) A realização do rótico em posição de ataque, como em “rato” e “carro”;
d) A realização do tepe em posição intervocálica, como em “caro”;
e) A realização de tepe em posição de ataque complexo, como em “troca”;

f) A realização de /r/ em posição de coda-silábica medial e final, como em “porta” e “mar”;
g) A realização das oclusivas dentais /t/ e /d/ antecedendo [i], como em “pátio” e “médio”;
h) A ditongação de sílaba tônica travada por /s/, como em “mês”.

Descritos por Amaral (1920) e Rodrigues (1974), esses fenômenos foram selecionados para verificar se a fala de Louveira, que também é uma comunidade do interior do estado de São Paulo, assemelha-se aos registros desses estudos. Como o tempo de entrevista de cada falante pode variar um pouco, principalmente após serem questionados sobre a existência de um "sotaque louveirense", não há um número fixo de realizações registradas para cada variável linguística. As ocorrências registradas, para cada falante, apresentam uma média de:

a) 20 realizações da lateral palatal;
b) 140 realizações de vogal átona final (70 para /e/ e 70 para /o/);
c) 50 realizações para o rótico em posição de ataque;
d) 300 realizações de oclusivas dentais /t/ e /d/ diante de [i];
e) 70 realizações para o rótico em posição de ataque complexo;
f) 50 realizações para o rótico em posição intervocálica;
g) 120 realizações para /r/ em posição de coda silábica (medial e final);
h) 20 realizações para /s/ em final de sílaba (travamento de sílaba).

O grande número de dados coletados deve-se a duas razões: tanto para assegurar que haja número de dados suficientes para a análise estatística, principalmente para os dados gerados por falantes após serem questionados sobre um possível "sotaque louveirense", quanto para verificar uma eventual atuação da difusão lexical. Sabe-se que é possível controlar esse tipo de situação na análise estatística, contudo a ideia é verificar se determinadas classes morfológicas poderiam ser a porta de entrada para uma possível mudança linguística. Justifica-se essa preocupação ao pensarmos no modelo da Difusão Lexical, como descrito por Oliveira (1992). Mudanças sonoras poderiam ser implementadas em determinado dialeto começando pelas palavras mais usuais, corriqueiras, de uma língua, enquanto palavras mais eruditas ou técnicas, por exemplo, poderiam não apresentar determinada variação.

Para o levantamento das entrevistas do Grupo Controle, disponíveis no Museu Digital da Câmara Municipal de Louveira, foi realizada uma proporção das estimativas acima.

Algumas entrevistas contam com dez minutos, outras com menos. Assim, para entrevistas de até 10 minutos, esperou-se encontrar o equivalente a 25% (1/4) do que foi levantado em uma entrevista realizada com o Grupo Entrevistas. Obteve-se, dessa maneira, uma média de: 12 realizações de rótico em posição de ataque, 30 realizações de /r/ em posição de coda-silábica medial ou final e 75 realizações de oclusivas dentais /t/ e /d/. Para entrevistas de até cinco minutos, levantou-se uma média de: 06 realizações de rótico em posição de ataque, 15 realizações de /r/ em posição de coda-silábica medial ou final e 35 realizações de oclusivas dentais /t/ e /d/. A maior frequência de realização dessas variáveis, junto às informações que permitiram categorizar a idade e a região de residência dos entrevistados, foram os critérios para a escolha das 19 entrevistas dentre as 48 disponibilizadas pelo Museu Digital.

Muitas das variáveis acima se mostraram categóricas, sem variação – como pode ser visto no capítulo referente às análises das variáveis, mais adiante. Entretanto, três variáveis se comportaram diferentemente desse quadro: a realização do rótico em posição de ataque silábico, a realização de /r/ em coda-silábica medial e final e a realização das oclusivas dentais /t/ e /d/ antecedendo [i]. No caso dessas três variáveis, foi feito um estudo quantitativo, nos moldes labovianos (LABOV, 2008 [1972]). Para cada variável em foco, observaram-se diferentes variáveis independentes linguísticas. Para a realização das oclusivas /t/ e /d/, foram observadas as seguintes características (conforme utilizadas por PAGOTTO, 2001):

Tabela 9: Codificação de dados para as oclusivas /t/ e /d/

Variáveis	Variantes	Exemplos
Variável Dependente (VD)	Africada [tʃ] ou [dʒ]	[‘tʃia] ou [‘dʒia]
	Dental [t] ou [d]	[‘tia] ou [‘dia]
	Dental com apagamento de Vogal	Gente [‘gẽ.t], médico [‘mɛ.dku]
Vozeamento	Vozeada	*D*ia
	Desvozeada	*T*ia
Contexto fônico anterior	Pausa	Não sei... *tinha* muita
	Vogal central [a]	*A*tirar Faculd*a*de
	Vogal anterior [i], [e], [ɛ]	*I*tinerário – dec*i*dir *e*timologia - acr*e*dito s*e*te – m*é*dio
	Vogal posterior [o], [ɔ], [u]	M*o*tivos - *o*diar *ó*timo – *ó*dio *ú*til – *o d*ia
	Vogal central nasal [ã]	Bast*an*te – gr*an*dinha
	Vogal anterior nasal [ĩ], [ẽ]	V*in*te – *in*dicar G*en*te – v*en*de
	Vogal posterior nasal [õ], [ũ]	C*on*tinuo – esc*on*dido J*un*tinho – J*un*diaí
	Glides [ej], [oj], [aj], [ow]	Nem s*ei t*e falar – s*ei d*isso N*oi*te – f*oi d*ifícil *Ai t*ipo eu falei – v*ai d*ireto V*ou t*irar – apanh*ou d*e chinelo
	Ditongo nasal [eĩ], [ɐ̃w̃]	B*em t*ipo isso - B*em d*e vida N*ão t*inha – n*ão d*isse
	Consoante fricativa [s]	E*s*tive – de*s*de
	Líquida vibrante [r]	Pa*r*ticipo – pe*r*dido
Contexto fônico posterior	Vogal [i]; /e/ → [i]	T*i*ro - d*i*sso Pot*e* – pod*e*
	Vogal nasal i [ĩ]	T*in*ha – d*in*heiro
	Ditongo iu/io [iw]	T*io* – ped*iu*
Tonicidade	Tônica	*Tin*ha – pe*di*
	Átona	Út*i*l – pré*di*o
Status da vogal	Fonética	Gent*e*, pod*e*
	Fonológica	T*i*ro, d*i*zer
Posição da oclusiva na palavra	Inicial	*Ti*me, *d*inheiro
	Medial	S*íti*o – pré*di*o
	Final	Men*te* – faculda*de*
Classe morfológica	Numeral	Vin*te*, sé*ti*mo
	Advérbio	Principalmen*te*, *di*ficilmente
	Substantivo	*Ti*ro, *di*nheiro
	Verbo	*Ti*rar, *di*zendo
	Marcador conversacional	E ai *tipo* ele me disse
	Adjetivo	An*ti*go, escon*di*do
	Preposição	De*s*de
	Preposição *de*	Ele falou *de* mim
	Pronome	*Te, ti*

As oclusivas dentais /t/ e /d/, em casos como “advogado” ou “internet” (vogais epentéticas), não foram consideradas para esta análise. A vogal [i], após as oclusivas /t/ e /d/, foi considerada nos casos em que é fonológica /i/ e nos casos em que é fonética /e/ (em que

ocorre seu alçamento). Para a realização do rótico em posição de ataque, foram observadas as seguintes características (conforme utilizadas por SPESSATTO, 2001 e ROSSI, 2000):

Tabela 10: Codificação de dados para o rótico em posição de ataque

Variáveis	Variantes	Exemplos
Variável dependente (VD)	Velar [x] ou Glotal [h]	Rato [‘xa.tu], Carro [‘ka.xu] Rato [‘ha.tu], Carro [‘ka.hu]
	Vibrante múltipla [r]	Rato [‘ra.tu], Carro [‘ka.ru]
	Tepe [ɾ]	Rato [‘ɾa.tu], Carro [‘ka.ɾu]
Contexto fônico anterior	Pausa	Legal... *r*ealmente foi legal
	Consoante [s] [ɹ] [ɾ]	Muita*s r*oupas, super *r*eceptivo
	Vogal anterior nasal [ẽ] [ɐ̃j̃]	S*em r*ecurso
	Vogal anterior oral [i] [e] [ɛ]	Nesse *r*ecurso – *I*rregular T*e(r) r*eforma - *e*rrado *É r*idículo - t*e*rra
	Vogal posterior oral [u] [o]	*O* rio - ch*u*rrasco Eu t*ô r*esolvendo - c*o*rrendo
	Vogal posterior nasal [ũ] [õ]	*Um r*eal C*om r*ecursos
	Glide [aj] [oj] [aw] [ɐ̃w̃] [iw] [ow]	Meu p*ai r*epetiu – b*ai*rro F*oi r*uim Foi leg*al r*eescrever S*ão r*uins Meu t*io r*oubava Compr*ou r*evistas
	Vogal central [a] [ã]	Aquel*a r*oupa – c*a*rro Tir*am r*apidinho
Contexto fônico posterior	Vogal anterior oral [i] [e]	O r*i*soto - curr*í*culo O r*e*cheio - terr*e*nos
	Vogal anterior nasal [ĩ]	Essa r*in*cha - terr*in*ha
	Vogal posterior oral [u] [o] [ɔ] [õ]	Essa r*u*a - bairr*o* R*o*xo - terr*o*r R*o*cinha - forr*ó* Grande r*om*bo
	Vogal central [a] [ã] [ɐ̃w̃]	Era r*a*cista - churrasco No r*an*king - esbarr*an*do Um morr*ão* alto
Tonicidade	Tônica	Do *res*to - cur*rí*culo
	Átona	*Res*peitar, *bair*ro
Posição do rótico na palavra	Inicial	Respeito, rei
	Medial	Carro, bairro
Classe morfológica	Substantivo	Rato, carro
	Verbo	Respeitando, correr
	Adjetivo	Rico, corrido
	Advérbio	Realmente, corretamente
	Marcador conversacional	*Orra*
Número de sílabas	Dissílaba	Raça, bairro
	Trissílaba	Rápido, correndo
	Polissílaba	Residencial, arrastado

Para as variantes do rótico em posição de ataque, a principal divisão de nossa pesquisa reside em separar as variantes posteriores (velar e glotal) das variantes vibrantes (vibrante

múltipla e tepe). Não foi feita distinção, de oitiva, entre variantes velares [x] e glotais [h], estando os dados de ambas codificados no fator "velar/glotal".

Em relação ao contexto fônico anterior, as vogais posteriores nasais e os glides ocorrem para a posição do rótico em início de palavra, mas não para casos em que o rótico é realizado no meio dela. O mesmo ocorre com o contexto fônico posterior, para a vogal central. Ressalta-se que nos interessa, aqui, apenas os róticos realizados em ataque silábico para a posição de início de palavra (e.g. rato, rei) e para a posição de "erre forte" (CAMARA JR, 1953) (e.g. carro, bairro). Palavras como "Israel" não estão contempladas nessa análise. Para a realização de /r/ em coda silábica, foram observadas as seguintes características (conforme utilizadas por OUSHIRO, 2015):

Tabela 11: Codificação de dados para /r/ em posição de coda silábica

Variáveis	Variantes	Exemplos
Variável dependente (VD)	Retroflexo [ɹ]	Porta [ˈpɔɹ.ta], Mar [ˈmaɹ]
	Tepe [ɾ]	Porta [ˈpɔɾ.ta], Mar [ˈmaɾ]
Contexto fônico anterior	Vogal central [a]	Ap*a*rtamento, m*a*r
	Vogal posterior alta [u] [o]	C*u*rso – Carrefour [ka.Xe.'fuR][18] C*o*rtei – gest*o*r
	Vogal posterior baixa [ɔ]	A ref*o*rma – melh*o*r
	Vogal anterior alta [i] [e]	*I*rmão – sa*i*r C*e*rteza - laz*e*r
	Vogal anterior baixa [ɛ]	Perto – qualquer
Contexto fônico posterior	Pausa	Mar..., poder...
	Consoante coronal [t] [d] [s] [z] [n] [l] [j]	Per*t*o, ter*c*eiro – por *c*ima, abrir *t*rês
	Consoante não coronal: [m] [p] [b] [k] [g] [f] [v]	Per*g*unta - por *c*ausa
Tonicidade	Tônica	*Por*ta, ges*tor*
	Átona	Mer*ca*do, *su*per
Posição de /r/ na palavra	Medial	Po*r*ta, ma*r*ca
	Final	Ma*r*, pode*r*
Classe morfológica	Adjetivo	Certo, particular
	Advérbio	Perto, apesar
	Conjunção *porque*	Porque
	Morfema infinitivo (verbo em posição final)	Andar, estudar, comer, cair
	Numeral	Terceiro
	Preposição	Por
	Substantivo	Porta, mar
	Verbo medial	Ca*r*pir

As variáveis, sociais e linguísticas, foram analisadas na plataforma R (R CORE TEAM, 2017) a fim de se verificar as correlações que podem existir e contribuir para a variação linguística observada nas entrevistas. Antes de avançarmos para a análise dos dados,

[18] Houve três casos da palavra "Carrefour", nome de um supermercado, para a posição de /r/ em coda final com contexto fônico anterior da vogal [u].

vejamos como a plataforma R realiza os cálculos de interesse para este trabalho. Visamos, assim, melhor entendimento dos resultados que serão apresentados mais adiante.

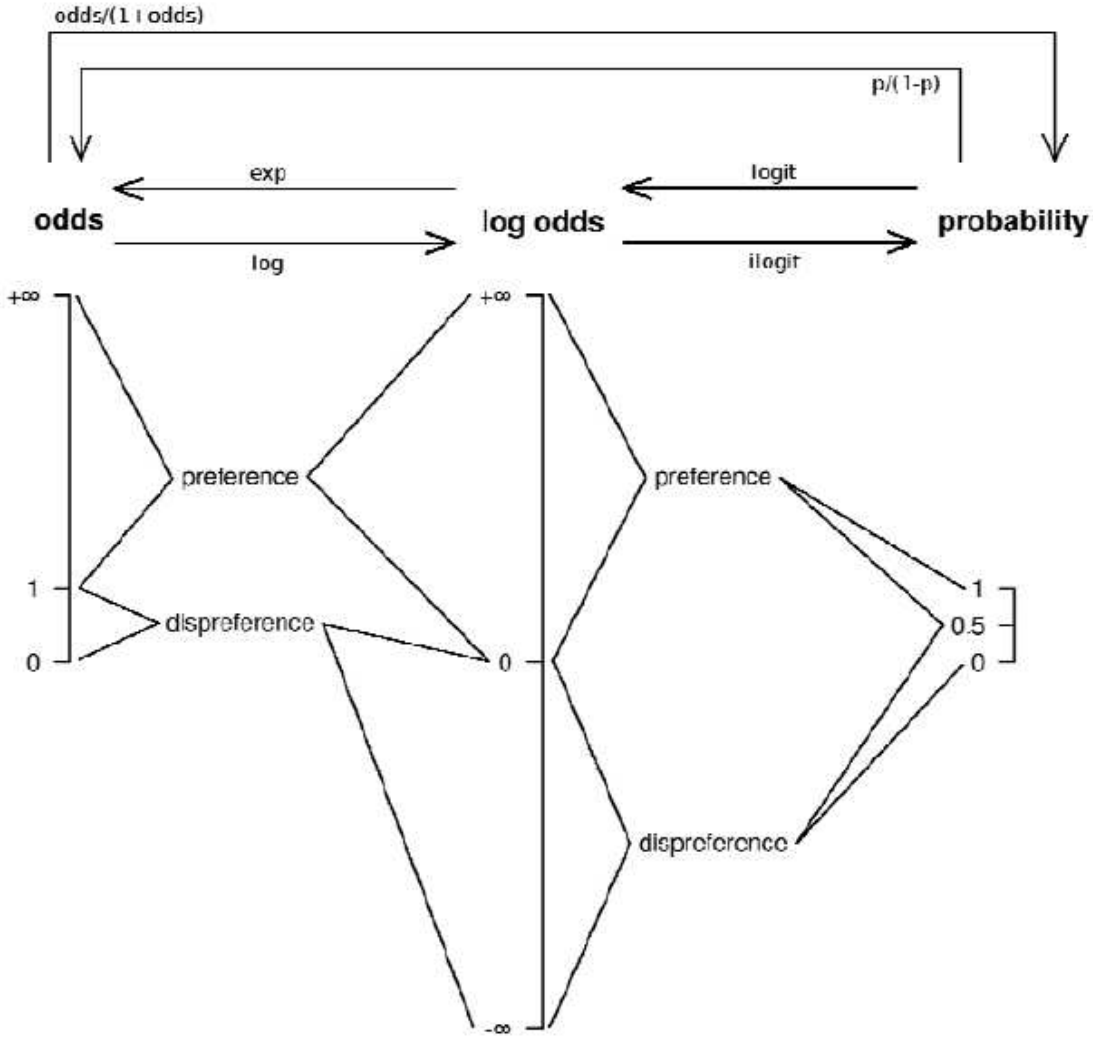
3.5.Sobre o modelo estatístico

Para esta pesquisa, que envolve três variáveis nominais[19] relacionadas a diferentes variáveis independentes, sociais e linguísticas, o modelo estatístico a ser testado na plataforma R é o da regressão logística: "a regressão logística modela as relações entre uma variável resposta categórica com dois ou mais possíveis valores e com uma, ou mais, variável explanatória, ou previsora" (LEVSHINA, 2015, p. 253. Tradução nossa[20]). Nesse caso, temos um modelo de regressão logística binominal, ou seja, envolvendo duas variantes da variável dependente: as possíveis realizações dos sons aqui observados. As variáveis respostas são a variável oclusiva /t/ e /d/, em uma análise, a realização de /r/ em coda silábica, em outra, e a realização do rótico em posição de ataque silábico na última análise. Seus valores são, respectivamente, as possíveis formas variantes: africada vs. dental; retroflexo vs. tepe; velar vs. vibrante. As variáveis explanatórias, ou previsoras, são as variáveis independentes sociais (e.g. sexo/gênero, escolaridade, região, etc) e as variáveis independentes linguísticas (e.g vozeamento, tonicidade, classe morfológica, etc).

Pensando na regressão logística, as funções utilizadas para esse tipo de modelo, na plataforma R, são `lrm()` – logistic regression model -, ou `glm()` – general linear model. Ambas trazem resultados estatísticos semelhantes, buscando mostrar as correlações e possíveis interações entre as variáveis escolhidas para o modelo. Dentre os resultados obtidos em testes estatísticos, destacamos três importantes medidas estatísticas: *odds*, *log odds* e probabilidade. *Odds* são medidas relacionadas às chances de determinado fenômeno ocorrer, enquanto *log odds* são a função logarítmica dessas chances. Todas as três medidas estão relacionadas à probabilidade de ocorrência de um fenômeno, contudo, por serem medições diferentes utilizadas para outros testes estatísticos, suas extensões e valores variam. A figura a seguir auxilia a verificar como essas medidas estão associadas, quais suas extensões em valores, e o que indicam esses valores:

[19] A realização das oclusivas dentais /t/ e /d/, de /r/ em posição de coda e do rótico em ataque silábico. São variáveis nominais, pois não estão em um contínuo numérico (representada por números).
[20] Logistic regression models the relationships between a categorical response variable with two or more possible values and one or more explanatory variables, or predictors.

Figura 8: Diferentes medidas de estimativas de probabilidade



Fonte: GRIES (2013, p. 300)

Pode-se observar que as três medidas variam em relação à possibilidade de resultados obtidos: *odds* variam de zero a infinito, sendo os resultados obtidos entre 0 e 1 tidos como desfavoráveis para a variante resposta no modelo. Entre 1 e o infinito positivo, qualquer número apresentaria um resultado favorável à variante, ressaltando que, quanto maior o valor da estimativa, maior a probabilidade de sua ocorrência. Para *log odds*, a escala parece mais simétrica, indo de menos infinito a mais infinito. Resultados obtidos entre menos infinito e zero são desfavoráveis à variante resposta no modelo e de zero a mais infinito são favoráveis. Já a medida de probabilidade é mais próxima da proporção geral de ocorrência de uma variante.

Com três medidas estatísticas podendo representar a mesma relação entre variáveis dependentes e independentes, surge a pergunta: como reportar os resultados obtidos na análise dos dados? Tecnicamente, qualquer uma das três medidas acima poderia ser utilizada para

reportar esses resultados, como nos apontam Levshina (2015) e Gries (2013). Logo, o objetivo central é permitir a fácil leitura dos resultados levantados atentando-se para medidas estatísticas que avaliem correlações do modelo testado. Dessa maneira, além do teste estatístico de qui-quadrado que aponta correlações entre duas variáveis e é um bom indicador de ponto de partida para outras análises, Levshina (2015, p. 276) salienta o que é importante reportar em pesquisas que se utilizem de regressões logísticas: uma tabela apontando para as variáveis que favorecem a variante resposta, o índice C da regressão logística (indicando o poder de discriminação do resultado do modelo), gráficos que auxiliem no entendimento visual dos dados, a conversão do valor de *log odds* em *odds*, e a representação do intervalo de confiança (de 95%) em *odds* para cada variável previsora. O intervalo de confiança pode ser calculado, no R, pela função `confint()` aplicada a valores obtidos em uma função `glm()`. Para seu valor em *odds*, é preciso usar a função `exp()`, tirando o logaritmo do valor sobre a estimativa em *log odds*.

O índice C, conforme Hosmer & Lemeshow 2000 (*apud* Levshina, 2015, p. 259), é descrito da seguinte maneira: índices $C < 0.6$ teriam pouco poder de discriminação de resultado, enquanto valores $0.7 < C < 0.8$ teriam poder aceitável de discriminação de resultado. Valores mais altos, como $0.8 < C < 0.9$, representariam poder excelente de discriminação de resultado e, por fim, um valor de C maior que 0.9, um poder notório de discriminação de resultado.

Gries (2013, p. 301. Tradução nossa[21]) também tece considerações acerca de qual medida utilizar para reportar os resultados da regressão logística:

> Eu, particularmente, não gosto da escala de *odds* na esquerda. O fato de um espaço numeral expressar preferência [...] de 1 a mais infinito, mas cuja não-preferência é expressa no "apertado" espaço de 0 a 1 e a natureza multiplicadora dessa escala me faz, de preferência, descartá-la. A escala de *log odds* tem propriedades atrativas: é crescente e o espaço numérico para preferência e não-preferência são igualmente largos e simétricos ao redor de 0. O que ainda não gosto sobre essa escala é que se trata de uma escala de algo completamente não intuitivo que são *log odds*. Dessa maneira, prefiro a escala de probabilidade. Posso pensar em termos de probabilidades, e o espaço numérico para preferência e não-preferência são igualmente amplos e simétricos ao redor de 0,5.

[21] I myself don't like the *odds* scale on the left. The fact that the numerical space to express preference (of, say SC-MC) is from 1 to +∞, but that the corresponding dispreferences are 'squeezed' into the range from 0 to 1 and the multiplicative nature of this scale make me disprefer it strongly. The *log odds* scale has attractive properties: it is additive and the numerical spaces for preference and dispreference are equally large and symmetric around 0. What I still do not like about the scale is that it is a scale of something as utterly unintuitive as *log odds*. Thus, I prefer the probability scale. I can think in terms of probabilities, and the numerical spaces for preference and dispreference are equally large and symmetric around 0.5.

Para reportar os resultados de nossa pesquisa sobre Louveira, utilizamos a escala de *log odds*, que, como apontado por Gries (2013), é mais intuitiva que a de *odds*[22]. Outra vantagem da utilização de *log odds* é que a regressão logística apresenta seus resultados nessa medida. São, também, registrados os valores de qui-quadrado e o índice C do modelo (LEVSHINA, 2015, p. 276). Os valores de qui-quadrado estão relacionados ao intervalo de confiança dos dados, o qual mostra significância entre variáveis previsoras: a sobreposição de intervalos de confiança de fatores de uma mesma variável previsora (e.g. em sexo/gênero, masculino e feminino) corresponderia a diferenças não significativas e, portanto, à falta de correlação; a não sobreposição indicaria o oposto, ou seja, correlação significativa. A representação visual em gráficos é utilizada quando as variáveis indicam favorecimento do fenômeno estudado.

Assim, os testes estatísticos aqui utilizados operam na seguinte ordem:

1. Verifica-se o resultado do teste qui-quadrado, que testa se há correlação entre uma variável previsora e a variável resposta, esperando um valor de $p < 0,05$;
2. Verifica-se o índice C a partir do modelo de regressão logística, que mostra o poder de discriminação do resultado, esperando um valor de $C > 0,700$ para as variáveis previsoras;
3. Realiza-se, então, o teste com o modelo de regressão logística de efeitos mistos. O teste de qui-quadrado é uma análise univariada, enquanto a regressão logística permite análise multivariada, em que o efeito de múltiplas variáveis simultâneas é estimado.

Estabelecido esse procedimento, passemos aos resultados.

[22] Em relação à medida de *odds* e probabilidade, pode-se calcular a probabilidade a partir do valor dos *odds* com a fórmula: prob = *odds*/(1 + *odds*).

4. RESULTADOS

4.1. O Falar Louveirense

Uma descrição ampla do falar louveirense é o ponto de partida da relação entre a língua e essa comunidade. Abrimos esse detalhamento com um fato bem louveirense. Durante a solenidade de lançamento da terceira coletânea da Academia Louveirense de Letras e Artes[23], o poema "Minha Louveira", de Samuel Moscospki, então presidente da Academia, foi lido. Desse poema, citamos um pequeno trecho: "Minha terra tem o nome da árvore que nasce dos matagais, e esse teu nome também carrega as nossas cinco vogais". É com as vogais dos louveirenses que abrimos esta seção deste trabalho. Embora não seja o foco deste trabalho, apresentamos uma visão geral sobre as vogais a fim de melhor descrever a fala louveirense.

Apesar de não terem sido quantificados para este trabalho, ambos os ditongos /o^{u}/ e /e^{i}/ foram monotongados, respectivamente, em [o] e [e] (de "*Louveira*" para "*Lovera*", por exemplo) em nossas amostras de fala. As vogais átonas finais são elevadas, e os ditongos nasais são realizados em [ão], exceto quando pronunciados por alguns descendentes de italianos mais idosos, que, conforme comentado em algumas de nossas entrevistas sociolinguísticas, realizariam esses sons como algo próximo a [õ] (de "*mão*" para "*mon*", por exemplo)[24]. As oclusivas dentais /t/ e /d/ aparecem ora de forma africada, ora de forma dental, por isso despertam nossa atenção. O mesmo pode ser dito sobre a realização do rótico em posição de início de palavra e para o 'erre' forte (como em "rato" e "carro", respectivamente), sendo realizado, por boa parte dos falantes, de forma velar e, em alguns casos por falantes de mais idade, como uma vibrante múltipla e por vezes como a variante tepe. O rótico em outras posições dentro da sílaba não nos parece variar tanto: em posição de ataque complexo (e.g. "troca") e entre vogais (e.g. "caro") é realizado como um tepe - não apresentando a variante retroflexa em grande proporção, como acontece na cidade de Piracicaba. O /r/ em posição de coda silábica, contudo, embora seja observado como retroflexo, apresenta, em falantes por volta de 30 anos, variação com o tepe. Vale lembrar que essa descrição, mesmo tendo sido feita com base em observações informais, ajuda a descrever o que alguém perceberia ao andar pelas ruas de Louveira escutando seus moradores. O /s/ em travamento silábico se apresenta com a inserção da vogal [i], na maioria das vezes.

---

[23] Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=NKn2JmiWzt0&t=6723s >. Acesso em 24 de set. 2017.
[24] Para o caso do ditongo nasal e situações de contato linguístico, confira o estudo de Peres (2017, p. 23) sobre contato entre dialetos italianos e o português no Espírito Santo.

Em nossas entrevistas sociolinguísticas, podemos observar um pouco da percepção dos louveirenses em relação ao seu falar. Ressaltamos que os comentários destacados a seguir são referentes à perspectiva dos falantes acerca de sua própria fala:

IE38: "*tem uma amiga que fala: "mas não é "trêis", é "três". Eu falo: "mas, gente, eu não consigo falar "três*" (risos)".

Outros traços também são mencionados pelos informantes:

IE38: *"eu acho que eu falo bem puxado. Assim, o "erre"... eu percebo muito, assim, que agora eu trabalho em São Paulo, né, e ai eu vou pra lá conversar com um pessoal e eu percebo que é totalmente diferente a forma de puxar, o interior. É o interior* [com [ɹ]]*, a carne* [com [ɹ]], *sai esse puxado, né?! Eu falo "ah, meu Deus, queria puxar menos esse 'erre' pra não ficar tão característico* (risos)".

Mas, para a informante IE38, o "erre" ainda é diferente e menos "puxado" do que o de Piracicaba. Seria um "erre" mais regional. Com exceção das áreas de sítios, que, por influência italiana, poderiam apresentar expressões diferentes, o "erre" seria comum para toda a cidade. Outros comentários são feitos sobre a influência italiana:

IE41: "*o pessoal do Traviú tem um sotaque bem arrastado pro italiano sabe. Bom, você percebe que se amarrar a gente não fala (*risos)*. Se amarrar a mão, a gente não fala* (risos) *[...] eu acho que o pessoal de Louveira* [Centro] *é mais tranquilo, sabe. Tem menos sotaque. Agora esses netos de italiano, todos eles têm sotaque*".

IE41, continuando, fornece alguns exemplos:

IE41: *"E a minha sogra* [filha de italianos] *fala bem arrastado também. Ela fala bastante coisa errada, que nem... sabe os italianos mesmo... antigo. Elas falam assim, muita coisa... que é com "erre"* [imitando um [r]] *e ela fala com "erre"* [imitando um [ɾ]]*. É o "erre" dela. Sai um "errado"* [com [ɾ]] *[...] ela fala "pon", não fala "pão". "Macarron", não "macarrão". Coisas assim".*

Falar de ascendência retoma a distribuição do espaço na cidade de Louveira, pois determinados bairros possuem mais características italianas que outros. A ocupação de outras áreas do município também está relacionada à fala louveirense. Ao serem questionados a respeito de um "sotaque louveirense", muitos entrevistados responderam de forma similar conforme abaixo:

IE17: *Louveira não tem sotaque porque a gente é muito mesclado*[25].

É interessante observar alguém do interior de São Paulo que se considera sem sotaque. Quem teria sotaque, para quase todos os entrevistados, seriam os migrantes, e não aqueles que nasceram na cidade. Os que apontavam uma característica para o sotaque louveirense mencionavam o "erre puxado", típico do interior do estado de São Paulo. Mas todos que o fizeram afirmaram que o 'erre' realizado pelos louveirenses não é "puxado igual ao de outras cidades", como ocorre no seguinte exemplo:

IE37: *é meio misturado São Paulo assim com o interior, porque a gente fala... a gente fala "porta"* [realizando /r/ como [ɹ]]*, mas não é um "porta"* [realizando /r/ como [ɹ]] *igual ao de... Piracicaba. Não é igual, mas também não é o "porta"* [realizando /r/ como [ɾ]] *que pronuncia lá em São Paulo [...] mas a gente também fala "mano", que é coisa que não falam em Piracicaba, por exemplo. É um meio (risos).*

Uma análise acústica seria interessante para verificar se, de fato, a realização dos róticos em Louveira se distingue da de outras cidades interioranas – similar ao trabalho realizado por Leite (2010); mas essa seria uma sugestão para trabalhos futuros. A maioria dos entrevistados disse que não saberia nem como pronunciar o 'erre' dos paulistanos – comumente associado a um tepe. Um dos entrevistados, na faixa etária entre 46 e 60 anos (IE22), já com o gravador desligado, comentou que uma de suas filhas fazia aula de teatro na cidade e havia sido instruída por seu professor a não "puxar o erre", traço que a esse entrevistado soava como "forçado", como se se tentasse impressionar alguém. Outro deles (IE35) comentou acreditar que os louveirenses não puxavam tanto o "erre", pois

[25] Alguns falantes, de determinadas comunidades, acreditam não possuir sotaque. Essa opinião sobre sua própria fala é justificada, muitas vezes, com base na mescla de indivíduos de diferentes regiões de origem em um mesmo território. Os trabalhos de Barbosa (2002), sobre falantes brasilienses, e de Oushiro (2015), sobre falantes paulistanos, são exemplos de boas pesquisas que abordam a questão do sotaque vista pelos próprios falantes. Não possuir sotaque seria uma maneira de se diferenciar, e distanciar, daqueles que viriam "de fora" da comunidade.

pronunciariam um "erre" mais "curtinho", algo como "puquê" ao invés de "porque" - similar a um apagamento. Para outros, esse "erre puxado" poderia, sim, ser encontrado em Louveira:

IE18: *pessoal das áreas mais rurais puxam o 'erre', mas falam mais devagar, sossegado.*

E há os entrevistados que afirmam ter a percepção de que diferentes moradores da cidade teriam 'erres' diferentes:

IE24: *os filhos, que eram brasileiros já, falavam um pouco... puxado. O que não era o caso da minha mãe. Nem do meu pai, por exemplo.*

Descendentes de italianos, parentes de alguns informantes, foram descritos por esses como falantes que "puxavam o italiano". Um exemplo seria os moradores do bairro da Abadia, que teriam um "italiano caipira" como "linguajar", conforme comentado pela informante IE24, para quem o bairro da Abadia teria um "italiano arrastado", em que se puxa o "erre'", sendo, portanto, o lugar em que "o linguajar mais caipira prevaleceria"; seria um "'erre' mais devagar, puxado". Ainda assim, alguns entrevistados consideram que "o 'erre' dos louveirenses é menos puxado do que em outros lugares do interior". Há comentários também pontuando a questão de ser, ou não, caipira, os quais mostram que "mesmo puxando o 'erre', alguém que vem de escola particular não seria caipira". Dentro da própria comunidade, o caipira estaria mais ligado à aparência, ao comportamento e aos símbolos de status-quo do que efetivamente à língua – aparentemente, em um primeiro momento. Mas não há comentários nas entrevistas fazendo avaliação negativa do sotaque caipira, nem do falar louveirense.

Fato interessante é apenas duas entrevistadas terem mencionado a realização das oclusivas dentais /t/ e /d/, a qual se observa em alguns falantes com realização dental e, em sua maioria, com palatalização:

IE37: *depende... o pessoal da Abadia, que nem "Abadia", eles falam Abadia* [realizando a oclusiva /d/ como [d]], *porque eles são um pouco descendente de italiano. Então eles dão aquela puxada... encurtada assim no "d".*

IE40: "ai*, tipo, o "t" acho que era diferente. "Coitadinho"* [com [d]]*, não é "coitadinho"* [com [dʒ]] (risos*). E eu peguei isso [...] a gente tava cantando ai eu falei: "gente, ninguém me*

*corrigiu desse 'erre' pelo amor de Deus (*risos*) [...] só que é interessante, você ouvir uma pessoa falando é uma coisa; você se ouvir é outra né*".

Já quanto ao rótico em posição de ataque silábico, cuja realização também varia na cidade, podendo ser velar ou vibrante múltipla, foram poucos os comentários feitos pelos entrevistados (como o comentário da falante IE41, destacado na página 63). Ou seja, a realização do rótico em posição de ataque não seria algo que chama muita atenção dos louveirenses, ou se destaca muito em suas falas.

Um dos informantes citou um exemplo de fala "errada" (assim classificada por ele), sob influência do dialeto italiano:

IE36: *a gente falava exatamente como era um italiano aqui no Brasil. A gente falava tudo errado (risos). Onde que era pra usar um "erre" usava dois, onde que era pra usar dois usava um [...] A gente falava: "Vai arrear o burro"* [com [ɾ]] *enquanto o certo seria "vai arrear o burro"* [com "r" como [r]] *[...] porque a gente falava italiano misturado com português [...] quando nós mudamos, que começamos a estudar em Louveira, nossa, o pessoal tirava sarro pra cacete de nóis. Até hoje tem pessoal em Louveira que chama nós de "Badia", em questão de tirar sarro.*

E continua:

IE36: *Só que... pessoal começou a estudar né. Ai começa a, como é que fala, um intercâmbio de línguas, né. Ai o pessoal começa a corrigir... então nós fomos deixando de ter esse jeito de falar. Mas eu tenho dó de ter perdido [...] Sou um cara que gosta de preservar o que era da nossa história.*

Por fim, completa:

IE36: *Bastante... bastante dos mais velhos daqui fala tudo errado ainda [...] Se você for escutar eles conversar, é exatamente o jeito que a gente falava... há quarenta anos atrás [...] Não é que seja feio, mas é que vai contradizer com o dialeto de hoje, né [...] Pessoal de fora fala que eu tenho sotaque lá do sul.*

Entretanto, ao se imaginar que essas formas variantes só seriam encontradas em uma região mais afastada do Centro, pode-se verificar em falantes de outras regiões o mesmo padrão de fala (IE*22*). A característica em comum aos dois entrevistados (IE*36* e IE*22*) seria a ascendência italiana, ainda que tenham crescido em regiões diferentes da cidade, com ocupações e educação diferentes. Há, também, em algumas entrevistas a realização da lateral palatal como um iode (glide) em situações mais descontraídas (que será exemplificado na seção seguinte). Tal fenômeno despertou nossa atenção, por isso essas realizações foram computadas de forma a verificarmos o que ocorre nesses casos, como veremos a seguir, junto a outras características gerais da fala louveirense.

4.2.Análise geral da fala louveirense

De forma a ter uma visão mais ampla da fala louveirense, além das variáveis a serem descritas mais adiante (oclusivas dentais e róticos em posição de coda e ataque silábico), observaram-se outros traços fonéticos dos louveirenses. Esses traços, já apresentados na seção anterior, foram escolhidos por serem traços já estudados por outros autores que discorreram acerca do dialeto caipira em cidades como Piracicaba (AMARAL, 1920; RODRIGUES, 1974). A fim de proceder à caracterização do dialeto de Louveira, foi feito um levantamento dos processos fonológicos em todas as entrevistas utilizadas. Foram levantados dados referentes:

1. ao alteamento de vogais átonas finais (em palavras como “outro” e “pente”);
2. à realização do rótico em segunda posição de ataque complexo (C**C**V: em palavras como “troca”);
3. à realização de tepe intervocálico (V.**C**V: em palavras como “caro”);
4. à realização de /s/ em sílabas travadas por essa fricativa (como em “três” vs. “trêis”);
5. à realização da lateral palatal (como em “palha” vs. “paia”).

Os dados observados são os seguintes:

Tabela 12: Dados gerais referentes à fala louveirense

Variável	**Variantes (nº ocorrências/%)**		**TOTAL**
Vogal final /e/	**[e]**	**[i]**	2453
	61 (02%)	2392 (98%)	
Vogal final /o/	**[o]**	**[u]**	2193
	20 (01%)	2173 (99%)	
	Retroflexo	**Tepe**	
/r/ em ataque silábico complexo (CCV)	18 (01%)	2030 (99%)	2048
Tepe intervocálico (VCV)	08 (01%)	1444 (99%)	1452
Sílaba travada em /s/	**[s]**	**[is]**	582
	74 (13%)	508 (87%)	
Lateral palatal [ʎ]	**[j]**	**[ʎ]**	613
	12 (02%)	601 (98%)	

As variáveis apresentam comportamento categórico, sendo a variação muito baixa. Essa descrição mais geral da fala dos louveirenses nos mostra que a comunidade apresenta características de fala mais urbanas, se comparadas às registradas por Amaral (1920) e Rodrigues (1974). O alçamento da vogal átona final /e/ e /o/ é verificado em quase todos os dados levantados. A realização de /r/ na segunda posição de ataque silábico complexo e em posição intervocálica apresenta 99% de suas ocorrências como a variante tepe. A realização de /s/ em sílabas travadas é a única variável que apresenta variação considerável: 87% das realizações apresentam a inserção da vogal [i], contra 13% de realizações apenas da fricativa dental no travamento silábico. Seria interessante, como proposta futura de trabalho, verificar mais detalhadamente em quais contextos essa variação ocorre.

Por fim, observaram-se 613 ocorrências da lateral palatal (em palavras como “filho”). Dessas, apenas 12 apresentaram a variante [j]. É interessante observar o contexto em que ocorreram:

(1) Entrevistador: Pessoal do Bairro pega, assim, no pé do pessoal do Centro? O que que eles falam?

IE18: Ah... eles falam nossa você mora no Centro... nossa *olha* lá não tem nada... que droga (risos)

(2) IE25: ... tinha festa lá, só que era ponto de droga, era festa, era tipo você só via aquelas *mulher* entrando, *mulher* saindo e polícia chegando e bombeiro...

(3) IE30: Eu acho que acabo aquela rixa agora, é mais dos antigos... fala assim parece que eu sou tão *velha* né (risos)

(4) IE36: você pega assim, a sociedade é que nem você compra um carro... se você trouxer pro convívio um carro do jeito que vem de fábrica... não cresce os *olhos*, mas você bota uma puta roda no carro, ai você põe um aerofólio...

(5) IE38: de vez em quando o povo solta umas que você fala... nossa, o que é isso, né?! Coisa de *velho*, né (risos)

(6) IE41: ... o pessoal começou a engordar depois de *velho*... (risos)

(7) IE43: ... a molecada brincou pra caramba, tudo de barriga cheia, sobrou coisa na mesa... e ai eu falei, *olha*, puta merda viu... nós brincamos de ovo... de corrida do ovo

(8) IE44: estamos no eixo do país, do estado, *velho*, então cê consegue achar qualquer lugar pro cê sair
[...]
cê chega e fala pra um moleque de catorze anos: vamo brincar de esconde-esconde, o cara fala: *velho*, onde que baixa esse aplicativo ai (risos)
[...]
o cara trabalha na roça, não é registrado, trabalha num sol do *caralho*, entendeu...
[...]
É, hoje tá todo mundo casado, com filho, *velho* pra caramba vai arrumar briga pra quê?

Observa-se que a lateral palatal[26] é vocalizada (velho = ['vɛju]) em situações em que há tentativa de aproximação ao falante e à temática por ele abordada, para criar empatia seja

[26] Estudos sobre a realização da lateral palatal no Brasil (BRANDÃO, 2007b; FREIRE, 2012; FERREIRA, 2011; KARIM e KARIM, 2014) destacam, além da vocalização, a presença de formas variantes como o

com o assunto, seja com o entrevistador. Eckert (2010) mostra que a língua varia em função da afetividade em relação a uma temática conversacional. Seu estudo mostrou a maneira pela qual duas pré-adolescentes demonstravam afeto conforme a realização da vogal /o/ e do ditongo /ay/. O estudo, desenvolvido em uma escola de ensino fundamental na Califórnia, centrou-se em duas estudantes: Colette, que não era uma aluna muito popular na escola; e Rachel, que "se fazia de vítima" em muitas situações sociais. As entrevistas com Colette foram realizadas em dois momentos: enquanto estava na quinta série, quando ainda mantinha um pensamento mais infantil em relação, por exemplo, aos meninos de sua sala de aula; e outra enquanto estava na sexta série, quando já tinha uma visão mais crítica de seus arredores.

A primeira entrevista foi classificada por Eckert (2010, p. 74) como a "boa Colette" e a segunda como "Colette negativa". Foi notado que a pronúncia de /o/ e /ay/ variou drasticamente nesses dois episódios: na primeira entrevista, em detrimento da segunda, as vogais foram tipicamente pronunciadas de forma mais recuada e alta. Já no caso das entrevistas com Rachel, a variação ocorreu da seguinte forma: as vogais se apresentaram mais centralizadas em situações em que Rachel se mostrava mais defensora, do que quando apenas relatava imparcialmente um fato. Eckert (2010, p.78. Tradução nossa[27]) conclui que, para esse ambiente estudado, "o efeito negativo estaria associado à posteriorização da vogal, e o arredondamento da vogal junto a sua anteriorização teria uma relação similar a franzir a testa e a sorrir". Eckert (2010) também ressalta que qualquer conclusão desse tipo deve ser feita em relação à comunidade e às práticas ali desempenhadas. Algo similar poderia ocorrer em relação à realização da lateral palatal. Frisa-se que estender a análise dessa variável não é nosso objetivo deste trabalho, contudo vale registrar o fato.

Nas frases destacadas para (8), anteriormente transcritas, pode-se observar que, em alguns dos casos, "velho", similar a "cara", "mano", "meu", foi vocalizado para interagir com o interlocutor. Em (3), (5) e (6), a palavra "velho" aparece como adjetivo, e a variação parece suavizar o peso que a idade dá a pessoa sobre quem se fala no momento da entrevista. Há marcadores conversacionais, como "olha" em (1) e (7), por meio dos quais o que é dito refere-se diretamente ao interlocutor, não se restringindo apenas a uma narrativa. Nos outros casos – (2) e (4) -, as palavras enunciadas foram acompanhadas de ênfase, como se fossem termos

---

cancelamento da lateral palatal, a realização como lateral dental [l] e como lateral seguida de semivogal [lj]. Por vezes, essas variantes poderiam apresentar marcação social, sendo associadas aos falantes de determinada área de uma comunidade. Nas entrevistas e nos vídeos da Câmara de Louveira, não foi observada outra variante que não fosse a lateral palatal ou a vocalização nos casos apresentados acima. A palavra "velho(a)" também apareceu em maior parte da variação e em falantes de diferentes perfis sociais.

[27] Negative affect associated with vowel backing, and that the lip spreading and rounding that accompany fronting and backing bear a synesthetic relation to smiling and frowning.

chave para o locutor justificar sua sentença. Talvez, gírias como “velho” já sejam observadas como ['vɛju], ou até mesmo como ['vɛi], sendo necessário verificar o que seriam estas formas iotizadas já cristalizadas e o que seria, de fato, variação linguística. Fica aqui o registro e a curiosidade de se verificar tal fenômeno no futuro.

O levantamento de dados acima nos mostra que a fala louveirense não apresenta, na mesma proporção de Amaral (1920) e de Rodrigues (1974), traços atribuídos ao dialeto caipira. A fala dos louveirenses já apresenta traços mais associados às áreas mais urbanas. Vejamos, a seguir, as principais variáveis sociolinguísticas observadas neste trabalho. Cabe, antes de iniciarmos as análises quantitativas, ressaltar que, assim como iniciamos nossa pesquisa a partir da comunidade estudada, daremos maior atenção às variáveis independentes sociais de nossas análises. As variáveis independentes linguísticas também foram contempladas, mas a discussão aqui proposta terá mais foco nas questões sociais de nossa comunidade de estudo[28]. Outro ponto importante é lembrar que dados metalinguísticos (referentes a exemplos que os falantes dão sobre como uma pronúncia ou outra soa, semelhantes às palavras destacadas nos comentários dos entrevistados na seção anterior) não foram incluídos nas análises.

4.3.Análise das oclusivas dentais /t/ e /d/

4.3.1. Realização das oclusivas /t/ e /d/ - Grupo Controle

Houve um total de 77 apagamentos de vogais [i] seguintes a /t/ e /d/ e 01 caso de ditongo nasal para o contexto fônico posterior. Os dados das oclusivas, para esses casos, serão desconsiderados para a análise. Dessa maneira, temos como distribuição geral de dados para o Grupo Controle:

Tabela 13: Distribuição geral dos dados de oclusivas dentais /t/ e /d/ - Grupo Controle

Variante	**Ocorrências (%)**
Africada	720 (62%)
Dental	435 (38%)
Total	**1155**

[28] Agrupar as variáveis previsoras linguísticas em categorias correspondentes a ponto de articulação, para os contextos fônicos adjacentes, por exemplo, e utilizar a variável previsora linguística Classe Morfológica como variável aleatória em um teste de regressão logística são possibilidades de uma análise mais focada nas variáveis previsoras linguísticas.

De forma a verificar como as variantes se distribuem nas variáveis previsoras, vejamos as observações de /t/ e /d/ conforme as variáveis sociais:

Tabela 14: Distribuição dos dados das oclusivas dentais para o Grupo Controle – Variáveis sociais

Variável social	**Variantes**		**Total**	**Qui-quadrado**
Sexo/gênero	**Africada**	**Dental**		
Feminino	205 (88%)	29 (12%)	234	**$\chi^2 = 78{,}743$ (1), $p < 0{,}001$**
Masculino	515 (56%)	**406 (34%)**	921	
Total	**720**	**435**	**1155**	
Faixa etária	**Africada**	**Dental**	**Total**	**Qui-quadrado**
4ª (61 a 75 anos)	638 (65%)	348 (35%)	986	**$\chi^2 = 15{,}416$ (1), $p < 0{,}001$**
5ª (76 a 90 anos)	82 (48%)	**87 (52%)**	169	
Total	**720**	**435**	**1155**	
Escolaridade	**Africada**	**Dental**	**Total**	**Qui-quadrado**
Fundamental	07 (27%)	**19 (73%)**	26	**$\chi^2 = 33{,}385$ (2), $p < 0{,}001$**
Médio	537 (60%)	**356 (40%)**	896	
Superior/Técnico	176 (76%)	57 (24%)	233	
Total	**720**	**435**	**1155**	
Região	**Africada**	**Dental**	**Total**	**Qui-quadrado**
Bairro	319 (79%)	86 (21%)	405	**$\chi^2 = 70{,}619$ (1), $p < 0{,}001$**
Centro	401 (54%)	**349 (46%)**	750	
Total	**720**	**435**	**1155**	

O teste de qui-quadrado auxilia, como já mencionado na seção referente à metodologia deste trabalho, a verificar se a diferença entre as porcentagens encontradas para os dados é significativa. Dessa maneira, resultados de qui-quadrado com valor *p* menor que 0,05 indicam que uma variável previsora pode estar relacionada à variação encontrada. Isso será verificado a seguir, com o teste de regressão logística correlacionando todas as variáveis previsoras sociais e linguísticas, a fim de mostrar se um fator ou outro de uma variável previsora (independente) pode ser condicionador de uma forma variante. Para cada variável independente/previsora em que o teste qui-quadrado indicar $p < 0{,}05$, a porcentagem de ocorrência da variante menos utilizada será destacada em negrito. Desta maneira, a visualização do fator que pode condicionar a variação (a ser verificada no teste de regressão

logística mais adiante) é mais facilmente notada. Esse procedimento será realizado para todas as variáveis sociolinguísticas deste trabalho.

Nos valores da tabela anterior, a ocorrência da variante africada é maior para as mulheres, para os falantes da 4ª faixa etária (de 61 a 75 anos), para os falantes de ensino médio e superior/técnico e para os falantes que são moradores do Bairro. Os grupos sociais mostram-se atuantes na variação linguística registrada na amostra para o Grupo Controle, e os valores qui-quadrado mostram que as diferenças encontradas nas porcentagens registradas parecem ser significativas. Em relação às variáveis previsoras linguísticas, temos:

Tabela 15: Distribuição geral dos dados das oclusivas dentais para o Grupo Controle – Variáveis linguísticas

Variável linguística	**Variantes**		**Total**	**Qui-quadrado**
Vozeamento	**Africada**	**Dental**		
Desvozeada	361 (66%)	186 (34%)	547	**$\chi2 = 5,632$ (1), $p < 0,02$**
Vozeada	359 (59%)	**249 (41%)**	608	
Classe morfológica	**Africada**	**Dental**	**Total**	**Qui-quadrado**
Adjetivo	80 (68%)	36 (32%)	116	**$\chi2 = 11,424$ (6), $p < 0,08$**
Advérbio	46 (62%)	28 (38%)	74	
Numeral	14 (61%)	09 (39%)	23	
Preposição	05 (28%)	**13 (72%)**	18	
Preposição "de"	159 (62%)	98 (38%)	257	
Substantivo	300 (63%)	179 (37%)	479	
Verbo	116 (62%)	72 (38%)	188	
Contexto fônico anterior	**Africada**	**Dental**	**Total**	**Qui-quadrado**
Consoante fricativa	63 (76%)	20 (24%)	83	**$\chi2 = 23,18$ (9), $p < 0,005$**
Glides	43 (72%)	17 (28%)	60	
Liquida vibrante	51 (74%)	18 (26%)	69	
Pausa	27 (52%)	**25 (48%)**	52	
Vogal anterior	139 (61%)	**89 (39%)**	228	
Vogal anterior nasal	100 (57%)	**76 (43%)**	176	
Vogal central	137 (60%)	**92 (40%)**	229	
Vogal central nasal	51 (68%)	24 (32%)	75	
Vogal posterior	86 (56%)	**66 (44%)**	152	
Vogal posterior nasal	23 (74%)	8 (26%)	31	
Contexto fônico posterior	**Africada**	**Dental**	**Total**	**Qui-quadrado**
Ditongo posterior	15 (55%)	12 (45%)	27	**$\chi2 = 0,65258$ (2), $p < 0,8$**
Vogal [i]	665 (62%)	401 (38%)	1066	
Vogal nasal [i]	40 (64%)	22 (36%)	62	
Tonicidade	**Africada**	**Dental**	**Total**	**Qui-quadrado**
Átona	447 (63%)	260 (37%)	707	**$\chi2 = 0,5175$ (1), $p < 0,48$**
Tônica	273 (61%)	175 (39%)	448	
Status da vogal	**Africada**	**Dental**	**Total**	**Qui-quadrado**
Fonética	410 (61%)	262 (39%)	672	**$\chi2 = 1,071$ (1), $p < 0,31$**
Fonológica	310 (64%)	173 (36%)	483	
Posição na palavra	**Africada**	**Dental**	**Total**	**Qui-quadrado**
Inicial	231 (58%)	**163 (42%)**	394	**$\chi2 = 6,82$ (2), $p < 0,04$**
Medial	271 (61%)	169 (39%)	440	
Final	218 (68%)	103 (32%)	321	
Total	**720**	**435**	**1155**	

Dos grupos acima, quatro apresentam teste qui-quadrado que indicam diferenças significativas: o *Vozeamento*, sendo a variante desvozeada a que registra maior ocorrência da variante africada; o *Contexto Fônico Anterior*, sendo as variantes "pausa", "vogais anteriores", "vogal central" e "vogais posteriores orais" as de menor ocorrência para a variante africada; a *Posição na Palavra*, sendo as oclusivas dentais encontradas em sílabas medial (e.g. gatilho, independentemente, etc.) ou final (e.g. alfinete, pente, etc.) as de maior ocorrência para a variante africada; e a *Classe Morfológica*, com maior incidência da variante dental nas preposições. As variáveis independentes/previsoras comentadas serão destacadas em itálico, de forma a facilitar a leitura dos resultados. A análise estatística nos traz valores que permitem verificar a correlação entre essas variáveis e a realização **dental** das oclusivas (uma vez que essa é a variante que menos ocorre). Para obtermos esses valores, o modelo de regressão logística é o mais indicado. No modelo a seguir, incluímos nossos informantes como variável aleatória, evitando, assim, que os dados de determinado informante possam enviesar nossos resultados. Os valores apresentados na tabela seguinte foram obtidos com o uso da função `glmer()`, na plataforma R:

Tabela 16: Estimativas (em *log odds*) para emprego da variante dental em modelo de regressão logística, de efeitos mistos, em relação às variáveis previsoras sociais e linguísticas - Grupo Controle

Estimativas (em *log odds*) para emprego da variante dental em modelo de regressão logística					
FATORES	**Estimativa**	**Erro Padrão**	**Valor-z**	**Valor-p**	
(Intercept)	-2.25	2.09327	-1.077	0.281524	
Variáveis previsoras sociais					
Sexo/gênero Masculino	1.68	0.94652	1.776	0.075660	+
5ª faixa etária (75 a 90 anos)	0.98	0.94664	1.034	0.300925	
Região Centro	1.21	0.90242	1.336	0.181573	
Ens. Médio	-1.78	170.192	-1.043	0.296732	
Ens. Superior/Técnico	-1.50	196.290	-0.763	0.445742	
Variáveis previsoras linguísticas					
Variante vozeada	0.62	0.23867	2.588	0.009664	**
Sílaba tônica	0.69	0.29575	2.348	0.018883	*
Início de palavra	-0.70	0.41128	-1.698	0.089416	+
Meio de palavra	-0.77	0.37923	-2.030	0.042366	*
Vogal fonológica	-0.10	0.34793	-0.278	0.781279	
Contexto fônico anterior					
Glides	0.56	0.49699	1.120	0.262787	
Líquida vibrante	0.57	0.49227	1.166	0.243473	
Pausa	1.52	0.50659	3.008	0.002630	**
Vogal anterior	0.98	0.39383	2.480	0.013128	*
Vogal anterior nasal	1.25	0.43664	2.870	0.004101	**
Vogal central	1.00	0.40541	2.473	0.013411	*
Vogal central nasal	0.13	0.51368	0.260	0.794897	
Vogal posterior	1.38	0.40494	3.417	0.000634	***
Vogal posterior nasal	0.29	0.62677	0.464	0.642997	
Contexto fônico posterior					
Vogal [i]	-0.41	0.53135	-0.773	0.439579	
Vogal nasal [i]	-0.13	0.70068	-0.190	0.849246	
Classe morfológica					
Advérbio	0.03	0.47999	0.070	0.943884	
Numeral	-0.23	0.69697	-0.325	0.745388	
Preposição	1.41	0.76374	1.849	0.064488	+
Preposição *de*	-0.57	0.56831	-0.997	0.318710	
Substantivo	0.27	0.33797	0.786	0.431868	
Verbo	-0.04	0.41641	-0.088	0.929783	
C = 0,769					

+ 0,1 < p > 0,05; **p* < 0,05; ***p* < 0,01; ****p* < 0,001

*O *intercept* nesses dados corresponde aos fatores:sexo/gênero feminino; 4ª faixa etária (60 a 75 anos); Região do Bairro; Escolaridade Fundamental; Variante desvozeada; Contexto fônico anterior de consoante fricativa; Contexto fônico posterior de ditongo posterior; Sílaba átona; Posição final na palavra; Classe morfológica adjetivo; Status da vogal fonética.

Os valores referentes ao *Intercept* dizem respeito às variáveis não mostradas abaixo de sua linha. A observação logo abaixo da tabela mostra os fatores que correspondem ao *Intercept*. Os valores referenciados abaixo da linha *Estimativa* são as medições estatísticas em *log odds* (GRIES, 2013, p. 300). *Log odds* negativos implicam em *odds* que vão de 0 a 1 e probabilidades entre 0 e 0,5, ou seja, desfavoráveis ao emprego da variante dental. Se a medição em *log odds* é positiva (acima de zero), há favorecimento da variante dental. Para verificarmos se há significância para o valor de *log odds* encontrado, checamos o valor da última coluna *Valor-p* esperando um valor abaixo de 0,05. Caso isso ocorra, asteriscos aparecem ao lado do valor, dando destaque àquele fator. As outras colunas de informação dizem respeito ao *Erro Padrão* (relacionado à distribuição da amostra e ao cálculo dos intervalos de confiança) e a testes de significância (*Valor-z* de Wald e seu equivalente em valor *p*).

O modelo de regressão logística, com a variante aleatória "informante", apresenta algumas mudanças em relação aos testes qui-quadrado: no modelo acima, os grupos sociais não apresentam significância para a variação encontrada em nossos dados. Em relação às variáveis previsoras linguísticas, algumas variáveis apresentam fatores[29] que se mantêm com significância:

- Para a variável *Vozeamento*, o fator "variante vozeada" (assim como apontado nos estudos de PAGOTTO, 2001; MAURI, 2008; DUTRA, 2007; MATTÉ, 2009);
- Para a variável *Contexto Fônico Anterior*, as variantes "pausa" (também observado por MAURI, 2008 e MATTÉ, 2009), vogais anteriores e posteriores (também observadas por PAGOTTO, 2001; MAURI, 2008; DUTRA, 2007);
- Para a variável *Posição da Oclusiva na Palavra*, a posição medial foi o único fator que apresentou significância. Contudo, os trabalhos prévios aqui antes abordados não categorizam esse tipo de dado dentre seus resultados.

A variável *Tonicidade* passa a apresentar seu fator "sílaba tônica" como significante estatisticamente, o que pode indicar que há interação entre essa variável com outra variável do modelo de regressão logística. Os trabalhos prévios apresentados em nosso texto (PAGOTTO, 2001; MAURI, 2008; DUTRA, 2007; MATTÉ, 2009) mostram que a sílaba átona é fator condicionante à realização dental. Esse fator é o único que destoa em nossa análise, quando

[29] "Fator" é o termo utilizado nos testes estatísticos para nos referirmos às variantes das variáveis previsoras (independentes): Sexo/gênero é uma variável previsora/independente, masculino e feminino são seus dois fatores (variantes).

comparada a esses outros trabalhos prévios. O Grupo Controle é uma amostra não ortogonal, cujos dados foram registrados em eventos de fala que não eram entrevistas sociolinguísticas. A diferença para esse resultado pode residir nesse fato, podendo atribuir a flutuação nos resultados aos indivíduos. Ressaltamos que, como apontado anteriormente, o foco de nossas análises é na correlação entre variáveis previsoras sociais, portanto o teste de regressão logística de efeitos mistos (com *Classe Morfológica* como variável aleatória, por exemplo) não foi realizado para as variáveis previsoras linguísticas. Ainda assim, com base nos resultados obtidos acima para essas variáveis, é interessante verificar que os processos linguísticos que atuam em outras comunidades do Brasil também foram encontrados nos falantes louveirenses de nossa amostra do Grupo Controle. Assim, aventamos a hipótese de que esses grupos de fatores atuem para os falantes de nossas entrevistas sociolinguísticas, o Grupo Entrevista, do qual trataremos a seguir.

Sumário: A realização da variante dental aparece em maior frequência para falantes de maior idade, para homens, para falantes de menor escolaridade e para moradores do Centro. Em termos de variáveis previsoras linguísticas, o *Vozeamento*, o *Contexto Fônico Anterior* e a *Tonicidade* aparecem como as variáveis previsoras com significância estatística para a amostra do Grupo Controle. O modelo de regressão logística com a variável aleatória "informante" apontou apenas os fatores de variáveis linguísticas como condicionadores da variante dental. Esses mesmos grupos de fatores foram observados nos trabalhos prévios comentados anteriormente em nosso trabalho, com exceção apenas para a tonicidade da sílaba em que se encontra a oclusiva /t/ ou /d/.

4.3.2. Realização das oclusivas /t/ e /d/ - Grupo Entrevistas

Houve um total de 292 apagamentos de vogais seguintes a /t/ e /d/. Os dados das oclusivas, para esses casos, serão desconsiderados para a análise. Dessa maneira, temos como realizações totais para o Grupo Entrevistas:

Tabela 17: Distribuição geral dos dados para as oclusivas dentais /t/ e /d/ - Grupo Entrevistas

Variante	**Ocorrências (%)**
Africada	5923 (81%)
Dental	1365 (19%)
Total	**7288**

De forma a verificar como a variante dental se comporta nos dados, fazemos a seguir as observações de /t/ e /d/ em relação às variáveis sociais:

Tabela 18: Distribuição geral dos dados das oclusivas dentais para o Grupo Entrevista – Variáveis sociais

Variável social	**Variantes**		**Total**	**Qui-quadrado**
Sexo/gênero	**Africada**	**Dental**		
Feminino	3079 (84%)	594 (16%)	3673	**χ^2 = 31,478 (1), p < 0,001**
Masculino	2844 (79%)	**771 (21%)**	3615	
Faixa etária	**Africada**	**Dental**	**Total**	**Qui-quadrado**
1a (18 a 29 anos)	2413 (99%)	17 (01%)	2430	**χ^2 = 1817,4 (2), p < 0,001**
2a (30 a 45 anos)	2186 (90%)	233 (10%)	2419	
3a (46 a 60 anos)	1324 (54%)	**1115 (46%)**	2439	
Escolaridade	**Africada**	**Dental**	**Total**	**Qui-quadrado**
Médio	3580 (81%)	818 (19%)	4398	**χ^2 = 0,102 (1), p = 0,74**
Superior/Técnico	2343 (81%)	547 (19%)	2890	
Região	**Africada**	**Dental**	**Total**	**Qui-quadrado**
Bairro	2828 (84%)	550 (16%)	3378	**χ^2 = 24,482 (1), p < 0,001**
Centro	3095 (79%)	**815 (21%)**	3910	
Ascendência	**Africada**	**Dental**	**Total**	**Qui-quadrado**
Não-italiana	3102 (88%)	421 (12%)	3523	**χ^2 = 205,05 (1), p < 0,001**
Italiana	2821 (75%)	**944 (25%)**	3765	
Opinião sobre sotaque	**Africada**	**Dental**	**Total**	**Qui-quadrado**
Com sotaque	3057 (89%)	387 (11%)	3444	**χ^2 = 239,88 (1), p < 0,001**
Sem sotaque	2866 (74%)	**978 (26%)**	3844	
Renda	**Africada**	**Dental**	**Total**	**Qui-quadrado**
1r	2262 (94%)	130 (06%)	2392	**χ^2 = 412,15 (1), p < 0,001**
2r	3661 (74%)	**1235 (26%)**	4896	
Total	**5923**	**1365**	**7288**	

Os testes de qui-quadrado nos mostram que as diferenças encontradas parecem ser significativas para alguns dos grupos sociais acima: as mulheres aparecem, assim como no Grupo Controle, como as que mais realizam a variante africada; há grande diferença na ocorrência das variantes das oclusivas dentais conforme a faixa etária, sendo os falantes mais velhos os mais propensos à realização dental (com quase metade de suas ocorrências observadas para essa variante); a *Escolaridade*, diferentemente do Grupo Controle, apresenta

taxas iguais de ocorrência da variante dental para aqueles com ensino superior/técnico e ensino médio; a região Bairro, assim como observado no Grupo Controle, é a que apresenta maior número de ocorrências para a variante africada; os falantes de ascendência não italiana são os que registraram a maior ocorrência da variante africada; aqueles que acreditam que exista um "sotaque louveirense" são os falantes cuja ocorrência para a forma africada é maior; por fim, os falantes de menor renda foram os que apresentaram maior ocorrência de africadas.

As últimas três variáveis previsoras sociais não puderam ser controladas para o Grupo Controle, para as demais, com exceção da *Escolaridade*, os testes qui-quadrado e as porcentagens observadas apontam para o mesmo quadro observado no Grupo Controle. O principal diferencial está relacionado à faixa etária, como pode ser visto no gráfico a seguir:

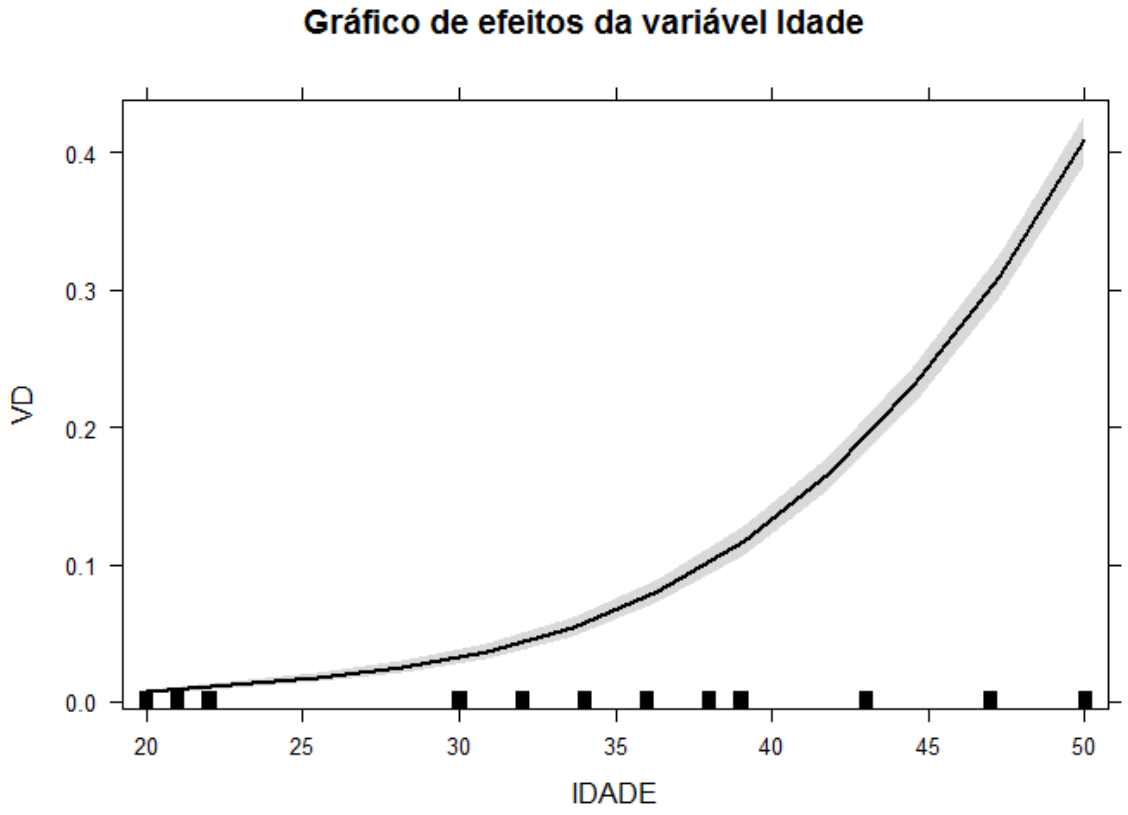


Gráfico 3: Realização das oclusivas de forma dental conforme a idade de cada falante – Grupo Entrevistas

A área cinza ao redor da linha da regressão representa o intervalo de confiança para cada ponto ao longo do gráfico. O eixo X apresenta a idade de cada falante entrevistado, e, no eixo Y, a variante dental é representada conforme sua proporção na amostra de dados. O que se observa, como visto nos dados anteriores, é que quanto maior a idade, maior a realização das oclusivas de forma dental. A curva parece se tornar mais acentuada a partir do meio do

gráfico, portanto é interessante, mais à frente, verificar como a variação se dá para os falantes da última faixa etária. O *Contexto de Fala* em que os dados foram registrados também foi controlado: os dados referentes a "antes" dizem respeito à parte da entrevista antes do falante ser informado sobre a natureza da entrevista sociolinguística e antes de ser questionado sobre a fala louveirense; já os dados referentes a "depois" estão relacionados ao que foi levantado após esse momento. Os dados obtidos para as oclusivas dentais conforme o Contexto de Fala são:

Tabela 19: Distribuição geral dos dados das oclusivas dentais para o Grupo Entrevista – Contexto de fala

Contexto de fala	**Africada**	**Dental**	**Total**	**Qui-quadrado**
Antes	4935 (81%)	1168 (19%)	6103	**$\chi 2 = 4{,}1191$ (1), $p = 0{,}06$**
Depois	988 (83%)	197 (17%)	1185	
Total	**5923**	**1365**	**7288**	

As diferenças entre as porcentagens são pequenas e de acordo com o teste qui-quadrado não aparentam ser significativas. Os dados referentes às variáveis previsoras linguísticas estão na tabela a seguir:

Tabela 20: Distribuição geral dos dados das oclusivas dentais para o Grupo Entrevistas – Variáveis linguísticas

Variável linguística		Variantes		Total	Qui-quadrado
		Africada	Dental		
Vozeamento	Desvozeada	3137 (84%)	576 (16%)	3713	**$\chi2 = 51,013$ (1), $p < 0,001$**
	Vozeada	2786 (78%)	**789 (22%)**	3575	
Classe Morfológica	Adjetivo	734 (84%)	143 (16%)	877	**$\chi2 = 71,172$ (8), $p < 0,001$**
	Advérbio	407 (80%)	**99 (20%)**	506	
	Marcador Conversacional	227 (97%)	06 (03%)	233	
	Numeral	122 (75%)	**40 (25%)**	162	
	Preposição	112 (85%)	20 (15%)	132	
	Preposição "de"	902 (77%)	**267 (23%)**	1169	
	Pronome	24 (96%)	01 (04%)	25	
	Substantivo	2390 (82%)	520 (18%)	2910	
	Verbo	1005 (79%)	**269 (21%)**	1274	
Contexto Fônico Anterior	Consoante fricativa	464 (91%)	46 (09%)	510	**$\chi2 = 92,049$ (10), $p < 0,001$**
	Ditongo nasal	188 (80%)	47 (20%)	235	
	Glides	122 (81%)	28 (19%)	150	
	Liquida vibrante	343 (82%)	77 (18%)	420	
	Pausa	221 (73%)	**80 (27%)**	301	
	Vogal anterior	842 (80%)	204 (20%)	1046	
	Vogal anterior nasal	1102 (85%)	197 (15%)	1299	
	Vogal central	1094 (78%)	312 (22%)	1406	
	Vogal central nasal	470 (87%)	72 (13%)	542	
	Vogal posterior	701 (76%)	218 (24%)	919	
	Vogal posterior nasal	376 (82%)	84 (18%)	460	
Contexto Fônico Posterior	Ditongo posterior	109 (86%)	18 (14%)	127	**$\chi2 = 17,454$ (2), $p < 0,0001$**
	Vogal [i]	535 (76%)	**172 (24%)**	707	
	Vogal nasal [i]	5279 (82%)	1175 (18%)	6454	
Tonicidade	Átona	3544 (83%)	733 (17%)	4277	**$\chi2 = 16,969$ (1), $p < 0,0001$**
	Tônica	2379 (79%)	**632 (21%)**	3011	
Posição na palavra	Inicial	2253 (79%)	**593 (21%)**	2846	**$\chi2 =14,247$ (2), $p < 0,001$**
	Medial	1235 (83%)	248 (17%)	1483	
	Final	2435 (82%)	524 (18%)	2959	
Status da vogal	Fonética	3315 (81%)	798 (19%)	4113	**$\chi2 = 2,704$ (1), $p = 0,1$**
	Fonológica	2608 (82%)	567 (18%)	3175	
TOTAL		**5923**	**1365**	**7288**	

Os testes de qui-quadrado auxiliam a verificar se as diferenças encontradas para as taxas de ocorrência parecem significativas. A variável *Vozeamento* apresenta seu fator "vozeado" como o de maior ocorrência para a variante dental do que o fator "desvozeado". Os advérbios, os numerais e a preposição *de* são os fatores da variável *Classe Morfológica* que

mais apresentaram a ocorrência da variante dental. Os fatores da variável *Contexto Fônico Anterior* apresentam porcentagens de ocorrência muito próximas, com exceção do fator "consoante fricativa" (e.g. estive, estilingue, etc.) que apresenta maior ocorrência para a variante africada e do fator pausa. No *Contexto Fônico Posterior*, a vogal [i] apresentou a menor taxa de ocorrência para a forma africada, sendo que o mesmo aconteceu para as sílabas tônicas e para as oclusivas em posição inicial de palavra. O *Status da Vogal* foi a única variável previsora linguística cujas diferenças na proporção de uso não apresentam significância.

Os resultados encontrados são similares aos do Grupo Controle. Porém, como foi observado para o Grupo Entrevistas, a realização da forma africada aumenta conforme a idade dos falantes diminui. Por esse motivo, interessa-nos observar como a realização das oclusivas é feita pelos falantes da terceira e segunda faixas etárias, aquelas que apresentam variação, uma vez que a primeira faixa etária apresentou 99% de realizações como africadas. Os dados relativos a esses falantes podem mostrar não somente o caminho por meio do qual a variação linguística foi ganhando espaço, como também, numa visão geral, um processo de mudança que parece estar num estágio muito avançado, com a implementação da variante africada na fala da comunidade. Aplicando-se o modelo de regressão logística aos informantes da terceira faixa etária (45 a 60 anos), com a variável "informante" como variável aleatória, podemos verificar, na próxima tabela, o seguinte cenário para a realização das oclusivas de forma **dental**:

Tabela 21: Estimativas (em *log odds*) para emprego da variante dental em modelo de regressão logística, de efeitos mistos, em relação às variáveis previsoras sociais e linguísticas – Faixa etária 3a do Grupo Entrevistas

Estimativas (em *log odds*) para emprego da variante dental em modelo de regressão logística					
FATORES	**Estimativa**	**Erro Padrão**	**Valor-z**	**Valor-p**	
(Intercept)	-4.52	0.60741	-7.442	9.93e-14	***
Variáveis previsoras sociais					
Sexo/gênero Masculino	-2.06	0.41876	-4.924	8.47e-07	***
Ens. Superior/Técnico	-1.63	0.25596	-6.401	1.54e-10	***
Região Centro	0.29	0.25461	1.178	0.238904	
Ascendência italiana	3.15	0.31391	10.050	< 2e-16	***
Opinião sotaque: sem sotaque	3.63	0.50861	7.142	9.21e-13	***
Contexto de fala: depois	-0.06	0.14771	-0.447	0.654751	
Renda: 2r (acima da média)	-0.10	0.55773	-0.187	0.851815	
Variáveis previsoras linguísticas					
Variante vozeada	0.97	0.13770	7.104	1.21e-12	***
Sílaba tônica	0.53	0.16482	3.250	0.001153	**
Início de palavra	0.02	0.25060	0.089	0.929425	
Meio de palavra	0.18	0.24245	0.774	0.438879	
Vogal fonológica	-0.71	0.23000	-3.091	0.001994	**
Contexto fônico anterior					
Ditongo nasal	0.83	0.34074	2.438	0.014767	*
Glides	1.30	0.43038	3.039	0.002372	**
Líquida vibrante	1.33	0.32391	4.124	3.73e-05	***
Pausa	1.06	0.30842	3.467	0.000526	***
Vogal anterior	0.85	0.26078	3.279	0.001041	**
Vogal anterior nasal	0.64	0.26980	2.391	0.016786	*
Vogal central	1.24	0.25957	4.786	1.70e-06	***
Vogal central nasal	0.44	0.30642	1.467	0.142456	
Vogal posterior	1.00	0.26464	3.865	0.000111	***
Vogal posterior nasal	0.70	0.31970	2.198	0.027958	*
Contexto fônico posterior					
Vogal [i]	0.94	0.43050	2.192	0.028376	*
Vogal nasal [i]	0.81	0.38328	2.120	0.033968	*
Classe morfológica					
Advérbio	0.50	0.25739	1.973	0.048539	*
Marcador conversacional	-0.65	162.305	-0.403	0.686734	
Numeral	0.21	0.36476	0.595	0.551822	
Preposição	0.02	0.44735	0.049	0.960953	
Preposição *de*	-0.70	0.34417	-2.036	0.041791	*
Pronome	-1.78	114.252	-1.559	0.118896	
Substantivo	-0.05	0.18417	-0.318	0.750168	
Verbo	0.25	0.22522	1.144	0.252727	
C = 0,831	+ *0,1 < p* > 0,05; **p* < 0,05; ***p* < 0,01; ****p* < 0,001				

*O *intercept,* nesses dados, corresponde aos fatores: Sexo/gênero feminino; Escolaridade Ens. Médio; Região do Bairro; Ascendência não italiana; Opinião sobre sotaque: com sotaque; Contexto de fala: antes; Nível de renda 1r (dentro da média da cidade); Variante desvozeada; Contexto fônico anterior de consoante fricativa; Contexto fônico posterior de ditongos; Sílaba átona; Posição final na palavra; Classe morfológica: adjetivo; Status da vogal fonética.

Há muitos fatores com significância apontados pela regressão logística[30]. Muitos desses também foram observados nos trabalhos prévios, discutidos na seção 2.2.1, entretanto em nossos resultados há significância para a variável *Status da Vogal*, no fator vogal fonológica, e para a variável *Tonicidade*, no fator sílaba tônica. 46% dos dados registrados para a terceira faixa etária são de variantes dentais, quase metade da taxa de realização total das oclusivas. Isso ajuda a explicar os diferentes fatores das variáveis previsoras linguísticas assinalados com significância estatística.

Ao observarmos a tabela anterior, verificamos que, para as variáveis previsoras sociais, os asteriscos apontam significância estatística. No caso do fator sexo/gênero masculino e do fator ensino superior/técnico, o valor estimado em *log odds* é negativo. Isso indica o desfavorecimento da variante dental e o favorecimento da variante africada: sexo/gênero masculino e ensino superior/técnico favorecem a variante africada. Outros dois fatores apontados com significância, mas que apresentam *log odds* positivos, são os fatores ascendência italiana e a opinião "sem sotaque". A tabela seguinte mostra como a ascendência é condicionadora da variante dental:

Tabela 22: Distribuição geral dos dados para a realização das oclusivas dentais – Ascendência da 3ª Faixa Etária

Ascendência	Africada	Dental	TOTAL
3a Faixa Etária	**1324 (54%)**	**1115 (46%)**	**2439**
Não italiana	**827 (73%)**	**303 (27%)**	**1130**
Feminino	364 (71%)	149 (29%)	513
Masculino	463 (75%)	154 (25%)	617
Italiana	**497 (38%)**	**812 (62%)**	**1309**
Feminino	334 (55%)	275 (45%)	609
Masculino	163 (23%)	537 (77%)	700
TOTAL	**1324**	**1115**	**2439**

Os falantes de descendência italiana da terceira faixa etária são responsáveis por 62% das realizações dentais. Para os falantes de ascendência italiana, o fator sexo/gênero masculino apresenta a maior ocorrência de variantes dentais (77%), mostrando que mais da metade das mulheres realiza as oclusivas dentais de forma africada. Como visto anteriormente, a ascendência, de fato, condiciona a realização da variante dental.

O quadro populacional muda para a segunda faixa etária, assim como a variação observada na realização das oclusivas dentais. Se compararmos os falantes da terceira faixa

[30] O valor 'e' equivale a "10 elevado a". No caso de -1,20e+04, esse número equivale a -1,20 x (10 ^ 04). No caso de um número hipotético como 1.53e-17, por exemplo, teremos 1,53 x (10 ^ -17).

etária aos da segunda faixa etária, veremos que existem falantes que apresentam mais realizações dentais do que africadas na terceira faixa etária, mas não encontramos o mesmo para a segunda faixa etária:

Tabela 23: Distribuição geral dos dados para os falantes da segunda e terceira faixas etárias – Grupo Entrevistas

Informante	**Africada**	**Dental**	**TOTAL**
2a Faixa etária			
IE21	178 (99%)	01 (01%)	179
IE28	391 (100%)	0 (0%)	391
IE31	283 (72%)	**110 (28%)**	393
IE35	324 (88%)	43 (12%)	367
IE38	293 (97%)	04 (03%)	297
IE40	279 (97%)	09 (03%)	288
IE43	153 (72%)	**60 (28%)**	213
IE44	285 (98%)	06 (02%)	291
TOTAL	**2186 (90%)**	**233 (10%)**	**2419**
3a Faixa etária			
IE22	123 (31%)	277 (69%)	400
IE24	233 (68%)	111 (32%)	344
IE29	193 (58%)	141 (42%)	334
IE30	170 (56%)	132 (44%)	302
IE36	40 (13%)	260 (87%)	300
IE39	270 (95%)	**13 (05%)**	283
IE41	101 (38%)	164 (62%)	265
IE42	194 (92%)	**17 (08%)**	211
TOTAL	**1324 (54%)**	**1115 (46%)**	**2439**

Os destaques da tabela acima estão nos falantes que destoaram, para mais ou para menos, em sua taxa de emprego da variante dental. Assim, é interessante olhar para a segunda faixa etária a fim de verificar como que essa mudança ganhou espaço:

Tabela 24: Estimativas (em *log odds*) para emprego da variante dental em modelo de regressão logística, de efeitos mistos, em relação às variáveis previsoras sociais e linguísticas – Faixa etária 2a do Grupo Entrevistas

Estimativas (em *log odds*) para emprego da variante dental em modelo de regressão logística					
FATORES	**Estimativa**	**Erro Padrão**	**Valor-z**	**Valor-p**	
(Intercept)	-1,20e+04	5,43e+06	-0.002	0.998241	
Variáveis previsoras sociais					
Sexo/gênero Masculino	-7.91e+03	7,13e+05	-0.011	0.991149	
Ens. Superior/Técnico	-1.16e+04	7,13e+05	-0.016	0.987002	
Região Centro	-1.51e+04	1,43e+06	-0.011	0.991573	
Ascendência italiana	-1,10e+04	1,43e+06	-0.008	0.993848	
Opinião sotaque: sem sotaque	6.00e+03	7,13e+05	0.008	0.993292	
Contexto de fala: depois	7.76e+02	2,31e+02	3.367	0.000761	***
Renda: 2r (acima da média)	1.19e+04	1,43e+06	0.008	0.993357	
Variáveis previsoras linguísticas					
Variante vozeada	4.43e+02	2,12e+02	2.090	0.036600	*
Sílaba tônica	9.11e+02	2,84e+02	3.215	0.001304	**
Início de palavra	-1.24e+03	4,16e+02	-2.973	0.002954	**
Meio de palavra	-9.93e+02	3,85e+02	-2.578	0.009951	**
Vogal fonológica	2.38e+02	3,65e+02	0.652	0.514417	
Contexto fônico anterior					
Ditongo nasal	8.39e+02	6,96e+02	1.205	0.228056	
Glides	1.52e+03	6,84e+02	2.226	0.026011	*
Líquida vibrante	8.14e+02	6,33e+02	1.286	0.198580	
Pausa	1.74e+03	6,50e+02	2.680	0.007356	**
Vogal anterior	1.25e+03	5,17e+02	2.421	0.015497	*
Vogal anterior nasal	6.87e+02	5,31e+02	1.293	0.195995	
Vogal central	1.30e+03	5,11e+02	2.541	0.011048	*
Vogal central nasal	-3.49e+02	6,60e+02	-0.530	0.596379	
Vogal posterior	1.43e+03	5,13e+02	2.781	0.005422	**
Vogal posterior nasal	1.19e+03	5,70e+02	2.094	0.036297	*
Contexto fônico posterior					
Vogal [i]	1.85e+04	5,39e+06	0.003	0.997253	
Vogal nasal [i]	1.85e+04	5,39e+06	0.003	0.997260	
Classe morfológica					
Advérbio	8.63e+01	4,24e+02	0.203	0.838878	
Marcador conversacional	-4.64e+01	6,92e+02	-0.067	0.946529	
Numeral	-6.60e+01	6,05e+02	-0.109	0.913104	
Preposição	-2.17e+02	6,21e+02	-0.350	0.726402	
Preposição *de*	-6.51e+02	5,55e+02	-1.172	0.241199	
Pronome	-2.20e+04	1,04e+08	0.000	0.999832	
Substantivo	-6.79e+02	3,18e+02	-2.131	0.033049	*
Verbo	-9.35e+02	3,69e+02	-2.538	0.011164	*
C = 0,858	*+ 0,1 < p* > 0,05; **p* < 0,05; ***p* < 0,01; ****p* < 0,001				

*O *intercept*, nesses dados, corresponde aos fatores: Sexo/gênero feminino; Escolaridade Ens. Médio; Região do Bairro; Ascendência não italiana; Opinião sobre sotaque: com sotaque; Contexto de fala: antes; Nível de renda 1r (dentro da média da cidade); Variante desvozeada; Contexto fônico anterior de consoante fricativa; Contexto fônico posterior de ditongos; Sílaba átona; Posição final na palavra; Classe morfológica: adjetivo; Status da vogal fonética.

Os fatores que apresentam significância estão em menor número para a segunda faixa etária, se comparados aos da terceira, e alguns pontos merecem destaque:

- Para a variável *Vozeamento*, o fator variante vozeada é também observado nos trabalhos prévios comentado em nosso texto (PAGOTTO, 2001; MAURI, 2008; DUTRA, 2007; MATTÉ, 2009);
- Para o *Contexto Fônico Anterior*, os fatores pausa, vogais anteriores, vogal central e vogais posteriores também são observados nos trabalhos prévios comentados na seção 2.2.1. (PAGOTTO, 2001; MAURI, 2008; DUTRA, 2007; MATTÉ, 2009);
- Para a *Tonicidade*, há significância para o fator sílaba tônica, o que não foi registrado nos trabalhos prévios aqui estudados, mas que também está presente nos resultados do Grupo Controle e nos dados dos falantes da terceira faixa etária de nossa amostra;
- Para a *Posição da Oclusiva na Palavra*, há significância para a posição inicial (e.g. tiro, tipo) e para a posição medial (e.g. estive, atingir). Essa variável não foi controlada da mesma maneira para os estudos prévios comentados por nós;
- Para a *Classe Morfológica*, a significância está nos fatores substantivo e verbo, como também observado por Pagotto (2001);
- Para as variáveis previsoras sociais, apenas a variável *Contexto de Fala* apresentou um fator condicionador da realização dental: o fator "depois", em resposta à pergunta sobre características da fala louveirense.

Das variáveis previsoras sociais, o *Contexto de Fala* apresentou o fator depois da pergunta, sobre a existência de um sotaque louveirense, como significativo. Esse momento da entrevista é visto como um momento em que a fala do entrevistado é mais monitorada, uma vez que, consciente de que sua fala está sendo gravada para ser avaliada, uma ou outra forma variante (africada ou dental) pode tentar ser evitada ou mais utilizada. Quatro, dos oito falantes da segunda faixa etária, acreditam que os louveirenses não possuem sotaque. Duas falantes, que não acreditam na existência de sotaque para os louveirenses, ambas moradoras do Centro e com Ensino Médio completo, apresentaram os seguintes dados em relação ao *Contexto de Fala*:

Tabela 25: Distribuição geral dos dados para Contexto de Fala das informantes IE31 e IE35 – Grupo Entrevistas

Falantes/Contexto de fala	Variantes		
	Africada	**Dental**	**TOTAL**
IE31	**283 (72%)**	**110 (28%)**	**393**
Antes	257 (75%)	86 (25%)	343
Depois	26 (52%)	24 (48%)	50
IE35	**324 (88%)**	**43 (12%)**	**367**
Antes	284 (89%)	33 (11%)	317
Depois	40 (80%)	10 (20%)	50

A ocorrência da variante dental aumenta após a pergunta sobre a fala de Louveira. O mesmo não ocorre para os outros informantes (ver Anexo 02, ao término deste trabalho), logo a significância pode ser resultado dos dados dessas duas falantes. Ambas as informantes participam de associações em Louveira que oferecem auxílio àqueles que precisam e são conhecidas na comunidade. Talvez, nesse momento da entrevista sociolinguística, a variante dental tenha ganhado mais espaço do que a variante africada por ser uma marca mais louveirense para essas informantes (ainda que nenhum comentário sobre as oclusivas dentais tenha sido feito por elas). É interessante observar, também, como a escolaridade está relacionada à realização dental, mesmo sem a tabela 24 acusar significância estatística para essa variável. Se observarmos os falantes da segunda faixa etária conforme o nível educacional e o contexto de fala na entrevista sociolinguística, temos os seguintes valores:

Tabela 26: Distribuição geral dos dados das realizações das oclusivas dentais – Escolaridade da 2ª Faixa Etária

Escolaridade	Africada	Dental	TOTAL
2a Faixa Etária	**2186 (90%)**	**233 (10%)**	**2419**
Médio	**1045 (83%)**	**219 (17%)**	**1264**
Antes	952 (84%)	183 (16%)	1135
Depois	93 (72%)	36 (28%)	129
Superior/técnico	**1141 (99%)**	**14 (01%)**	**1155**
Antes	948 (99%)	09 (01%)	957
Depois	193 (97%)	05 (03%)	198
TOTAL	**2186**	**233**	**2419**

Podemos observar que a *Escolaridade* está relacionada à realização das oclusivas dentais, sendo a variante dental utilizada por alguns falantes de ensino médio e evitada pelos de ensino superior/técnico. O *Contexto de Fala* apresenta mais diferença no caso dos falantes de ensino médio. O que une os quatros falantes dessa faixa etária que possuem nível médio de instrução é o fato de que todos sempre trabalharam em Louveira, mas não em grandes empresas. Isso já é diferente para os quatro falantes que possuem ensino superior/técnico, pois

eles já trabalharam em empresas grandes, dentro e fora de Louveira. A significância apontada para o *Contexto de Fala*, no fator "depois da pergunta sobre sotaque", auxiliou-nos na percepção dessa característica, pois foi nesse momento da entrevista sociolinguística que as falantes IE31 e IE35 (Tabela 25) teceram comentários sobre sua atividade profissional na cidade junto ao público louveirense, além do fato de serem conhecidas na comunidade por conta disso.

As ocorrências da variante dental, dos falantes da segunda faixa etária, estão ligadas aos mesmos fatores condicionadores linguísticos encontrados nos trabalhos prévios aqui abordados (confira a seção 2.2.1.), independentemente da comunidade estudada. Assim, podemos pensá-los como fatores ligados ao Português Brasileiro, e não somente a determinada comunidade.

Por fim, em relação às realizações dentais da primeira faixa etária, quatro são do falante IE20, doze de IE23 e apenas uma de IE27. São casos isolados, às vezes envolvendo ênfase na palavra.

Sumário: A realização das oclusivas dentais foi observada em nossos resultados com a variante dental perdendo espaço ao longo de três faixas etárias. Para a terceira faixa etária, muitas variáveis previsoras sociais e linguísticas apresentaram fatores condicionadores da variante dental, concorrendo quase em igualdade com a variante africada. O destaque está na ascendência italiana, que é condicionadora da variante dental. A segunda faixa etária, com 10 % de realizações dentais, apresentou como condicionadores linguísticos para a variante dental os mesmos fatores observados em outros estudos, mostrando que esses fatores aparecem como fortes condicionadores da variante dental no Português Brasileiro. Em relação às variáveis previsoras sociais, o contexto de fala mostrou-se como o principal condicionador da variação, mas há de se mencionar o nível educacional com grande diferença na porcentagem de uso das variantes observadas.

4.3.3. Visão geral da realização das oclusivas dentais /t e /d/

Os resultados para a realização das oclusivas dentais /t/ e /d/ podem ser vistos em um gráfico mostrando as cinco faixas etárias contempladas em nosso estudo – lembramos que a quinta e a quarta faixas etárias dizem respeito aos vídeos do Museu Digital da Câmara de Louveira, e que, por essa razão, tiveram seus dados analisados separadamente dos outros –:

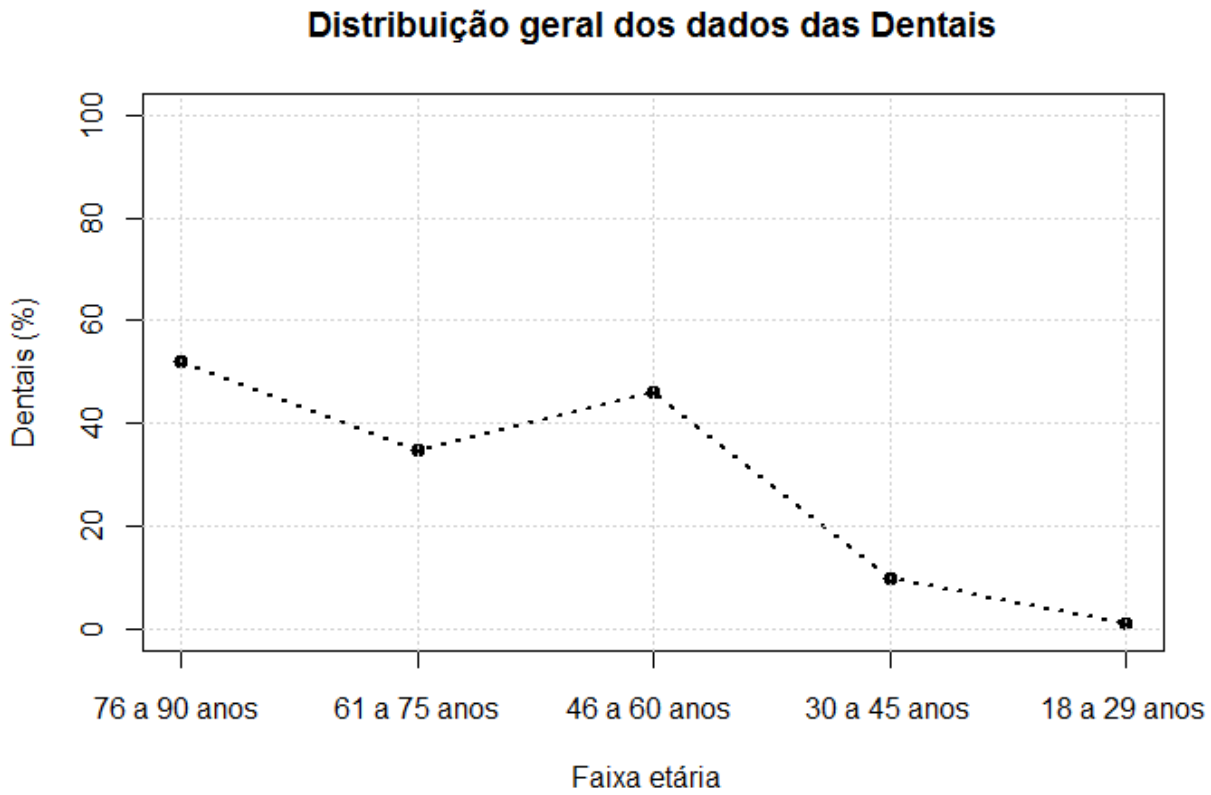


Gráfico 4: Realização das oclusivas /t/ e /d/ de forma dental, conforme a faixa etária

A faixa etária mais jovem apresenta 99% das realizações das oclusivas /t/ e /d/ de forma africada. O gráfico mostra que uma mudança parece se consolidar nos falantes mais jovens, indicando uma mudança em seu estágio final de implementação. Os falantes de descendência italiana e de menor nível educacional são os que resistiriam mais à implementação da variante africada. Isso mostra que a implementação da palatalização se deu pelos mais escolarizados e por aqueles cuja ascendência não fosse italiana.

4.4. Análise do /r/ em posição de coda silábica

4.4.1. Análise do /r/ em posição de coda silábica - Grupo Controle

Houve um total de 279 apagamentos para a posição de /r/ em coda silábica desconsiderados para essa análise. Outras 67 realizações de /r/ em posição de coda final foram desconsideradas, pois envolvem casos em que são sucedidas por vogal (casos como "mar azul", por exemplo). Os dados controlados para a classe morfológica "advérbio" foram observados em pequena quantidade, apenas 08 ocorrências, e também foram eliminados de nossa análise. Assim, o conjunto de dados com que trabalhamos para essa análise do Grupo Controle é o seguinte:

Tabela 27: Distribuição geral dos dados de /r/ em coda silábica – Grupo Controle

Variante	**Ocorrências (%)**
Retroflexo	385 (75%)
Tepe	131 (25%)
Total	**516**

As análises a seguir foram feitas de forma a observar como as realizações podem se correlacionar com as variáveis independentes. Iniciemos pelas variáveis sociais:

Tabela 28: Distribuição geral dos dados de /r/ em coda para o Grupo Controle – Variáveis sociais

Variável social	**Variantes**		**Total**	**Qui-quadrado**
Sexo/gênero	**Retroflexo**	**Tepe**		
Feminino	105 (85%)	18 (15%)	123	**$\chi^2 = 9{,}127$ (1), $p < 0{,}003$**
Masculino	280 (71%)	**113 (29%)**	393	
Total	**385**	**131**	**516**	
Faixa etária	**Retroflexo**	**Tepe**	**Total**	**Qui-quadrado**
4ª (61 a 75 anos)	319 (76%)	102 (24%)	421	**$\chi^2 = 1{,}307$ (1), $p < 0{,}3$**
5ª (76 a 90 anos)	66 (70%)	29 (30%)	95	
Total	**385**	**131**	**516**	
Escolaridade	**Retroflexo**	**Tepe**	**Total**	**Qui-quadrado**
Fundamental	16 (94%)	01 (06%)	17	**$\chi^2 = 7{,}666$ (2), $p < 0{,}03$**
Médio	293 (76%)	92 (24%)	385	
Superior/Técnico	76 (67%)	**38 (33%)**	114	
Total	**385**	**131**	**516**	
Região	**Retroflexo**	**Tepe**	**Total**	**Qui-quadrado**
Bairro	120 (70%)	53 (30%)	173	**$\chi^2 = 3{,}379$ (1), $p < 0{,}07$**
Centro	265 (77%)	78 (23%)	343	
Total	**385**	**131**	**516**	

Os testes de qui-quadrado indicam que as diferenças encontradas parecem ser significativas para a variável previsora social *Sexo/Gênero*, sendo os homens os que mais apresentaram ocorrências de tepe; para a variável previsora *Escolaridade*, as ocorrências de tepe aumentaram conforme o aumento do nível de escolaridade. A *Faixa Etária* e a *Região* são variáveis previsoras sociais que não apresentaram significância. Em relação às variáveis previsoras linguísticas, registramos os seguintes dados:

Tabela 29: Distribuição geral dos dados de /r/ em coda para o Grupo Controle – Variáveis linguísticas

Variável linguística	**Variantes**		**Total**	**Qui-quadrado**
Posição na palavra	**Retroflexo**	**Tepe**		
Final	169 (81%)	40 (19%)	209	**$\chi2 = 6,697$ (1), $p < 0,01$**
Medial	216 (71%)	**91 (29%)**	307	
Classe morfológica	**Retroflexo**	**Tepe**	**Total**	**Qui-quadrado**
Adjetivo	31 (68%)	**17 (32%)**	48	**$\chi2 = 19,961$ (4), $p < 0,0001$**
Conjunção	49 (66%)	**25 (34%)**	74	
Morfema Infinitivo	81 (91%)	8 (09%)	89	
Substantivo	151 (71%)	61 (29%)	212	
Verbo medial	73 (78%)	20 (22%)	93	
Contexto fônico anterior	**Retroflexo**	**Tepe**	**Total**	**Qui-quadrado**
Vogal anterior alta	90 (74%)	33 (26%)	123	**$\chi2 = 20,424$ (4), $p < 0,0005$**
Vogal anterior baixa	18 (79%)	04 (21%)	22	
Vogal central	134 (86%)	21 (14%)	155	
Vogal posterior alta	127 (66%)	**66 (34%)**	193	
Vogal posterior baixa	16 (71%)	7 (29%)	23	
Contexto fônico posterior	**Retroflexo**	**Tepe**	**Total**	**Qui-quadrado**
Consoante coronal	192 (74%)	69 (26%)	261	**$\chi2 = 1,3704$ (2), $p = 0,5$**
Consoante não coronal	143 (74%)	50 (26%)	193	
Pausa	50 (80%)	12 (20%)	62	
Tonicidade	**Retroflexo**	**Tepe**	**Total**	**Qui-quadrado**
Átona	147 (70%)	**65 (30%)**	212	**$\chi2 = 4,819$ (1), $p < 0,03$**
Tônica	238 (78%)	66 (22%)	304	
Total	**385**	**131**	**516**	

Os testes de qui-quadrado não aparentam mostrar diferenças significativas para a variável *Contexto Fônico Posterior*. A posição medial, da variável previsora *Posição de /r/ na Palavra*, apresenta maior ocorrência de tepes do que a posição final. Em relação à *Classe Morfológica*, o morfema infinitivo é o que apresenta menos ocorrências da variante tepe. A variável *Contexto Fônico Anterior* tem o fator "vogal posterior alta" como o que mais apresenta ocorrências da variante tepe; enquanto adjetivos e conjunções são os que mais apresentam ocorrências de tepe. Os resultados de Leite (2010) também mostraram a vogal posterior [o] como a que menos favorece a variante retroflexa. Por fim, a variável *Tonicidade* teve seu fator "sílaba átona" com a maior parte das ocorrências da variante tepe, como também foi observado no trabalho de Oushiro (2015). Um modelo de regressão logística,

contemplando a variável aleatória "informante", apresenta os seguintes valores para os falantes do Grupo Controle em relação à variante **tepe**:

Tabela 30: Estimativas (em *log odds*) para emprego da variante tepe em modelo de regressão logística, de efeitos mistos, em relação às variáveis previsoras sociais e linguísticas – Grupo Controle

Estimativas (em *log odds*) para emprego da variante tepe em modelo de regressão logística					
FATORES	**Estimativa**	**Erro Padrão**	**Valor-z**	**Valor-p**	
(Intercept)	-1.56	2.51056	-0.623	0.533114	
Variáveis previsoras sociais					
Sexo/gênero Masculino	1.03	1.08507	0.951	0.341384	
5ª Faixa etária (76 a 90 anos)	1.42	1.10481	1.290	0.196999	
Região Centro	-1.05	1.04923	-1.001	0.316817	
Ens. Médio	1.53	2.12640	0.720	0.471553	
Ens. Superior/Técnico	1.46	2.40087	0.610	0.541812	
Variáveis previsoras linguísticas					
Meio de palavra	-0.08	0.48304	-0.176	0.860253	
Sílaba tônica	-0.83	0.43762	-1.919	0.055013	+
Contexto fônico anterior					
Vogal anterior baixa	-0.92	0.93645	-0.991	0.321719	
Vogal central	-1.51	0.41831	-3.625	0.000289	***
Vogal posterior alta	0.14	0.37740	0.392	0.694758	
Vogal posterior baixa	-0.22	0.71798	-0.310	0.756253	
Contexto fônico posterior					
Consoante não coronal	-0.24	0.31297	-0.780	0.435181	
Pausa	-0.53	0.51389	-1.040	0.298274	
Classe morfológica					
Preposição/Conjunção	-0.26	0.61014	-0.433	0.665265	
Morfema infinitivo	-1.00	0.79476	-1.259	0.207888	
Substantivo	-0.32	0.51178	-0.639	0.523099	
Verbo medial	-1.64	0.55248	-2.978	0.002905	**
C = 0,727					

+ 0,1 < p > 0,05; **p* < 0,05; ***p* < 0,01; ****p* < 0,001

*O *intercept,* nesses dados, corresponde aos fatores: Sexo/gênero feminino; 4ª faixa etária (de 61 a 75 anos); Escolaridade Ens. Fundamental; Região do Bairro; Posição em final de palavra (e.g. poder); Contexto fônico anterior de vogal anterior alta; Contexto fônico posterior de consoante coronal; Sílaba átona; Classe morfológica: adjetivo.

As únicas variáveis que apresentaram significância nesse modelo de regressão com efeitos aleatórios foram: o *Contexto Fônico Anterior*, no fator vogal central, e a *Classe Morfológica*, no fator verbo medial. Oushiro (2015) já havia encontrado em seus resultados a posição de coda medial, para /r/, como favorecedora da variante tepe. Entretanto, a vogal central [a] não foi observada em nenhum dos estudos prévios analisados (comentados na seção 2.2.2. deste trabalho) como favorecedora da variante tepe. O trabalho de Paes (2014), que analisa a realização de /r/ em coda como variante fricativa velar ou como variante

retroflexa em Lagoa Santa/MG, apresentou as vogais baixas como desfavoráveis à realização da variante retroflexa. Esse é o trabalho cujo fator de *Contexto Fônico Anterior* mais se aproxima dos resultados encontrados para nossa amostra do Grupo Controle. A não ortogonalidade dessa amostra não permite que outras correlações possam ser vistas, portanto podemos tomar as porcentagens de uso do tepe para a quinta e quarta faixa etária como um sinal de estabilidade na variação (o que também é reforçado pelo resultado de não significância do teste de qui-quadrado para a variável social *Faixa Etária*).

Sumário: A variação parece estável para essas duas faixas etárias. Para as variáveis previsoras linguísticas, o fator vogal central, da variável *Contexto Fônico Anterior*, apresentou significância, assim como a posição de coda medial para verbos (e.g. partir, carpir).

4.4.2. Análise de /r/ em posição de coda silábica - Grupo Entrevistas

Houve um total de 1848 apagamentos para a posição de /r/ em coda silábica desconsiderados para essa análise, quase todos em posição final de palavra para verbos no infinitivo. Os casos referentes à posição medial na palavra estariam relacionados à conjunção "porque". Outros 332 dados de /r/ em posição final de palavra foram desconsiderados, uma vez que seu contexto fônico seguinte era uma vogal, o que os levaria a serem realizados como tepe. Assim sendo, os dados contemplados por essa análise são:

Tabela 31: Distribuição geral dos dados das realizações para o /r/ em coda silábica – Grupo Entrevistas

Variante	**Ocorrências (%)**
Retroflexo	3138 (87%)
Tepe	462 (13%)
Total	**3600**

A ocorrência de realizações de tepe é menor do que a registrada para o Grupo Controle (25%). Vejamos as ocorrências conforme as variáveis previsoras sociais:

Tabela 32: Distribuição geral dos dados de /r/ em coda para o Grupo Entrevistas – Variáveis sociais

Variável social	**Variantes**		**Total**	**Qui-quadrado**
Sexo/gênero	**Retroflexo**	**Tepe**		
Feminino	1489 (87%)	220 (13%)	1709	**χ^2 = 0,0003 (1), p = 0,98**
Masculino	1649 (87%)	242 (13%)	1891	
Faixa etária	**Retroflexo**	**Tepe**	**Total**	**Qui-quadrado**
1a (18 a 29 anos)	1209 (92%)	106 (08%)	1315	**χ^2 = 91,172 (2), p < 0,001**
2a (30 a 45 anos)	898 (79%)	**232 (21%)**	1130	
3a (46 a 60 anos)	1031 (89%)	124 (11%)	1155	
Escolaridade	**Retroflexo**	**Tepe**	**Total**	**Qui-quadrado**
Médio	1960 (89%)	232 (11%)	2192	**χ^2 = 24,839 (2), p < 0,001**
Superior/Técnico	1178 (84%)	**230 (16%)**	1408	
Região	**Retroflexo**	**Tepe**	**Total**	**Qui-quadrado**
Bairro	1469 (87%)	210 (13%)	1679	**χ^2 = 0,2466 (1), p = 0,61**
Centro	1669 (87%)	252 (13%)	1921	
Ascendência	**Retroflexo**	**Tepe**	**Total**	**Qui-quadrado**
Não-italiana	1452 (88%)	191 (12%)	1643	**χ^2 = 3,782 (1), p = 0,052**
Italiana	1686 (86%)	271 (14%)	1957	
Opinião sobre sotaque	**Retroflexo**	**Tepe**	**Total**	**Qui-quadrado**
Com sotaque	1528 (91%)	145 (09%)	1673	**χ^2 = 47,804 (1), p < 0,001**
Sem sotaque	1610 (83%)	**317 (17%)**	1927	
Renda	**Retroflexo**	**Tepe**	**Total**	**Qui-quadrado**
1r	1039 (86%)	162 (14%)	1201	**χ^2 = 0,0669 (1), p = 0,43**
2r	2099 (87%)	300 (13%)	2399	
Total	**3138**	**462**	**3600**	

Os testes de qui-quadrado mostram que as diferenças encontradas podem ser significativas para três variáveis previsoras sociais: a segunda faixa etária é o fator, de *Faixa Etária*, que apresenta mais ocorrências de tepe; para a variável *Escolaridade*, o fator ensino superior/técnico é o que conta com a maior porcentagem de tepes; por último, a variável *Opinião Sobre Sotaque* tem seu fator "sem sotaque" como aquele com a maior realização para a variante tepe. Em relação ao *Contexto de Fala*, antes ou depois da pergunta sobre como seria o "falar louveirense", os dados são os seguintes:

Tabela 33: Distribuição geral dos dados das realizações de /r/ em coda para o Grupo Entrevista – Contexto de fala

Contexto de fala	Retroflexo	Tepe	Total	Qui-quadrado
Antes	2593 (87%)	379 (13%)	2972	**$\chi2 = 0,062$ (1), p = 0,8**
Depois	545 (87%)	83 (13%)	628	
Total	**3138**	**462**	**3600**	

Os dois momentos da entrevista apresentam os mesmos percentuais para as ocorrências das duas variantes. Passemos às variáveis previsoras linguísticas:

Tabela 34: Distribuição geral dos dados de /r/ em coda para o Grupo Entrevistas – Variáveis linguísticas

Variável linguística	Variantes		Total	Qui-quadrado
Posição na palavra	**Retroflexo**	**Tepe**		
Final	850 (86%)	132 (14%)	929	**$\chi2 = 0,375$ (1), $p = 0,54$**
Medial	2288 (87%)	330 (13%)	2618	
Classe morfológica	**Retroflexo**	**Tepe**	**Total**	**Qui-quadrado**
Adjetivo	564 (92%)	47 (08%)	611	**$\chi2 = 141,17$ (7), $p < 0,001$**
Advérbio	104 (94%)	06 (06%)	110	
Conjunção "porque"	273 (70%)	**117 (30%)**	390	
Morfema Infinitivo	80 (78%)	23 (22%)	103	
Numeral	34 (85%)	06 (15%)	40	
Preposição	208 (84%)	38 (16%)	246	
Substantivo	1543 (89%)	182 (11%)	1725	
Verbo medial	332 (88%)	43 (12%)	375	
Contexto fônico anterior	**Retroflexo**	**Tepe**	**Total**	**Qui-quadrado**
Vogal anterior alta	716 (87%)	107 (13%)	823	**$\chi2 = 45,93(4)$, $p < 0,0001$**
Vogal anterior baixa	271 (92%)	22 (08%)	293	
Vogal central	663 (87%)	**85 (13%)**	748	
Vogal posterior alta	1185 (83%)	**234 (17%)**	1419	
Vogal posterior baixa	303 (95%)	14 (05%)	317	
Contexto fônico posterior	**Retroflexo**	**Tepe**	**Total**	**Qui-quadrado**
Consoante coronal	1668 (90%)	184 (10%)	1852	**$\chi2 = 28,66(2)$, $p < 0,0001$**
Consoante não coronal	1201 (84%)	**226 (16%)**	1427	
Pausa	269 (84%)	**52 (16%)**	321	
Tonicidade	**Retroflexo**	**Tepe**	**Total**	**Qui-quadrado**
Átona	1414 (84%)	**263 (16%)**	1677	**$\chi2 = 22,31(1)$, $p < 0,0001$**
Tônica	1724 (90%)	199 (10%)	1923	
Total	**3138**	**462**	**3600**	

Os testes de qui-quadrado mostram que as diferenças encontradas parecem ser significativas para todas as variáveis previsoras linguísticas, com exceção da variável *Posição de /r/ em Coda*. Na *Classe Morfológica*, os fatores "conjunção *porque*" e "morfema infinitivo" foram os que apresentaram a maior ocorrência da variante tepe. O *Contexto Fônico Anterior* parece ser significativo, de acordo com o teste de qui-quadrado. Vale lembrar que os dados para a vogal posterior alta, da variável *Contexto Fônico Anterior*, contemplam ambas as vogais [u] e [o] (conforme a seção 3.4 deste trabalho), sendo esse o fator que apresenta maior ocorrência da variante tepe, junto com a vogal central. Já o *Contexto Fônico Posterior* apresentou o fator "consoante coronal" com a menor ocorrência de tepes, o que nos lembra dos resultados de Oushiro (2015), que observou que as consoantes coronais favorecem a realização da variante retroflexa. Por fim, a variável *Tonicidade* apresentou seu fator "sílaba átona" com a maior taxa de ocorrências para a variante tepe, o que também foi observado por Oushiro (2015).

Como observado anteriormente, há diferença na distribuição dos dados de realização do tepe pelas três faixas etárias do Grupo Entrevistas. Com o intuito de melhor entender o que motiva essa variação, separamos, a seguir, as três faixas etárias e também realizamos os cálculos referentes à regressão logística com a variável aleatória "informante". Iniciando pela terceira faixa etária (de 45 a 60 anos), temos os seguintes valores, em relação à variante **tepe**:

Tabela 35: Estimativas (em *log odds*) para emprego da variante tepe em modelo de regressão logística, de efeitos mistos, em relação às variáveis previsoras sociais e linguísticas – Faixa etária 3a do Grupo Entrevistas

Estimativas (em *log odds*) para emprego da variante tepe em modelo de regressão logística					
FATORES	**Estimativa**	**Erro Padrão**	**Valor-z**	**Valor-p**	
(Intercept)	-2.53	1.21591	-2.087	0.036875	*
Variáveis previsoras sociais					
Sexo/gênero Masculino	-0.77	1.54303	-0.501	0.616180	
Ens. Superior/Técnico	0.48	0.93864	0.518	0.604374	
Região Centro	-0.24	0.93730	-0.261	0.793786	
Ascendência italiana	0.20	1.12181	0.187	0.851871	
Opinião sotaque: sem sotaque	0.29	1.87419	0.159	0.873568	
Contexto de fala: depois	0.20	0.27202	0.755	0.450068	
Renda: 2r (acima da média)	-0.42	1.89498	-0.223	0.823577	
Variáveis previsoras linguísticas					
Sílaba tônica	-0.38	0.35882	-1.080	0.280248	
Meio de palavra	-0.06	0.42014	-0.156	0.876066	
Contexto fônico anterior					
Vogal anterior baixa	-0.72	0.75170	-0.964	0.334799	
Vogal central	0.13	0.32650	0.420	0.674749	
Vogal posterior alta	-0.05	0.32817	-0.174	0.861944	
Vogal posterior baixa	-1.17	0.68957	-1.704	0.088367	+
Contexto fônico posterior					
Consoante não coronal	0.18	0.25121	0.730	0.465109	
Pausa	0.76	0.43246	1.758	0.078776	+
Classe morfológica					
Advérbio	-0.01	1.15142	-0.009	0.992608	
Conjunção *porque*	1.89	0.50226	3.779	0.000157	***
Morfema infinitivo	1.03	0.58121	1.777	0.075527	
Preposição *por*	1.17	0.57124	2.050	0.040347	*
Substantivo	0.30	0.38849	0.779	0.436162	
Verbo	0.65	0.46683	1.404	0.160337	
C = 0,711					

+ 0,1 < p > 0,05; **p* < 0,05; ***p* < 0,01; ****p* < 0,001

*O *intercept,* nesses dados, corresponde aos fatores: Sexo/gênero feminino; Escolaridade Ens. Médio; Região do Bairro; Ascendência não italiana; Opinião sobre sotaque: com sotaque; Contexto de fala: antes; Nível de renda 1r (dentro da média da cidade); Sílaba átona; Posição em final de palavra (e.g. poder); Contexto fônico anterior de vogal anterior alta; Contexto fônico posterior de consoante coronal; Classe morfológica: adjetivo.

Quatro dados para o fator "numeral", da variável *Classe Morfológica*, foram excluídos de nossa análise por serem os únicos dados referentes a numerais para a terceira faixa etária. Em relação aos fatores com significância para as variáveis previsoras linguísticas, a conjunção *porque* e a preposição *por* aparecem com significância para a realização da variante tepe, assim como observado por Oushiro (2015) nos falantes paulistanos. O *Intercept*, também assinalado na tabela acima com significância, apresenta valor de *log odds* negativo, indicando que os fatores a ele associados desfavorecem a variante tepe. Assim, a variação parece

concentrada nas palavras “porque” e “por”, sem nenhum fator das variáveis previsoras sociais condicionador para a variante tepe. É interessante observar que a variante retroflexa vem ganhando mais espaço, quando comparamos os resultados da tabela 35 com os do Grupo Controle, o que mostra que até mesmo os descendentes de italianos vêm assimilando a variante retroflexa – uma vez que a ascendência italiana não apresentou significância estatística para a realização da variante tepe. Passemos à análise da segunda faixa etária, também por meio de um modelo de regressão logística com a variável aleatória “informante”:

Tabela 36: Estimativas (em *log odds*) para emprego da variante tepe em modelo de regressão logística, de efeitos mistos, em relação às variáveis previsoras sociais e linguísticas – Faixa etária 2a do Grupo Entrevistas

Estimativas (em *log odds*) para emprego da variante tepe em modelo de regressão logística					
FATORES	**Estimativa**	**Erro Padrão**	**Valor-z**	**Valor-p**	
(Intercept)	-2.43	0.47164	-5.166	2.4e-07	***
Variáveis previsoras sociais					
Sexo/gênero Masculino	-0.14	0.24235	-0.601	0.548123	
Ens. Superior/Técnico	0.97	0.26823	3.641	0.000272	***
Região Centro	0.58	0.29115	2.000	0.045451	*
Ascendência italiana	0.81	0.68478	1.184	0.236226	
Opinião sotaque: sem sotaque	0.70	0.35886	1.952	0.049885	*
Contexto de fala: depois	0.47	0.23979	1.997	0.045870	*
Renda: 2r (acima da média)	-0.95	0.65160	-1.461	0.144058	
Variáveis previsoras linguísticas					
Sílaba tônica	0.25	0.27407	0.924	0.355333	
Meio de palavra	-0.53	0.31187	-1.721	0.085214	+
Contexto fônico anterior					
Vogal anterior baixa	-0.30	0.47302	-0.638	0.523451	
Vogal central	-0.51	0.28940	-1.770	0.076661	
Vogal posterior alta	-0.55	0.26291	-2.113	0.034593	*
Vogal posterior baixa	-2.21	0.67163	-3.297	0.000978	***
Contexto fônico posterior					
Consoante não coronal	-0.14	0.21192	-0.672	0.501878	
Pausa	-0.16	0.33270	-0.509	0.610550	
Classe morfológica					
Advérbio	-0.02	0.83062	-0.030	0.975956	
Conjunção *porque*	2.13	0.40591	5.253	1.5e-07	***
Morfema infinitivo	0.33	0.53679	0.626	0.531040	
Numeral	0.32	0.84121	0.391	0.695862	
Preposição *por*	0.39	0.44435	0.898	0.369266	
Substantivo	0.46	0.31021	1.487	0.136917	
Verbo	0.60	0.38411	1.580	0.114085	
C = 0,739					

+ 0,1 < p > 0,05; **p* < 0,05; ***p* < 0,01; ****p* < 0,001

*O *intercept,* nesses dados, corresponde aos fatores: Sexo/gênero feminino; Escolaridade Ens. Médio; Região do Bairro; Ascendência não italiana; Opinião sobre sotaque: com sotaque; Contexto de fala: antes; Nível de renda 1r (dentro da média da cidade); Sílaba átona; Posição em final de palavra (e.g. poder); Contexto fônico anterior de vogal anterior alta; Contexto fônico posterior de consoante coronal; Classe morfológica: adjetivo.

** O valor 'e' equivale a "elevado a". No caso de -1,20e+04, por exemplo, esse número equivale a -1,20 x (10 ^ 04). No caso de um número hipotético como 1.53e-17, por exemplo, teremos 1,53 x (10 ^ -17).

A realização da variante tepe apresenta significância para mais fatores das variáveis previsoras, quando comparada à análise da terceira faixa etária. Alguns pontos nos chamaram a atenção: em termos de variáveis previsoras linguísticas, na *Classe Morfológica*, apenas a conjunção *porque* apresentou significância. Em relação ao *Contexto Fônico Anterior*, as

vogais posteriores, como observadas nos trabalhos de Oushiro (2015), Leite (2010) e Ferraz (2005), apresentaram condicionamento para a variante tepe.

Pensando em variáveis previsoras sociais, há significância para os valores em *log odds* positivos relacionados à *Escolaridade* e à *Região de Residência*:

Tabela 37: Distribuição geral dos dados de /r/ em coda silábica – Escolaridade da 2ª Faixa Etária

Escolaridade	Retroflexo	Tepe	TOTAL
2a Faixa Etária	**898 (79%)**	**232 (21%)**	**1130**
Médio	**480 (84%)**	**88 (16%)**	**568**
Bairro	98 (93%)	07 (07%)	105
Centro	382 (82%)	81 (18%)	463
Superior	**418 (74%)**	**144 (26%)**	**562**
Bairro	271 (79%)	71 (21%)	342
Centro	147 (67%)	73 (33%)	220
TOTAL	**898**	**232**	**1130**

A ocorrência de tepes é maior para os falantes da segunda faixa etária e que possuem ensino superior/técnico. Quando verificamos a região de residência, os moradores do Centro e de ensino superior/técnico são aqueles que mais realizam a variante tepe (33%). Se voltarmos às origens de Louveira, veremos que a região da Central foi o território em que os imigrantes italianos fixaram residência no passado. Então, podemos pensar a maior taxa de tepes para os moradores do Centro associada a esse fator, o que podemos conferir na tabela abaixo:

Tabela 38: Distribuição geral dos dados de /r/ em coda silábica – Ascendência da 2ª Faixa Etária

Ascendência	Retroflexo	Tepe	TOTAL
2a Faixa Etária	**898 (79%)**	**232 (21%)**	**1130**
Não italiana	**449 (86%)**	**74 (14%)**	**523**
Bairro	190 (87%)	28 (13%)	218
Centro	259 (85%)	46 (15%)	305
Italiana	**449 (74%)**	**158 (26%)**	**607**
Bairro	179 (78%)	50 (22%)	229
Centro	270 (71%)	108 (29%)	378
TOTAL	**898**	**232**	**1130**

A região do Centro pode estar mais associada à cultura italiana, o que faz com que pensemos em uma possível relação entre ascendência e realização da variante tepe. Entretanto, para a terceira faixa etária não foi encontrada significância para a ascendência italiana, tampouco para a região do Centro. Pensamos, então, que o que melhor explicaria o

fato de a região do Centro apresentar falantes com maior taxa de realização da variante tepe seja a renda dos falantes, uma vez que essa é a região em que estão os condomínios da cidade:

Tabela 39: Distribuição geral dos dados de /r/ em coda silábica – Região da 2ª Faixa Etária

Região	Retroflexo	Tepe	TOTAL
2a Faixa Etária	**898 (79%)**	**232 (21%)**	**1130**
Bairro	**369 (82%)**	**78 (18%)**	**447**
Renda até a média	190 (87%)	28 (13%)	218
Renda acima da média	179 (79%)	50 (21%)	229
Centro	**529 (77%)**	**154 (23%)**	**683**
Renda até a média	133 (77%)	40 (23%)	173
Renda acima da média	396 (72%)	114 (28%)	510
TOTAL	**898**	**232**	**1130**

A renda parece operar de forma similar nas duas regiões da cidade, mas seu condicionamento é maior na região do Centro. Assim, os fatores alto nível educacional e região central representam uma variação trazida de cima para baixo, em que grupos sociais de maior poder aquisitivo seriam aqueles a introduzir uma nova forma variante. Cabe, aqui, outra reflexão: considerando que muitos descendentes de italianos estabeleceram negócios na região do Centro que prosperam até hoje, ascendência e renda parecem estar associadas à região central de Louveira.

A percepção da fala louveirense como uma fala "sem sotaque", fator da variável *Opinião Sobre Sotaque*, também foi considerada um fator com significância em nosso modelo de regressão logística. Quatro informantes da segunda faixa etária apresentaram suas taxas de realização de tepe acima de 21%, a porcentagem para a segunda faixa etária no total (conforme o Anexo 03 ao término deste trabalho, que mostra as proporções de ocorrência para a variante retroflexa e para a variante tepe conforme o informante e o Contexto de Fala): os informantes IE21, IE28, IE31 e IE35. Esses são os quatro informantes da segunda faixa etária que acreditam que os louveirenses não possuem sotaque.

Outro fator que apresenta significância em nosso teste de regressão logística é o *Contexto de Fala* como "depois" da pergunta sobre a existência de um sotaque louveirense. Esse momento da entrevista pode ser visto como um momento em que há maior monitoramento da fala, pois os entrevistados discorrem acerca de seu próprio falar e daqueles que também moram na cidade. Há mudança para a variante tepe quando a fala é mais monitorada. Parece-nos que a variação pode estar relacionada à avaliação do próprio dialeto.

Retomo, aqui, a fala de uma das entrevistas, já apresentada anteriormente, que talvez ajude a explicar os valores anteriores e nossa hipótese:

IE38: *"eu acho que eu falo bem puxado. Assim, o "erre"... eu percebo muito, assim, que agora eu trabalho em São Paulo, né, e ai eu vou pra lá conversar com um pessoal e eu percebo que é totalmente diferente a forma de puxar, o interior. É o interior* [com [ɹ]], *a carne* [com [ɹ]], *sai esse puxado, né?! Eu falo "ah, meu Deus, queria puxar menos esse 'erre' pra não ficar tão característico* (risos)".

Percebe-se que há a valorização da variante tepe, atribuída ao contexto mais profissional e mais urbano. A vinda das empresas a Louveira alterou a dinâmica de trabalho dos louveirenses. A significância apresentada na tabela anterior para o fator ensino superior/técnico pode ser reflexo da importância dada ao trabalho pelos louveirenses, uma vez que uma melhor qualificação possibilita a obtenção de um melhor trabalho.

A conjunção *porque* é a classe morfológica por meio da qual a variação se dá na terceira faixa etária, junto à preposição *por*. Para a segunda faixa etária, a conjunção *porque* se mantém como a classe morfológica em que observamos a variação, mas com fatores de variáveis sociais em destaque por sua significância. Esse nos parece um caso de difusão lexical (OLIVEIRA, 1992; BYBEE, 2001; PIERREHUMBERT, 2000), que será retomado após analisarmos a primeira faixa etária, também em um modelo de regressão logística com a variável aleatória “informante”, a seguir:

Tabela 40: Estimativas (em *log odds*) para emprego da variante tepe em modelo de regressão logística, de efeitos mistos, em relação às variáveis previsoras sociais e linguísticas – Faixa etária 1a do Grupo Entrevistas

Estimativas (em *log odds*) para emprego da variante tepe em modelo de regressão logística					
FATORES	**Estimativa**	**Erro Padrão**	**Valor-z**	**Valor-p**	
(Intercept)	-2.92	0.61025	-4.795	1.63e-06	***
Variáveis previsoras sociais					
Sexo/gênero Masculino	-1.49	0.82986	-1.807	0.070745	+
Ens. Superior/Técnico	-1.43	0.56222	-2.548	0.010827	*
Região Centro	-0.83	0.40214	-2.087	0.036920	*
Ascendência italiana	-0.12	0.26278	-0.474	0.635162	
Opinião sotaque: sem sotaque	2.97	0.90521	3.292	0.000996	***
Contexto de fala: depois	0.05	0.26241	0.210	0.833975	
Renda: 2r (acima da média)	-0.64	0.35556	-1.807	0.070781	+
Variáveis previsoras linguísticas					
Sílaba tônica	-0.32	0.36912	-0.887	0.375258	
Meio de palavra	-0.17	0.42547	-0.419	0.674976	
Contexto fônico anterior					
Vogal anterior baixa	-0.26	0.63871	-0.415	0.678460	
Vogal central	0.07	0.39892	0.190	0.849450	
Vogal posterior alta	0.09	0.34289	0.282	0.778110	
Vogal posterior baixa	-0.22	0.56223	-0.401	0.688600	
Contexto fônico posterior					
Consoante não coronal	0.19	0.29638	0.661	0.508853	
Pausa	1.05	0.47488	2.227	0.025940	*
Classe morfológica					
Advérbio	0.10	0.71783	0.148	0.882016	
Conjunção *porque*	0.81	0.47081	1.727	0.084252	+
Morfema infinitivo	0.60	0.87066	0.699	0.484268	
Numeral	1.57	0.70056	2.249	0.024495	*
Preposição *por*	-1.78	110.039	-1.607	0.107946	
Substantivo	-0.23	0.33082	-0.720	0.471499	
Verbo	-0.81	0.55554	-1.470	0.141536	
C = 0,776					

+ 0,1 < p > 0,05; **p* < 0,05; ***p* < 0,01; ****p* < 0,001

*O *intercept,* nesses dados, corresponde aos fatores: Sexo/gênero feminino; Escolaridade Ens. Médio; Região do Bairro; Ascendência não italiana; Opinião sobre sotaque: com sotaque; Contexto de fala: antes; Nível de renda 1r (dentro da média da cidade); Sílaba átona; Posição em final de palavra (e.g. poder); Contexto fônico anterior de vogal anterior alta; Contexto fônico posterior de consoante coronal; Classe morfológica: adjetivo.

** O valor 'e' equivale a "elevado a". No caso de -1,20e+04, por exemplo, esse número equivale a -1,20 x (10 ^ 04). No caso de um número hipotético como 1.53e-17, por exemplo, teremos 1,53 x (10 ^ -17).

O fator conjunção *porque* deixa de apresentar significância para a primeira faixa etária, consideradas as realizações da variante tepe, sendo o fator numeral aquele que apresenta significância para a variável previsora *Classe Morfológica*. O *Contexto Fônico Posterior* apresentou o fator "pausa" com significância, considerando o /r/ na posição de coda final. Os fatores das variáveis previsoras sociais mostram que a escolaridade superior/técnico

não favorece mais a variante tepe (por conta dos *log odds* negativos), mas morar na região do Centro é um fator que favorece a realização do tepe. Dessa vez, o *Contexto de Fala* não apresentou significância, mas a *Opinião Sobre Sotaque* mostrou que o fator "sem sotaque" é condicionador da variante tepe. Dos nove informantes da primeira faixa etária (de 18 a 30 anos), três acreditam que os louveirenses não possuem, em sua fala, sotaque, ou marcas específicas da cidade. Esse número é menor do que o da segunda faixa etária.

Aparentemente, a variação não está mais significantemente presente apenas na conjunção *porque*, mas está sendo mais observada em outros vocábulos. Outro fator que apresentou significância foi a escolaridade superior/técnica, contudo ressaltamos que a estimativa obtida em *log odds* é negativa, ou seja, a escolaridade superior/técnica desfavorece o tepe, em relação à escolaridade média: falantes de nível de instrução superior/técnico estariam empregando maior uso da variante retroflexa. Os *log odds* positivos se referem à variante em foco no teste de regressão logística (no caso, a variante tepe), logo quando um fator acusa significância, mas apresenta *log odds* negativo, temos o favorecimento da outra forma variante. A *Escolaridade*, então, tem correlação com a variação na pronúncia de /r/. O mesmo ocorre para a variável previsora social *Região*, em que a região Centro aparece com significância estatística, mas valor em *log odds* negativo. É interessante verificar que a região do Bairro aparece com taxa de realização da variante tepe superior à taxa de realização do Centro, principalmente para os informantes que acreditam que Louveira não possui sotaque próprio:

Tabela 41: Distribuição geral dos dados para a realização de /r/ em coda – Região da 1ª Faixa Etária

Região	**Retroflexo**	**Tepe**	**TOTAL**
1ª Faixa Etária	**1209 (92%)**	**106 (08%)**	**1315**
Bairro	**621 (90%)**	**72 (10%)**	**693**
Com sotaque	294 (96%)	12 (04%)	306
Sem sotaque	327 (84%)	60 (16%)	387
Centro	**588 (94%)**	**34 (06%)**	**622**
Com sotaque	452 (95%)	24 (05%)	476
Sem sotaque	136 (93%)	10 (07%)	146
TOTAL	**1209**	**106**	**1315**

A região do Centro apresenta a menor taxa de ocorrências para a variante tepe. Os falantes do Bairro que acreditam não haver um sotaque louveirense realizam o dobro de tepes do que a taxa geral para a primeira faixa etária. Há apenas um falante do Centro que acredita que os louveirenses não tenham sotaque próprio, o que dificulta dizer se a opinião sobre

sotaque poderia atuar, no Centro, de forma similar ao Bairro. Mas, ainda assim, é interessante ver como a avaliação dos informantes sobre a própria fala pode levar a resultados sobre a variação linguística observada.

Voltando à frequência de palavras comentada anteriormente, a Difusão Lexical está relacionada, por exemplo, à frequência com que determinada palavra é utilizada:

> Há duas maneiras de contar a frequência de ocorrências aplicáveis à linguagem: a frequência de tokens e a frequência de tipo. A FREQUÊNCIA DE TOKENS é a frequência de ocorrência de uma unidade, geralmente uma palavra em um texto corrido [...] A FREQUÊNCIA DE TIPO se refere à frequência de dicionário de um padrão em específico (e.g., um padrão de tonicidade, um afixo, ou um encontro consonantal) [...] Em um efeito de frequência, a mudança fonética geralmente progride mais rapidamente em itens com uma alta frequência de tokens [...] Se mudanças sonoras são resultado de processos fonéticos que se aplicam em tempo real conforme as palavras são usadas, então essas palavras que são usadas mais frequentemente têm mais oportunidade de serem afetadas pelos processos fonéticos (BYBEE, 2001, p. 10-11. Tradução nossa[31])

Verificando a frequência de ocorrência de palavras em nossos dados[32], observamos os seguintes números para as vinte palavras que mais ocorreram em nossos registros:

[31] There are two ways of counting frequency of occurrence that are applicable to language: token frequency and type frequency. TOKEN FREQUENCY is the frequency of occurrence of a unit, usually a word in running text [...] TYPE FREQUENCY refers to the dictionary frequency of a particular pattern (e.g., a stress pattern, an affix, or a consonant cluster) [...] In one frequency effect, phonetic change often progresses more quickly in items with high toke frequency [...] If sound changes are the result of phonetic processes that apply in real time as words are used, then those words that are used more often have more opportunity to be affected by phonetic processes.

[32] É possível realizar a contagem das palavras de um *corpus* na plataforma R. Um código usado para isso está disponível em: < https://pt.stackoverflow.com/questions/51448/saber-a-frequência-de-palavras >.

Tabela 42: Frequência das 20 palavras mais frequentes nas entrevistas sociolinguísticas para /r/ em coda silábica – Grupo Entrevistas

Retroflexo		**Tepe**	
Palavra	**Nº ocorrências**	**Palavra**	**Nº ocorrências**
Porque	277 (71%)	Porque	113 (29%)
Por	204 (86%)	Por	32 (14%)
Parte	139 (93%)	Parte	11 (07%)
lugar	85	verdade	10
verdade	79	professor	8
perto	75	ser	7
melhor	51	lugar	5
irmão	48	partir	5
maior	46	turma	5
certo	45	Burch	4
forma	43	cartão	4
mercado	35	jardim	4
particular	34	melhor	4
professor	29	oportunidade	4
porta	27	parar	4
super	27	pergunta	4
normal	26	perto	4
forte	24	servir	4
pior	23	apesar	3
for	23	conversa	3

Os valores na tabela acima se referem às três faixas etárias do Grupo Entrevistas. As três palavras mais frequentes usadas por nossos entrevistados, tanto para a variante retroflexa como para a variante tepe, são as mesmas: “porque”, “por” e “parte”. O número de ocorrências dessas três palavras juntas corresponde a 20% das realizações da variante retroflexa (620, de um total de 3138 dados) e a 34% das realizações da variante tepe (156, de um total de 462 dados). As ocorrências para a conjunção *porque* estão distribuídas entre as três faixas etárias da seguinte maneira:

Tabela 43: Distribuição geral dos dados da conjunção *porque* nas três faixas etárias (/r/ em coda)

Faixa etária	**Nº de ocorrências de tepes**	**Nº total de ocorrências da conjunção "porque"**
3ª	30 (31%)	97
2ª	59 (39%)	151
1ª	28 (20%)	142

A porcentagem de ocorrências da variante tepe para a conjunção *porque* diminui conforme a faixa etária dos falantes se torna mais jovem. Essa é a classe morfológica em que a variante tepe foi mais observada. Se considerarmos que houve significância para os falantes da primeira faixa etária que acreditam não haver "sotaque" na fala dos louveirenses para a realização do tepe, mas não para a conjunção *porque*, esboçamos dois caminhos para o futuro da posição de /r/ em coda nos falantes louveirenses: no primeiro, a variante retroflexa aumenta seu espalhamento em outros vocábulos e a variante tepe entra em desuso; no segundo, a variante tepe deixa de estar associada apenas à conjunção *porque* e pode passar a ocorrer em outras classes morfológicas também, o que indica que os falantes da primeira faixa etária, conforme envelheçam, podem aumentar a taxa de realização do tepe. O tópico de destaque verificado nas análises da segunda e primeira faixa etária é o da avaliação linguística, com significância encontrada para o *Contexto de Fala*, no fator "depois" da pergunta sobre a fala louveirense, e para a *Opinião Sobre Sotaque*, no fator "sem sotaque". A avaliação linguística é retomada ao término desta seção.

Sumário: Esboçamos essa síntese a partir das faixas etárias de nossa amostra para o Grupo Entrevistas. A terceira faixa etária apresenta a conjunção *porque* e a preposição *por,* apenas, com significância para a realização da variante tepe. A segunda faixa etária também apresenta significância para a conjunção *porque,* mas, em suas variáveis previsoras sociais, há fatores com significância relacionados à alta escolaridade e à região do Centro (esse último, mantido para a primeira faixa etária também). O *Contexto de Fala* em que os falantes avaliavam a fala louveirense figurou com significância para a variante tepe, mostrando que a avaliação do dialeto de Louveira tem significância na variação encontrada. Os fatores relacionados às variáveis previsoras linguísticas mostram que as vogais posteriores, assim como observado nos trabalhos prévios apontados na seção 2.2.2. de nosso trabalho, são condicionadores da variante tepe. Para a primeira faixa etária, a variação deixa de ser significante na conjunção *porque* e é assim vista nos numerais e em contexto fônico posterior de pausa. O *Contexto de Fala* perde significância dando lugar à *Opinião Sobre Sotaque*, sendo o fator "sem sotaque" aquele que apresentou significância em nosso modelo de regressão logística.

4.4.3. Visão geral da realização de /r/ em posição de coda silábica

Observando a porcentagem da realização de /r/ em coda silábica como a variante tepe, temos o seguinte cenário:

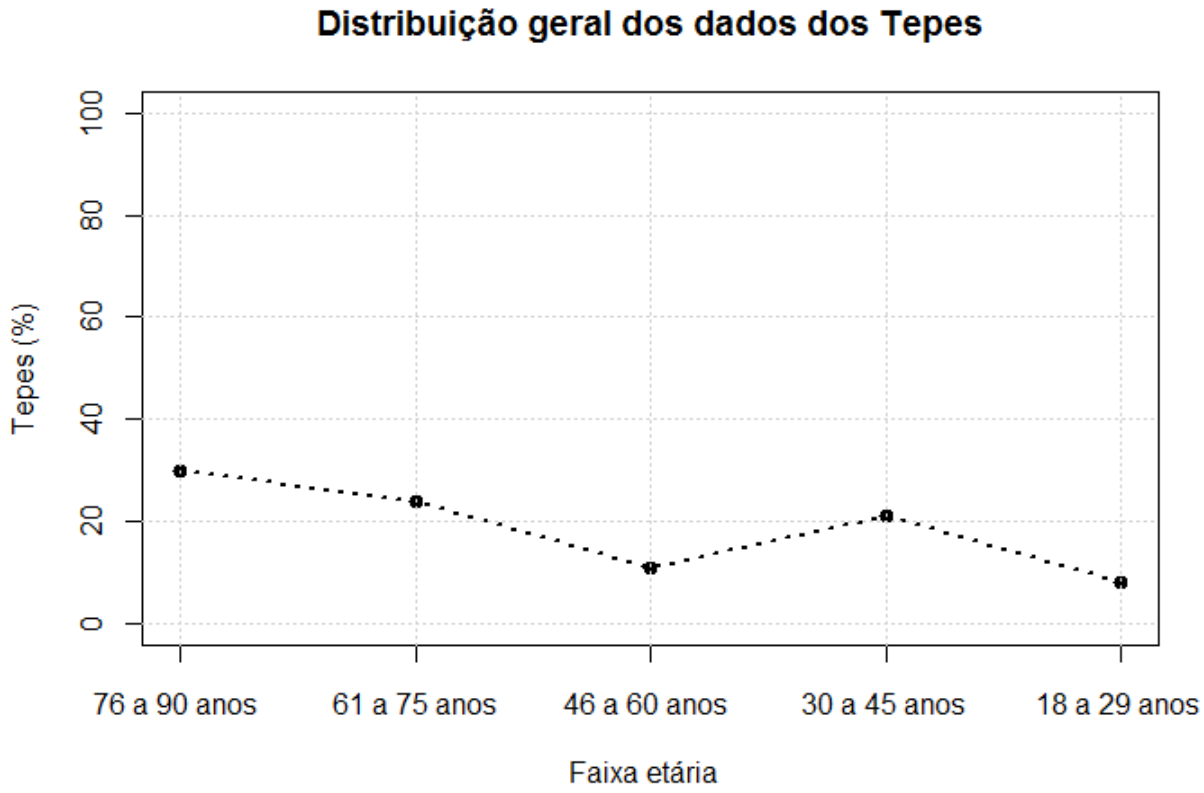


Gráfico 5: Realização de /r/ em coda silábica como tepe para todas as faixas etárias

A faixa etária mais jovem apresenta taxa de 08% para a variante tepe. O aumento na porcentagem do uso de tepes pela segunda faixa etária é interessante para nós. Uma mudança em curso, ainda que menos íngreme que a das oclusivas, parece ter ocorrido com o passar dos anos. O destaque, no gráfico anterior, está na faixa de 30 a 45 anos, em que se pode observar o aumento do uso da variante tepe. A mudança causada na dinâmica econômica da cidade é a principal razão pela qual a variação pode ser explicada para a segunda faixa etária (de 30 a 45 anos). Há valores positivos associados à variante tepe que fazem com que a segunda faixa etária comporte-se de maneira distinta em relação à realização de /r/ em posição de coda silábica. Os comentários da maioria de nossos informantes apontam que o "erre" louveirense teria uma pronúncia retroflexa, e isso caracterizaria os moradores de Louveira. O valor positivo atribuído ao tepe se deve ao fato de muitos falantes considerarem essa forma variante associada ao mercado de trabalho de grandes centros urbanos, como São Paulo.

4.5.Análise dos dados do rótico em posição de ataque silábico

4.5.1. Realização do rótico em posição de ataque silábico – Grupo Controle

As realizações do rótico em posição de ataque silábico aparecem em nossos dados como três formas variantes: tepe, velar/glotal e vibrante múltipla. Das 12 realizações de tepe, ressalta-se que 10 são de um mesmo falante (IC16), morador do bairro da Abadia, perto da região do Centro, para quem não houve registro da variante vibrante. As outras 02 realizações são de um falante do Centro (IC04), sendo outras 03 realizações registradas para esse falante como variante vibrante múltipla. Assim, esses dados foram removidos da análise do Grupo Controle. Tais características já auxiliam a esboçar hipóteses para a análise do Grupo Entrevistas, uma vez que esses dois falantes possuem Ensino fundamental e são da região central da cidade. Outros dados também foram eliminados por serem escassos em nossa amostra, a saber: para a classe morfológica, 06 advérbios e 01 verbo medial; para o contexto fônico anterior, 01 dado de vogal posterior nasal e 06 dados de vogal anterior nasal. Os dados a serem considerados, então, são:

Tabela 44: Distribuição geral dos dados do rótico em posição de ataque – Grupo Controle

Variante	**Ocorrência (%)**
Velar/Glotal	106 (66%)
Vibrante	55 (34%)
Total	**161**

Passemos, então, à análise referente às variáveis previsoras sociais:

Tabela 45: Distribuição geral dos dados do rótico em ataque para o Grupo Controle – Variáveis sociais

Variável social	**Variantes**		**Total**	**Qui-quadrado**
Sexo/gênero	**Velar/Glotal**	**Vibrante**		
Feminino	33 (97%)	01 (03%)	34	**χ^2 = 16,961 (1), p < 0,0001**
Masculino	73 (57%)	**54 (43%)**	127	
Total	**106**	**55**	**161**	
Faixa etária	**Velar/Glotal**	**Vibrante**	**Total**	**Qui-quadrado**
4ª (61 a 75 anos)	92 (73%)	34 (27%)	126	**χ^2 = 11,848 (1), p < 0,0006**
5ª (76 a 90 anos)	14 (40%)	**21 (60%)**	35	
Total	**106**	**55**	**161**	
Escolaridade	**Velar/Glotal**	**Vibrante**	**Total**	**Qui-quadrado**
Médio	78 (59%)	**54 (41%)**	132	**χ^2 = 13,216 (1), p < 0,0003**
Superior/Técnico	28 (96%)	01 (04%)	29	
Total	**106**	**55**	**161**	
Região	**Velar/Glotal**	**Vibrante**	**Total**	**Qui-quadrado**
Bairro	36 (75%)	12 (25%)	48	**χ^2 = 2,0048 (1), p = 0,15**
Centro	70 (62%)	43 (38%)	113	
Total	**106**	**55**	**161**	

Os testes de qui-quadrado mostram que as diferenças encontradas parecem ser significativas para três variáveis previsoras sociais: os homens realizam mais a variante vibrante múltipla do que as mulheres; os falantes de maior idade (da quinta faixa etária) também realizam a variante vibrante com mais frequência; por fim, os falantes de escolaridade de nível médio registram mais uso da variante vibrante múltipla do que aqueles com ensino superior/técnico. Esses resultados apontam para a direção de que *Sexo/Gênero*, *Faixa Etária* e *Escolaridade* aparentam ter forte correlação com a realização da variante vibrante múltipla, principalmente ao considerarmos as altas porcentagens de realização. Em relação às variáveis previsoras linguísticas, temos:

Tabela 46: Distribuição geral dos dados do rótico em ataque para o Grupo Controle – Variáveis linguísticas

Variável linguística	**Variantes**		**Total**	**Qui-quadrado**
Posição da sílaba	**Velar/Glotal**	**Vibrante**		
Inicial	68 (70%)	29 (30%)	97	**$\chi2$ = 1,525 (1), p < 0,3**
Medial	38 (59%)	26 (41%)	64	
Classe morfológica	**Velar/Glotal**	**Vibrante**	**Total**	**Qui-quadrado**
Adjetivo	15 (71%)	06 (29%)	21	**$\chi2$ = 1,193 (2), p = 0,55**
Substantivo	66 (63%)	39 (37%)	105	
Verbo	25 (71%)	10 (29%)	35	
Contexto fônico anterior	**Velar/Glotal**	**Vibrante**	**Total**	**Qui-quadrado**
Consoante	15 (100%)	0 (0%)	15	**$\chi2$ = 17,408 (5), p < 0,004**
Glide	13 (76%)	4 (24%)	17	
Pausa	12 (93%)	01 (07%)	13	
Vogal anterior oral	24 (56%)	**19 (44%)**	43	
Vogal central	25 (54%)	**21 (46%)**	46	
Vogal posterior oral	17 (63%)	**10 (37%)**	27	
Contexto fônico posterior	**Velar/Glotal**	**Vibrante**	**Total**	**Qui-quadrado**
Vogal anterior oral	68 (63%)	39 (37%)	107	**$\chi2$ = 1,0959 (2), p < 0,6**
Vogal central	11 (65%)	06 (35%)	17	
Vogal posterior oral	27 (74%)	10 (26%)	37	
Tonicidade	**Velar/Glotal**	**Vibrante**	**Total**	**Qui-quadrado**
Átona	76 (66%)	39 (34%)	115	**$\chi2$ = 8,6761e-30 (1), p = 1**
Tônica	30 (64%)	16 (36%)	46	
Número de sílabas	**Velar/Glotal**	**Vibrante**	**Total**	**Qui-quadrado**
Duas	37 (67%)	18 (33%)	55	**$\chi2$ = 0,577 (2), p = 0,75**
Três	31 (69%)	14 (31%)	45	
Quatro	38 (62%)	23 (38%)	61	
Total	**106**	**55**	**161**	

De todas as variáveis previsoras linguísticas, apenas a variável *Contexto Fônico Anterior* apresentou significância no teste qui-quadrado. A vogal anterior oral, assim como observada por Spessatto (2001), é o fator que mais se destaca pela alta ocorrência da variante vibrante múltipla (também há destaque para a vogal central e a vogal posterior oral). Vale lembrar que houve poucas ocorrências para os dados do rótico em posição de ataque, o que, em universo maior de dados, pode melhor apontar significância estatística. Um modelo de regressão logística, contemplando a variável aleatória "informante", apresenta os seguintes valores em *log odds* para a realização da variante **vibrante múltipla**:

Tabela 47: Estimativas (em *log odds*) para emprego da variante vibrante múltipla em modelo de regressão logística, de efeitos mistos, em relação às variáveis previsoras sociais e linguísticas – Grupo Controle

Estimativas (em *log odds*) para emprego da variante vibrante em modelo de regressão logística				
FATORES	**Estimativa**	**Erro padrão**	**Valor-z**	**Valor-p**
(Intercept)	-8.02e+04	2.17e+08	0.000	1.000
Variáveis previsoras sociais				
Sexo/gênero Masculino	4.77e+04	1.65e+05	0.289	0.772
5ª Faixa etária (76 a 90 anos)	4.12e+04	1.62e+05	0.254	0.799
Região Centro	4.49e+03	1.58e+04	0.285	0.775
Ens. superior/técnico	3.78e+03	3.12e+04	0.121	0.903
Variáveis previsoras linguísticas				
Meio de palavra	9.08e+03	6.48e+03	1.402	0.161
Sílaba tônica	3.66e+03	1.03e+04	0.355	0.723
Palavras trissílabas	9.92e+02	1.15e+04	0.086	0.931
Palavras polissílabas	4.26e+03	1.06e+04	0.402	0.687
Contexto fônico anterior				
Glides	1.30e+04	2.17e+08	0.000	1.000
Pausa	2.93e+03	2.17e+08	0.000	1.000
Vogal anterior oral	1.18e+04	2.17e+08	0.000	1.000
Vogal central	1.41e+04	2.17e+08	0.000	1.000
Vogal posterior oral	2.08e+04	2.17e+08	0.000	1.000
Contexto fônico posterior				
Vogal central	-2.62e+04	1.61e+05	-0.163	0.871
Vogal posterior oral	-1.27e+03	7.70e+03	-0.165	0.869
Classe morfológica				
Substantivo	-8.65e+02	1.03e+04	-0.084	0.933
Verbo	-9.27e+03	1.35e+04	-0.688	0.491
C = 0,919				

. *0,1 < p* > 0,05; **p* < 0,05; ***p* < 0,01; ****p* < 0,001

*O *intercept,* nesses dados, corresponde aos fatores: Sexo/gênero feminino; Escolaridade Ens. Médio; Região do Bairro; Posição em início de palavra (e.g. rato); Sílaba átona; Palavras dissílabas; Contexto fônico anterior de consoante; Contexto fônico posterior de vogal anterior oral; Classe morfológica: adjetivo.

** O valor 'e' equivale a "elevado a". No caso de -1,20e+04, por exemplo, esse número equivale a -1,20 x (10 ^ 04). No caso de um número hipotético como 1.53e-17, por exemplo, teremos 1,53 x (10 ^ -17).

Os valores em *log odds* são muito baixos para todos os fatores das variáveis previsoras. Esses resultados não nos permitem verificar como as hipóteses levantadas com os testes de qui-quadrado podem ser validadas. O baixo número de dados e a falta de ortogonalidade neles é o provável responsável por isso. Dessa maneira, veremos como o Grupo Entrevistas pode nos auxiliar a melhor entender esse processo de variação.

Sumário: Um modelo de regressão logística, com a variável aleatória "informante", não apresentou significância para nenhum fator possivelmente por conta do baixo número de dados e pela falta de ortogonalidade da amostra do Grupo Controle. Os testes de qui-

quadrado, no entanto, auxiliam-nos a levantar algumas hipóteses: os homens parecem realizar mais a vibrante múltipla do que as mulheres; o mesmo vale para os falantes de maior idade e para aqueles de menor escolarização. Em relação às variáveis previsoras linguísticas, nossa hipótese é que o fator vogal anterior oral, da variável previsora *Contexto Fônico Anterior*, seja condicionador da variante vibrante múltipla.

4.5.2. Realização do rótico em posição de ataque silábico - Grupo Entrevistas

As realizações do rótico em posição de ataque silábico também aparecem nos dados do Grupo Entrevistas com três variantes (da variável dependente): tepe, velar/glotal e vibrante múltipla:

Tabela 48: Distribuição geral dos dados das realizações para o rótico em posição de ataque - Grupo Entrevistas

Variante	**Ocorrência (%)**
Tepe	73 (05%)
Velar/Glotal	1431 (90%)
Vibrante	74 (05%)
Total	**1578**

A predominância da variante velar/glotal sobre as outras é evidente nos dados acima. Em um segundo momento, observando o número de ocorrências conforme a faixa etária dos falantes, encontramos uma das variáveis previsoras sociais ligadas à realização das formas variantes tepe e vibrante:

Tabela 49: Distribuição geral dos dados do rótico em ataque silábico conforme a faixa etária – Grupo Entrevistas

Faixa etária	**Tepe**	**Velar/Glotal**	**Vibrante**	**Total**
1a (18 a 29 anos)	0	465 (100%)	0	465 (100%)
2a (30 a 45 anos)	0	503 (100%)	0	503 (100%)
3a (46 a 60 anos)	73 (12%)	463 (76%)	74 (12%)	610 (100%)
Total	**73**	**1431**	**74**	**1578**

A terceira faixa etária concentra os falantes que realizam as formas tepe e vibrante múltipla. Durante a análise do Grupo Controle, observou-se a dificuldade de explicar quais fatores estariam associados à variação do rótico em posição de ataque. Os dados a seguir nos mostram que tal dificuldade parece estar relacionada à ausência de uma variável previsora

social, de uma classificação que não foi possível ser levantada uma vez que os dados do Grupo Controle não teriam vindo de entrevistas sociolinguísticas:

Tabela 50: Distribuição geral dos dados do rótico em ataque silábico conforme a ascendência para a terceira faixa etária – Grupo Entrevistas

Ascendência	Tepe	Velar/Glotal	Vibrante	Total
Não-italiana	0	731 (100%)	0	731 (100%)
Italiana	73	700 (87%)	74	847 (100%)
Total	**73**	**1431**	**74**	**1578**

Em outras palavras, os falantes de terceira faixa etária, com ascendência italiana, são aqueles que realizam tepes ou vibrantes – bem como velares/glotais. Os dados apresentados nos levam a crer que essas duas variáveis sociais são as principais catalisadoras dessa variável. Isso reduz nossos informantes a quatro indivíduos com esse tipo de perfil:

Tabela 51: Distribuição geral dos dados do rótico em ataque silábico conforme falantes de ascendência italiana da terceira faixa etária – Grupo Entrevistas

Informantes	Tepe	Velar/Glotal	Vibrante	TOTAL
IE22	0	69 (74%)	24 (26%)	93
IE24	0	75 (100%)	0	75
IE36	65 (67%)	8 (8%)	24 (25%)	97
IE41	8 (11%)	38 (53%)	26 (36%)	72
TOTAL	**73**	**190**	**74**	**337**

Os informantes acima estão estratificados de forma ortogonal. Da região Bairro, temos:

- IE22 é homem, morador do Bairro, com ensino superior completo;
- IE41 é mulher, moradora do Bairro, com ensino médio incompleto.

Já da região Centro, temos:

- IE36 é homem, morador do Centro, com ensino médio;
- IE24 é mulher, moradora do Centro, com ensino superior completo.

Os números da tabela anterior mostram que, por um lado, a falante IE24 teve suas ocorrências de rótico em posição de ataque, todas de forma velar/glotal. Por outro lado, a

falante IE41 apresentou apenas 53% de suas realizações de forma velar/glotal, contudo há algo de interessante nessa falante que pode ajudar a corroborar a hipótese levantada durante a análise do Grupo Controle de que o nível instrucional e o sexo/gênero do falante estariam condicionando a realização de tepes e vibrantes. Ao término da entrevista, a falante IE41 foi questionada sobre a existência, ou não, de um "sotaque louveirense", ou de algum traço ou marca linguística que, para ela, caracterizasse aqueles que moram em Louveira (cujos dados foram registrados no fator "depois" da variável previsora social *Contexto de Fala*). Vejamos a variação em sua fala nesses momentos:

Tabela 52: Distribuição geral dos dados do rótico em ataque silábico para o falante ie41– Grupo Entrevistas

Falante/Contexto de fala	Tepe	Velar/Glotal	Vibrante	TOTAL
IE41	**8 (11%)**	**38 (53%)**	**26 (36%)**	**72**
Antes	2 (04%)	38 (64%)	19 (32%)	59
Depois	6 (46%)	0 (0%)	7 (54%)	13
TOTAL	**8**	**38**	**26**	**72**

Após ser questionada, a falante mencionou muito a questão de os descendentes de italiano da cidade terem um jeito "diferente" de falar. Todos os róticos em posição de ataque, após esse momento, foram realizados como tepes ou vibrantes, em quantidades próximas. Pode-se pensar que a falante, antes de ser questionada, buscou utilizar outra forma variante que não fosse a variante tepe ou vibrante múltipla. Comparando essa fala de IE41 com a outra mulher desse grupo de quatro descendentes de italiano da 3ª faixa etária, vemos que a falante IE24 possui nível de instrução superior/técnico. Só foram observadas variantes velares/glotais para essa falante na realização do rótico em posição de ataque silábico, o que pode ser um indicativo de que o nível de instrução pode ter correlação com a variação observada.

Entretanto, se pensarmos que apenas o nível educacional é responsável por esse fenômeno, não deveríamos encontrar realizações de vibrantes para o falante IE22, que possuí nível superior completo. Assim, a variável *Sexo/Gênero* pode também ter papel na variação. O falante IE36, sexo masculino e de nível de escolaridade de ensino médio, apresenta uma taxa de emprego de tepes superior à vibrante. Os homens parecem realizar mais vibrantes e tepes do que as mulheres. Os falantes de nível instrucional mais alto parecem evitar a realização de tepes, priorizando a variante velar/glotal e, após ela, a variante vibrante. Em um trecho da entrevista de IE36 – já apresentado anteriormente –, há uma menção à fala dos louveirenses que dá força à hipótese aqui traçada:

IE36: *a gente falava exatamente como era um italiano aqui no Brasil. A gente falava tudo errado (*risos*). Onde que era pra usar um "erre" usava dois, onde que era pra usar dois usava um [...] A gente falava: "Vai arrear o burro"* [com [ɾ]] *enquanto o certo seria "vai arrear o burro"* [com [r]].

Para o falante IE36, o uso da variante tepe para o rótico em posição de ataque soa como uma "fala errada", sendo, na opinião dele, a fala correta empregada com a variante vibrante múltipla. Dessa maneira, retomando as hipóteses traçadas após a análise do Grupo Controle, o cenário aqui observado aponta para duas direções:

1. As mulheres tenderiam a evitar o tepe e a vibrante, enquanto os homens não o fariam;
2. O nível educacional atuaria como um inibidor de tepes e vibrantes, funcionando em mesmo grau para homens e mulheres.

Não se pode dizer que quatro falantes, apenas, correspondam à realidade de toda uma comunidade. Entretanto, é importante verificar como essas variáveis previsoras sociais condicionam a variação. As análises estatísticas foram feitas a fim de verificar tais hipóteses, bem como foi verificado quais as variáveis previsoras linguísticas que poderiam se correlacionar com esse processo de variação. Para tanto, consideramos os quatro falantes mencionados acima (IE22, IE24, IE36 e IE41), sendo as realizações de tepe somadas às realizações das vibrantes múltiplas (em uma variante intitulada "vibrantes", nessa nova amostra). Dessa maneira, pudemos verificar fatores que tenderiam à realização da variante velar/glotal vs. variantes não velares/glotais para o rótico em ataque silábico: 190 variantes velares/glotais vs. 147 vibrantes.

Tabela 53: Distribuição geral dos dados do rótico em posição de ataque silábico para falantes de ascendência italiana da terceira faixa etária – Grupo Entrevistas

Variável social	**Variantes**		**Total**	**Qui-quadrado**
Sexo/gênero	**Velar/Glotal**	**Vibrantes**		
Feminino	113 (77%)	34 (23%)	147	**$\chi2$ = 43,049 (1), p < 0,001**
Masculino	77 (40%)	**113 (60%)**	190	
Escolaridade	**Velar/Glotal**	**Vibrantes**	**Total**	**Qui-quadrado**
Médio	46 (27%)	**123 (73%)**	169	**$\chi2$ = 114,85 (1), p < 0,001**
Superior/Técnico	144 (86%)	24 (14%)	168	
Região	**Velar/Glotal**	**Vibrantes**	**Total**	**Qui-quadrado**
Bairro	107 (65%)	58 (35%)	165	**$\chi2$ = 8,765 (1), p < 0,003**
Centro	83 (48%)	**89 (52%)**	172	
Total	**190**	**147**	**337**	

Todos os quatro falantes pertencem ao nível de renda acima da média (2r) e acreditam que os louveirenses possuem sotaque. Os testes de qui-quadrado mostram que as diferenças encontradas nas porcentagens podem ser significativas para as três variáveis previsoras sociais acima, sendo que, para a variável *Sexo/Gênero* e para a variável *Escolaridade*, os fatores apresentam taxa de ocorrências similares ao Grupo Controle: homens e falantes com menor escolarização realizariam as variantes vibrantes (tepe ou vibrante múltipla) em maior número. Os moradores do Centro também realizariam as variantes vibrantes em maior número. Em relação ao *Contexto de Fala*, temos:

Tabela 54: Distribuição geral dos dados de Contexto de Fala para a realização do rótico em posição de ataque silábico para falantes de ascendência italiana da terceira faixa etária – Grupo Entrevistas

Contexto de fala	**Velar/Glotal**	**Vibrantes**	**Total**	**Qui-quadrado**
Antes	154 (58%)	109 (42%)	263	**$\chi2$ = 1,9193 (1), p = 0,16**
Depois	36 (49%)	38 (51%)	74	
Total	**190**	**147**	**337**	

Como observado anteriormente, a diferença no contexto de fala pode ser resultado dos dados obtidos na entrevista da falante IE41, motivo pelo qual o teste qui-quadrado não parece acusar diferença significativa. Antes de verificarmos as variáveis previsoras linguísticas, apontamos alguns dados que foram removidos para nossa análise (o que já inclui as variáveis previsoras sociais, vistas anteriormente, também): o fator marcador conversacional é composto por expressões como "orra", e todas as ocorrências são do mesmo falante (IE36).

As quatro ocorrências de vogal anterior nasal [ẽ] para o *Contexto Fônico Posterior* são do mesmo falante (IE36). O único advérbio por nós registrado ocorreu na fala do falante IE24. Esses dados foram, portanto, removidos da análise (relembrando que o foco de nosso estudo está nas variáveis previsoras sociais, mas sem excluir a análise, ainda que breve, das variáveis previsoras linguísticas). Há uma ocorrência, pelo menos, para cada um dos falantes com vogal posterior nasal [ũ] e [õ] no *Contexto Fônico Anterior*, portanto esses dados foram mantidos:

Tabela 55: Distribuição geral dos dados das realizações do rótico em ataque para o Grupo Entrevista – Variáveis linguísticas para descendentes de italianos (3a faixa etária)

Variável linguística	**Variantes**		**Total**	**Qui-quadrado**
Posição da sílaba	**Velar/Glotal**	**Vibrantes**		
Inicial	116 (72%)	44 (28%)	160	**χ2 = 26,049 (1), p = 0,001**
Medial	73 (44%)	**93 (56%)**	175	
Classe morfológica	**Velar/Glotal**	**Vibrantes**	**Total**	**Qui-quadrado**
Adjetivo	35 (76%)	11 (24%)	46	**χ2 = 7,4356 (2), p = 0,02**
Substantivo	125 (54%)	**105 (46%)**	230	
Verbo	29 (58%)	**21 (42%)**	55	
Contexto fônico anterior	**Velar/Glotal**	**Vibrantes**	**Total**	**Qui-quadrado**
Consoante	11 (85%)	02 (15%)	13	**χ2 = 15,073 (8), p = 0,055**
Glide	20 (53%)	18 (47%)	38	
Pausa	15 (75%)	05 (25%)	20	
Vogal anterior nasal	08 (89%)	01 (11%)	09	
Vogal anterior oral	44 (57%)	33 (43%)	77	
Vogal central	54 (49%)	55 (51%)	109	
Vogal posterior nasal	04 (67%)	02 (33%)	06	
Vogal posterior oral	33 (54%)	29 (46%)	21	
Contexto fônico posterior	**Velar/Glotal**	**Vibrantes**	**Total**	**Qui-quadrado**
Vogal anterior oral	110 (69%)	49 (31%)	159	**χ2 = 16,294 (2), p = 0,001**
Vogal central	31 (50%)	**31 (50%)**	62	
Vogal posterior oral	48 (46%)	**57 (54%)**	105	
Tonicidade	**Velar/Glotal**	**Vibrantes**	**Total**	**Qui-quadrado**
Átona	132 (58%)	97 (42%)	229	**χ2 = 0,0041 (1), p = 0,94**
Tônica	57 (59%)	40 (41%)	100	
Número de sílabas	**Velar/Glotal**	**Vibrantes**	**Total**	**Qui-quadrado**
Duas	74 (49%)	**76 (51%)**	150	**χ2 = 13,715 (2), p = 0,001**
Três	66 (59%)	**46 (41%)**	112	
Quatro	49 (76%)	15 (24%)	64	
Total	**189**	**137**	**326**	

Os testes de qui-quadrado mostram que parece haver diferenças significativas nas taxas de realização do rótico em posição de ataque para quatro variáveis previsoras linguísticas: a posição medial apresentou maior número de ocorrências para as variantes vibrantes, assim como os substantivos e verbos, para a variável *Classe Morfológica*; a vogal anterior oral apresentou a menor taxa de ocorrências para as variantes vibrantes, da mesma maneira que as palavras polissílabas. Um modelo de regressão logística, incluindo a variável aleatória "informante", apresentou os seguintes resultados para as variantes **vibrantes**:

Tabela 56: Estimativas (em *log odds*) para emprego das variantes vibrantes em modelo de regressão logística, de efeitos mistos, em relação às variáveis previsoras sociais e linguísticas – Grupo Entrevista, descendentes de italianos da terceira faixa etária

Estimativas (em *log odds*) para emprego de variantes vibrantes em modelo de regressão logística					
FATORES	**Estimativa**	**Erro padrão**	**Valor-z**	**Valor-p**	
(Intercept)	-4.46	1.4236	-3.136	0.001715	**
Variáveis previsoras sociais					
Sexo/gênero Masculino	11.69	833.1254	0.014	0.988798	
Ens. superior/técnico	-12.53	833.1254	-0.015	0.987996	
Região Centro	-8.67	833.1254	-0.010	0.991695	
Contexto de fala: Depois	1.95	0.5496	3.552	0.000382	***
Variáveis previsoras linguísticas					
Meio de palavra	0.92	0.4803	1.931	0.053426	+
Sílaba tônica	-0.82	0.4954	-1.660	0.096924	+
Palavras trissílabas	-0.83	0.5922	-1.411	0.158249	
Palavras polissílabas	-1.14	0.6858	-1.667	0.095483	+
Contexto fônico anterior					
Glides	2.30	1.19	1.932	0.053388	+
Pausa	2.38	1.28	1.855	0.063594	+
Vogal anterior nasal	1.02	1.70	0.602	0.547065	
Vogal anterior oral	2.42	1.08	2.232	0.025585	*
Vogal central	2.60	1.04	2.494	0.012641	*
Vogal posterior nasal	2.91	1.50	1.945	0.051796	+
Vogal posterior oral	2.15	1.08	1.991	0.046426	*
Contexto fônico posterior					
Vogal central	1.14	0.7919	1.443	0.149041	
Vogal posterior oral	0.25	0.6316	0.405	0.685471	
Classe morfológica					
Substantivo	1.75	0.7121	2.470	0.013497	*
Verbo	2.13	0.8221	2.603	0.009253	**
C = 0,942					

+ 0,1 < p > 0,05; **p* < 0,05; ***p* < 0,01; ****p* < 0,001

*O *intercept,* nesses dados, corresponde aos fatores: Sexo/gênero feminino; Escolaridade Ens. Médio; Região do Bairro; Contexto de fala: antes; Posição em início de palavra (e.g. rato); Sílaba átona; Palavras dissílabas; Contexto fônico anterior de consoante; Contexto fônico posterior de vogal anterior oral; Classe morfológica: adjetivo.

Alguns pontos da tabela anterior nos despertam a atenção. Começando pelas variáveis previsoras linguísticas, há significância para o fator vogal anterior oral, assim como observado no estudo de Spessatto (2001), e também para a vogal central e vogais posteriores. Em relação à variável *Classe Morfológica*, há significância para substantivos e verbos, fatores também observados por Spessatto (2001), como favorecedores da variante tepe. Como estamos trabalhando com uma amostra reduzida (apenas de falantes com ascendência italiana da terceira faixa etária), que engloba as variantes vibrante múltipla e tepe em um único fator da variável resposta (a realização do rótico em posição de ataque silábico), nossos resultados podem não representar todos os fatores relacionados ao condicionamento das variantes vibrantes. Porém, não se pode deixar de reparar nos resultados similares encontrados em outros estudos, partindo da relação entre ascendência italiana e realização das vibrantes, fato que também foi observado por Costa e Cotovicz (2015).

Em relação às variáveis previsoras sociais, é interessante verificar que o *Intercept* apresenta significância e resultado em *log odds* negativo, o que indica o desfavorecimento das variantes vibrantes. Com poucos dados registrados, não houve indicação de significância para muitos fatores de nossas variáveis previsoras. Apontar o condicionamento da realização das vibrantes às variáveis previsoras sexo/gênero e escolaridade não é, também, possível, pois cada perfil é representado apenas por um falante (ainda que estas variáveis tenham apresentado correlação nos estudos de Loriato e Peres [2013]; Spessatto [2001]; e Rossi [2000]):

Tabela 57: Distribuição geral dos dados para a realização do rótico em ataque silábico – Descendentes de italianos da 3ª Faixa Etária

Sexo/gênero	Velar/Glotal	Vibrantes	TOTAL
Feminino	**112 (77%)**	**34 (23%)**	**146**
Médio	38 (53%)	34 (47%)	72
Superior	74 (100%)	0 (0%)	74
Masculino	**77 (43%)**	**103 (57%)**	**180**
Médio	08 (09%)	79 (91%)	87
Superior	69 (74%)	24 (26%)	93
TOTAL	**189**	**137**	**326**

As mulheres parecem evitar a realização das variantes vibrantes mais do que os homens. Alto nível de instrução também parece ser um fator condicionador da variante velar/glotal, fazendo com que falantes com essa característica evitem as variantes vibrantes. Lembramos que, para cada um dos perfis da tabela anterior, há apenas um informante. Porém,

como já comentado, espera-se que essa análise possa ajudar a apontar possíveis caminhos para a variação aqui registrada.

A variável *Contexto de Fala*, em seu fator "depois" da pergunta sobre a existência de um sotaque louveirense, apresentou significância também. Acreditamos que isso se deve ao fato de todos os quatro falantes terem comentado sobre a fala de outros descendentes de italianos nesse momento da entrevista.

Sumário: Os falantes da terceira faixa etária, descendentes de italianos, são os indivíduos responsáveis pela variação nos dados. Escolaridade elevada e sexo/gênero feminino parecem atuar como fatores inibidores das vibrantes (tepes ou vibrante múltipla). Uma amostra maior de dados poderia confirmar isso. Em termos de fatores das variáveis previsoras linguísticas, a vogal anterior oral, a vogal central e as vogais posteriores orais são os fatores que apresentaram significância em nosso modelo de regressão logística. Junto a esses fatores, substantivos e verbos também apresentaram significância para a realização das variantes vibrantes.

4.5.3. Visão geral da realização do rótico em posição de ataque silábico

Observando as ocorrências do rótico em posição de ataque silábico para todos os falantes, temos o seguinte cenário para a realização das variantes vibrantes:

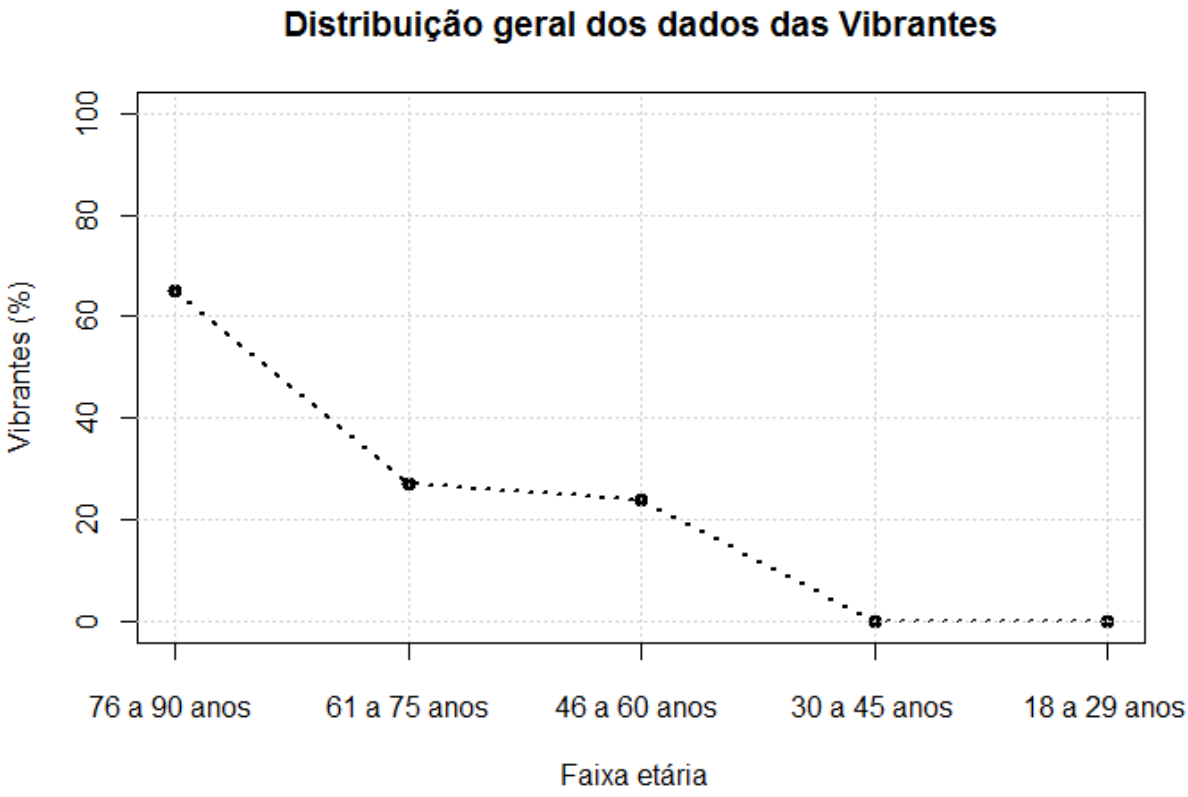


Gráfico 6: Realizações do rótico em posição de ataque como vibrante múltipla e tepe

O gráfico mostra que a segunda e a primeira faixas etárias não apresentam a realização da variante vibrante múltipla ou do tepe. Há uma pequena variação para a terceira faixa etária, quando comparada com a quarta faixa, mas o grande número de ocorrência é visto na quinta faixa etária. Sabemos que a variação encontrada para a terceira faixa etária é condicionada pela ascendência italiana. Isso não pôde ser controlado para a quinta e a quarta faixas etárias, mas nossa hipótese é que os falantes que realizam as variantes vibrante múltipla e tepe dessas faixas etárias sejam, também, descendentes de italianos. Passemos, a seguir, à discussão sobre os resultados encontrados na análise dos dados.

4.6. Discussão dos resultados

Os resultados nos mostram que temos, nos três casos estudados, processos de mudança implementados na comunidade, podendo-se detectar diferenças no estágio de implementação, não necessariamente na mesma direção que havíamos pensado no início deste trabalho, para a variante tepe, por exemplo. Os três processos podem ser observados no gráfico abaixo:

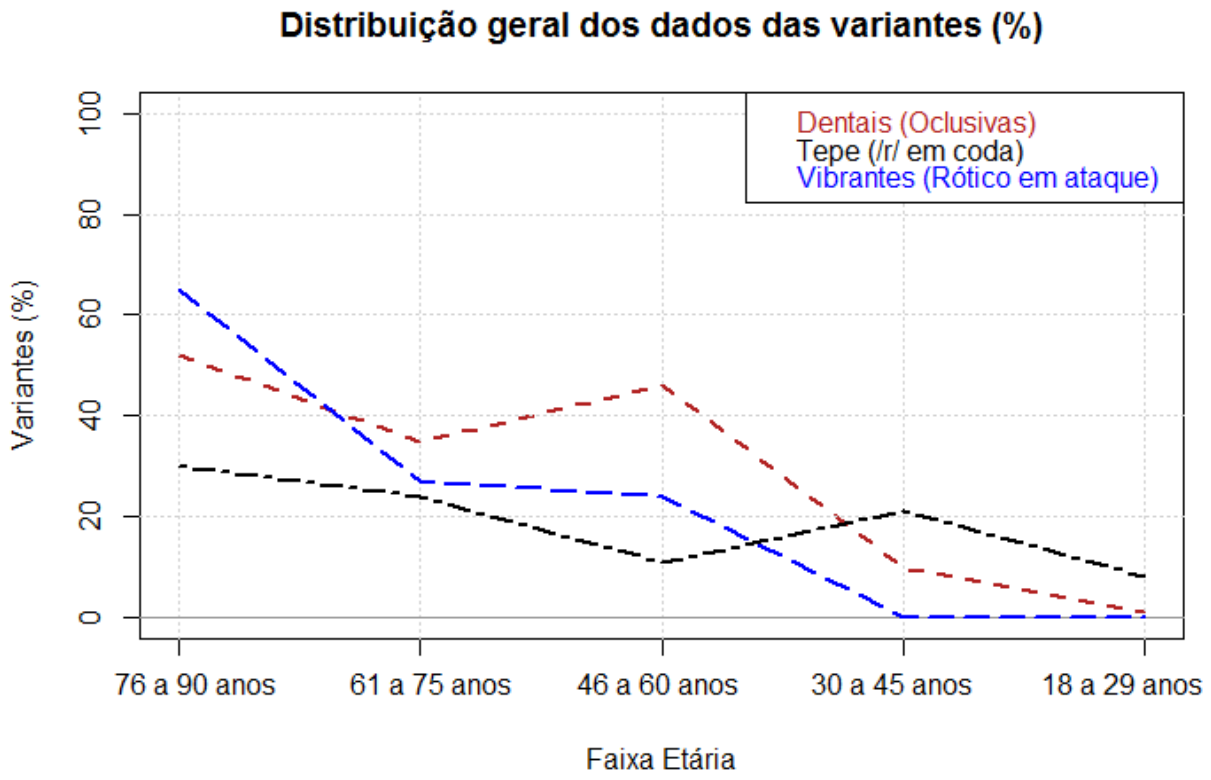


Gráfico 7: Distribuição geral dos dados de todas as variantes observadas conforme a faixa etária

No gráfico acima, percebemos, por um lado, que há traços que se perdem: a variante dental [t, d], para a realização das oclusivas dentais, e as vibrantes [r, ɾ], para a realização do rótico em posição de ataque silábico. Por outro lado, a variante retroflexa se mantém, como podemos observar na curva da realização do tepe, para a realização de /r/ em posição de coda silábica. Dois traços deixam de continuar na fala dos louveirenses com o passar dos anos, o que remete a fala louveirense a uma fala mais urbana. A única forma variante que se poderia apontar como menos urbana é a variante retroflexa. Entretanto, não se pode esquecer que a variante retroflexa é observada em São Paulo (OUSHIRO, 2015) e em Campinas (LEITE, 2010), ambas grandes cenários urbanos, sendo essa última a terceira maior cidade do estado de São Paulo.

Ainda pensando em outras comunidades, e recapitulando o que foi observado por nós nas seções anteriores, os resultados encontrados em nossas amostras foram similares aos encontrados em outros estudos sociolinguísticos, se considerarmos os processos sociais e linguísticos que poderiam favorecer a variação e a mudança linguística. Vale lembrar que nem todos os estudos mencionados anteriormente, assim como o nosso, utilizaram-se das mesmas variáveis previsoras sociais e linguísticas para a obtenção dos resultados.

Com relação aos estágios da mudança linguística, indivíduos mais jovens tenderiam à realização das oclusivas dentais /t/ e /d/ de forma africada, sendo, para os mais velhos, que a maior ocorrência da variante dental poderia ser observada. Para os falantes de nossa terceira faixa etária, a ascendência italiana, no teste de regressão logística realizado, é indicada como um dos principais fatores condicionadores da realização da variante dental. O outro fator que condiciona essa realização é a opinião desses falantes de que os louveirenses não possuem sotaque próprio (ou marcas que caracterizem seu falar).

Para os falantes da segunda faixa etária, identificamos o nível de instrução como um possível condicionador da variação, sendo os falantes de menor escolaridade aqueles mais propensos a realizarem a variante dental. O teste de regressão logística apontou que o contexto de fala mais monitorado, após a pergunta sobre o sotaque dos louveirenses, como condicionador da variante dental, mas, como já comentado, acreditamos que essa significância estatística foi registrada por conta de duas falantes que fizeram comentários sobre a fala dos louveirenses e se utilizaram, com mais frequência, da variante dental nesses relatos. Aparentemente, os falantes que exercem suas atividades profissionais no município de Louveira em locais de trabalho que não sejam grandes empresas seriam aqueles que mais utilizaram a variante dental.

A realização das oclusivas alveolares diante de [i] parece constituir uma mudança linguística nos estágios finais de implementação nos falantes louveirenses. Se comparada à cidade de Jundiaí, Louveira revela-se bastante adiante no processo de implementação da variante africada (POZZANI, 2011; POZZANI e ALBANO, 2016). A segunda faixa etária de nossa amostra apresenta cerca de 10% de ocorrências para a variante dental, valor baixo se comparado à nossa terceira faixa etária (com 46% de ocorrências dentais registradas), o que nos leva a ver essa faixa etária como condicionadora para essa mudança linguística. Acreditamos que esse fator esteja ligado à importância das empresas e ao mercado de trabalho na cidade. Por Louveira ter extensão territorial menor que Jundiaí[33], a urbanização teria se tornado mais perceptível aos louveirenses, enquanto em Jundiaí essa percepção poderia ser mais centrada em uma ou outra região da cidade (como, por exemplo, no distrito industrial jundiaiense). Isso se liga ao que foi apontado no início deste trabalho: uma comunidade rural, ao passar por uma mudança em sua dinâmica econômica, passa também por transformações

[33] Louveira possui extensão territorial de 55.349 km^2, com densidade de 0,81 habitante por km^2, e Jundiaí extensão de 431.207 km^2, com densidade de 950 habitantes por km^2. A população rural de Louveira é estimada em 1.400 habitantes, enquanto Jundiaí tem estimativa de 15.922 habitantes na zona rural (IBGE, 2017).

em seu território. As falas de alguns entrevistados louveirenses mostram a importância das empresas para o desenvolvimento econômico em Louveira:

IE38: "antes era o contrário, quem quer crescer [profissionalmente] *tem que ir pra fora* [da cidade]. *Hoje você consegue aqui mesmo na cidade encontrar um bom emprego e ter uma vida boa".*

As novas oportunidades de emprego também teriam sido uma mudança na dinâmica do trabalho em Louveira e a maneira pela qual seus moradores puderam sentir a transformação econômica da cidade. Essas mudanças de acordo com o modo de viver louveirense tiveram início da terceira para a segunda faixa etária de nossa amostra, se pensarmos cronologicamente:

IE44: "... as grandes empresas começaram a se montar na cidade, entendeu? Antigamente não tinha isso. Até existia uma falta de emprego muito grande aqui".

Os próprios falantes da segunda faixa etária avaliam as oportunidades de emprego disponíveis na cidade e destacam como a divisão do trabalho em níveis operacional, estratégico e executivo nas empresas demanda diferentes tipos de perfis de empregados:

IE42: "Até Louveira é muito pobre de mão de obra especializada. Esses que vêm de fora é mais pra ser, como que fala, produção... essas coisas. Porque, pra técnico e superior, tem que pegar pra fora".

Pode-se dizer que a passagem da terceira faixa etária à segunda é marcada pela mudança na dinâmica econômica da cidade, e a segunda faixa etária torna-se mais suscetível à possibilidade de um novo estilo de vida na cidade. Esse é o ponto de partida para entendermos como a avaliação da fala louveirense pode refletir na variação das variáveis linguísticas aqui observadas, com destaque para a realização de /r/ em posição de coda silábica.

Sobre a realização de /r/ em posição de coda silábica, voltando aos estágios da mudança linguística, os falantes mais velhos (no caso, a quinta faixa etária de nossas amostras) são aqueles que têm a maior ocorrência da variante tepe, havendo mais ocorrências de retroflexão nos falantes mais jovens. Embora não tivesse sido possível controlar a ascendência dos falantes da quinta e quarta faixa etária (Grupo Controle), podemos pensar

que a taxa de 25% de uso da variante tepe desses falantes esteja realizada à ascendência italiana (um trabalho futuro poderia verificar isso). A faixa etária que mais se aproximou desse valor, com 21% de uso de tepe, foi a segunda (de 30 a 45 anos).

A variação da segunda faixa etária parece remeter ao que Labov (2008 [1972], p. 161-162) chama de "Grau de Insegurança Linguística", segundo o qual há "grande flutuação na variação estilística exibida pelos falantes [...], sua hipersensibilidade a traços estigmatizados que eles mesmos usam e a percepção inexata de sua própria fala, tudo isso aponta para um alto grau de insegurança linguística". Há o monitoramento de fala e os comentários desses falantes de 30 a 45 anos em relação à realização de /r/ em posição de coda silábica. Como apontado no primeiro capítulo, em relação à fala louveirense, muitos falantes disseram que a variante retroflexa para o /r/ em posição de coda silábica era o único som marcante dos louveirenses. Há a percepção, para alguns indivíduos, de que esse som poderia caracterizá-los como moradores do interior, e esse seria um dos possíveis motivos para maior atenção a essa variável linguística em momentos de fala mais monitorados. Isso se deve à valorização da variante tepe, associada a contextos mais urbanos e, consequentemente, de maiores oportunidades profissionais.

Levando as faixas etárias em consideração, poderíamos pensar em uma explicação para os estágios do processo de mudança para o /r/ em coda verificado em Louveira:

1. A quinta e a quarta faixas etárias de nossa amostra mostram a variante tepe com mais ocorrências do que as três outras faixas etárias da amostra do Grupo Entrevistas. Com o contato entre imigrantes italianos e moradores da região, provavelmente falantes do dialeto caipira (por questões geográficas [AMARAL, 1920 e RODRIGUES, 1974]), a variante retroflexa ganha espaço na fala dos louveirenses da terceira faixa etária (em um processo similar ao retratado por Leme [1994], em que a variedade dialetal "Português caipira" é vista como padrão para os descendentes de italianos);
2. A variante retroflexa passa por um processo de variação por conta da mudança da dinâmica econômica da cidade (associada, agora, às empresas e a uma cidade mais urbanizada) nos falantes da segunda faixa etária, devido à sua avaliação da fala louveirense (similar ao estigma atribuído à retroflexão em Lavras/MG registrado por Paes [2014]);
3. As ocorrências da variante retroflexa voltam a crescer para a primeira faixa etária, chegando a 92% das realizações de /r/ em posição de coda. Esses falantes já teriam nascido em um contexto socioeconômico em que as empresas já estariam instaladas no município, diferentemente da segunda faixa etária que, quando jovem, acompanhou

esse processo da vinda das empresas. Os falantes da primeira faixa etária também acreditam que os louveirenses possuem sotaque (66% dos falantes da primeira faixa etária), em sua maioria, e isso os diferencia da segunda faixa etária (em que 50% dos falantes acreditam que há um sotaque louveirense). É nessa mudança que a retroflexão volta a ganhar espaço. Outro ponto interessante de se pensar é a possibilidade desses falantes aumentarem a taxa de ocorrências para a variante tepe, conforme ficarem mais velhos (ao terem de 30 a 45 anos), pois a relação com o mercado de trabalho pode se intensificar nesse período.

Em nossa análise, a realização de /r/ em posição de coda é a mais sensível das variáveis aos fatores extralinguísticos. Já para a realização dos róticos em posição de ataque, as variáveis sociais também apresentam previsões similares às de outros estudos. A ascendência italiana, assim como observado por Costa e Cotovicz (2015), é o principal fator para a realização das vibrantes múltiplas e dos tepes. A posição medial de palavra, também observada por Steffen (2013) e Spessatto (2001), favorece a realização das vibrantes.

Com respeito às variáveis sociais que parecem evitar o condicionamento da variante tepe, como observado por Steffen (2013), Rossi (2000) e Spessatto (2001), falantes mais jovens tendem a não realizar a variante tepe, assim como os falantes de maior nível de instrução. As mulheres também não o fazem, assim como observado por Loriato e Peres (2013). Esse mesmo processo foi observado em nossas amostras.

A realização da variante velar/glotal em posição de ataque silábico nos parece um processo de mudança linguística resolvido, por conta de as últimas duas faixas etárias apresentarem taxa de cem por cento para a realização de forma velar/glotal. Observando a distribuição geral dos dados para as três variáveis sociolinguísticas aqui registradas, vemos que a segunda faixa etária é aquela em que as oclusivas dentais passam a ser realizadas, em sua maioria, de forma africada, em que a realização de tepe em posição de coda silábica ganha destaque, e a faixa etária cujos falantes deixam de realizar o rótico em posição de ataque silábico como variantes vibrantes. Essa é a faixa etária cujos falantes estão mais sujeitos às mudanças econômicas por que Louveira passou e são aqueles que puderam presenciar a passagem de uma cidade com a dinâmica de trabalho mais agrícola à dinâmica das grandes empresas e indústrias.

De acordo com o que foi comentado no início deste trabalho (conforme a seção 1.1.), a maioria dos louveirenses trabalha/estuda em Louveira. Esse auto-centramento abre caminho para um sentimento de auto-identificação com a cidade, acompanhado de traços linguísticos.

Aparentemente, como posto por Pagotto (2016), há traços que convergem com grandes centros urbanos, como a variante africada [tʃ] e [dʒ], e traços de identidade local, como a variante retroflexa, bem como aqueles que poderiam separar diferentes grupos dentro de uma comunidade, que, neste trabalho, não foram observados em Louveira. Isso pode explicar os processos de mudança linguística observados em Louveira. De um lado, há a dinâmica urbana/profissional trazida pelas empresas, e pela influência de grandes centros urbanos, ligada a um traço linguístico, a africação. Do outro, a resistência da retroflexão como marca de identidade, da mesma maneira que do prédio da Câmara Municipal de Louveira, sob o título de Palácio dos Emancipadores, é decidido o andamento de uma das cidades mais ricas do País; moderna, porém mais louveirense do que nunca.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa se propôs a verificar a variação linguística na fala de louveirenses, tendo como ponto de partida a maneira pela qual sua cidade se desenvolveu, trespassada, principalmente nesta última década, por índices socioeconômicos e questões de planejamento urbano. Da descrição da fala louveirense, três traços saltaram aos nossos olhos: a realização das oclusivas dentais /t/ e /d/, a realização de /r/ em posição de coda silábica e os róticos em posição de ataque silábico.

Em relação à realização das oclusivas dentais /t/ e /d/, destacamos que a variante africada prevalece na fala dos louveirenses mais jovens. A realização de /r/ em posição de coda silábica apresentou maior variação nos falantes da segunda faixa etária, a ocorrência de tepes cresce nos contextos de fala mais monitorados e na fala dos entrevistados que acreditam que os louveirenses não possuem sotaque ou algum traço linguístico típico de Louveira. Para as três variáveis linguísticas aqui observadas, oclusivas dentais /t/ e /d/, /r/ em coda e o rótico em posição de ataque, a segunda faixa etária se comporta de forma diferenciada, o que pode ser justificado pelas oportunidades no mercado de trabalho louveirense, que sofreu grandes mudanças com a vinda de grandes empresas para a cidade. Por fim, os róticos em posição de ataque apresentam-se como um processo de mudança já finalizado, em que a variante velar/glotal predominaria para as duas faixas etárias mais jovens. Registrou-se variação apenas na fala de descendentes de imigrantes italianos da terceira faixa etária, variando entre a variante velar/glotal, a vibrante múltipla e o tepe, com fatores sociais como sexo/gênero e escolaridade sendo os principais condicionadores dessa variação.

Os caminhos fonéticos pelos quais a variação se manifesta, nas três variáveis sociolinguísticas deste estudo, são similares aos encontrados em outros estudos sociolinguísticos. Isso nos mostra que o Português Brasileiro, como observado nos trabalhos prévios aqui comentados (seção 2.2.), passa pelos mesmos processos linguísticos de mudança, não restringindo os fatores condicionadores de variação apenas à comunidade de Louveira ou a outra comunidade em específico. A única exceção é a realização de /r/ em coda silábica, em que a conjunção *porque*, para os falantes da terceira faixa etária, favorece a realização de tepe e, nas faixas etárias seguintes, o favorecimento aparece correlacionado à avaliação da fala louveirense. Tal fator reforça que a avaliação sobre a fala louveirense, bem como o contexto de fala, é o principal fator condicionador da variação para a segunda faixa etária dos falantes de nossa amostra.

Nossa hipótese inicial, a de que a vinda das empresas para Louveira poderia representar uma mudança linguística em favor da variante tepe, não se mostrou verdadeira. Contudo, pudemos observar a rápida implementação da variante africada (para as oclusivas dentais) que pode estar associada a efeitos de urbanização (como visto nos estudos prévios da seção 2.2.1, deste trabalho). Como posto no primeiro capítulo de nosso trabalho, a urbanização das comunidades rurais traz consigo mudanças irradiadas por um "tecido urbano" (LEFEBVRE, 2001), assim as novas dinâmicas econômicas trazidas pelas empresas que se instalaram em Louveira transformaram seu território, deixando a influência desse "tecido urbano" mais aparente a todos os louveirenses. Além disso, também verificamos que a variação observada para o /r/ em coda está ligada à avaliação da fala louveirense, principalmente na fala da segunda faixa etária. A avaliação associa-se àqueles no mercado de trabalho e reflete a influência de fatores sociais na variação linguística. Esses dois cenários nos remetem a dois problemas apontados por Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]): o problema da avaliação e o problema da implementação.

Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968], p. 124) apontam que o problema da avaliação está relacionado a "correlatos subjetivos da mudança [que] são por natureza mais categóricos que os padrões cambiantes do comportamento". Um desses correlatos mais gerais a todos os falantes são as opiniões sobre sotaque de nossos entrevistados e a maneira pela qual suas falas apresentavam variação após o questionamento sobre um "sotaque louveirense". Os comentários dos entrevistados também mostram que, para muitos, Louveira seria uma cidade com menos características do interior de São Paulo do que outras. A principal razão para isso seria o desenvolvimento econômico atingido após a vinda das empresas para o município. Consequentemente, acreditam que sua fala não teria os mesmos traços de uma cidade mais interiorana. É essa a avaliação que trespassa a origem agrícola da cidade, a vinda das empresas, a consequente transformação do território e a maneira pela qual veem seu próprio falar.

O problema da implementação, por sua vez, é assim mencionado: "o processo global da mudança linguística pode envolver **estímulos** e **restrições** tanto da **sociedade** quanto da **estrutura da língua**" (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006 [1968], p. 124. Grifos nossos). Como mencionado anteriormente, os trabalhos prévios comentados na seção 2.2. mostram resultados similares aos que foram encontrados por nós, principalmente para as oclusivas dentais. Ou seja, o Português Brasileiro segue tendências à variação por conta de pressões internas do sistema, isto é, da própria estrutura da língua. Isso foi bem visualizado em nossos resultados ao compararmos os resultados obtidos para as oclusivas dentais, da

terceira faixa etária e da segunda. Na terceira faixa, os falantes apresentam ocorrências quase divididas em meio a meio para a realização das oclusivas dentais: 54% de ocorrências para a variante africada e 46% para a variante dental. Os resultados mostram que há significância para diversos fatores das variáveis previsoras linguísticas. Considerados os resultados da segunda faixa etária, observamos que apenas 10% das realizações são da variante dental e que os fatores das variáveis linguísticas previsoras que apresentam significância são os mesmos encontrados em outros estudos para falantes que também apresentam uma mudança em curso da forma dental para a forma africada. Esses fatores corresponderiam a determinadas estruturas da língua que seriam aquelas que mantêm a variante dental.

Voltando aos indicadores socioeconômicos, a transformação da cidade, oriunda de sua abertura a empresas, pode ser vista como o centro da transformação louveirense nas últimas décadas, como visto no comentário abaixo de um de nossos informantes:

IE44: "Louveira é uma cidade muito boa pra se morar. É uma cidade que, apesar de ser bem próxima de São Paulo e Campinas, que são cidades gigantescas, né, é uma cidade que consegue ainda trazer aquela... aquele encanto do interior, aquela coisa mais pacata. Mudou bastante, antigamente era muito melhor, hoje mudou mais justamente por causa das empresas que chegaram na cidade e, assim, isso faz com que as pessoas se mudem pra cá".

A explicação para o monitoramento de fala da segunda faixa etária, na realização de /r/ em coda silábica, pode residir no fato de essa faixa etária ter crescido em Louveira na mesma época em que grandes empresas instalavam-se no município e uma mudança na dinâmica da vida louveirense, principalmente em termos profissionais, ter ocorrido. A vinda de muitos migrantes da região Sudeste do país para Louveira (como observado no capítulo 01) também poderia ter contribuído para o reforço de determinadas formas variantes linguísticas.

A maneira pela qual essas transformações econômicas modificaram a vida louveirense é expressa na maneira pela qual o próprio território é ocupado. O plano diretor do município apresenta a região do Bairro como uma “zona de uso misto”, ou seja, para instalações residenciais e comerciais, enquanto a região do Centro contaria com “zonas de uso residencial”, e uma área menor de “zona de uso misto”. Essa ocupação do território é nítida para os entrevistados:

IE43: "Louveira não se deixa crescer do lado de lá [Centro]. *Você pode perceber que cresce desse lado* [Bairro] *e isso aí é uma conversa que a gente faz junto com o plano diretor do*

município e naquela área não é permitido muitas coisas. Entendeu? Porque eles querem segurar o crescimento. Eles acham que eles vão conseguir, mas o crescimento é natural".

É interessante observar que a polarização Bairro vs. Centro não apresentou diferenças nas variáveis linguísticas. Assim, em Louveira, o embate segundo o qual Bairro e Centro são símbolos não parece se refletir nos processos de variação linguística em curso aqui observados. O embate encontrado poderia ser descrito como o novo vs. o tradicional, ou o urbano vs. o rural (esse, de certa maneira, também ligado àquele), contudo tomando a história de Louveira, com pouco mais de 50 anos de emancipação, talvez esse embate esteja relacionado à autonomia e à liberdade. O que leva um bairro de um município a se separar dos outros? O que leva à emancipação? Por mais que questões políticas e administrativas estejam envolvidas, uma emancipação leva uma comunidade a criar uma bandeira, a escrever um hino e a delimitar fronteiras, entre outros processos.

Ao conquistar sua emancipação, sua liberdade, o louveirense se vê "livre" da subordinação de interesses político-administrativos alheios. Anos mais tarde, se vê subordinado à produção e aos serviços de grandes empresas (e toda migração decorrente de suas instalações). O embate é da tradição vs. o novo: o início de uma sociedade e o progresso que vem decorrente de forças externas a ela. E é esse eixo que dita o ritmo da variação linguística em Louveira. Dessa maneira, o espalhamento da variante africada pode ser visto como fruto da vinda das empresas à cidade de Louveira, enquanto a persistência da variante retroflexa parece-nos associada a uma questão identitária: ser louveirense.

A cidade está sempre em foco. Nenhuma rua é aberta ou nenhuma casa é construída por acaso, e são pequenos acontecimentos, como esses, que juntos explicam o funcionamento de uma cidade, como apontam Solnit e Jelly-Schapiro (2016, p. 01. Tradução nossa[34]):

> Uma cidade é uma máquina com inúmeras peças feitas pela acumulação de gestos humanos, um organismo colossal para sempre morrendo e nascendo, um conflito contínuo entre memória e apagamento, um centro de capital e ataques de capital, um arrebatamento, uma miséria, uma mistério, conspiração, destino e ponto de origem, um labirinto no qual alguns estão perdidos e alguns acham o que estão procurando, um argumento sobre como viver e a evidencia de que as diferenças nem sempre precisam ser resolvidas, embora elas possam adornar e gerar atrito umas às outras durante séculos.

[34] A city is a machine with innumerable parts made by the accumulation of human gestures, a colossal organism forever dying and being born, an ongoing conflict between memory and erasure, a center for capital and for attacks on capital, a rapture, a misery, a mystery, a conspiracy, a destination and point of origin, a labyrinth in which some are lost and some find what they're looking for, an argument about how to live, and evidence that differences don't always have to be resolved, though they may grace and grind against each other for centuries.

A cidade pode ser vista como confrontos de oposições (RODRÍGUEZ-ALCALÁ, 2014), como o público vs. o privado ou a tradição vs. a modernidade. São nessas oposições que muitos estudos sociolinguísticos encontram a via pela qual a variação linguística toma direção. O mesmo acontece em Louveira e, de forma simplificada, o velho vs. o novo é a oposição que nos auxilia a visualizar o que acontece em Louveira em termos linguísticos.

Por fim, ficam as propostas de trabalhos futuros. No que tange à realização acústica de /r/ em posição de coda silábica, assim como investigado por Leite (2010) em falantes campineiros, muitos louveirenses disseram que o "erre" em Louveira não seria "tão puxado" como em outras cidades do interior paulista. Uma análise acústica poderia verificar se essas assertivas são, de fato, reais. Uma análise como a nossa, de oitiva, não poderia chegar a esses detalhes técnicos. Fica, também, a possibilidade de se investigar a ditongação, ou não, de [s] em travamento silábico (que apresentou ocorrência de 87 % com a inserção da vogal [i]). Outra possibilidade de estudo seria uma investigação acerca dos falantes acima de 46 anos e descendentes de italianos para verificar se a realização dos róticos em posição de ataque silábico é sensível, como apontado por nós, à escolaridade e ao sexo/gênero.

Denominações como "cidade" e "centro", em sentenças como "vou para a cidade" ou "estou vindo do centro" (termos usados, por alguns falantes, para se referirem a Jundiaí ou à área central de Louveira) também são objetos interessantes de pesquisa relacionados à forma de conceber o espaço urbano. Assim, poderíamos repensar o que representa um "centro da cidade", ou até mesmo o que pode ser considerado por "cidade" para os indivíduos (quais seus limites geográficos, por exemplo). São muitas as oportunidades de estudo, e não se encontram apenas em Louveira. A região do Circuito das Frutas deve ser palco de investigações linguísticas por conta de fatores como a forte colonização italiana (a maior da região Sudeste), o rápido desenvolvimento econômico e as mudanças no planejamento urbano que decorrem desse crescimento. Verificar indícios de acomodação linguística nos migrantes que instalaram em Louveira seria um trabalho muito interessante de ser feito: até que ponto a extensão da comunidade em que estão inseridos, com menos ou mais características desses migrantes, tenderiam a maior ou menor acomodação linguística.

Os estudos sobre a cidade de Louveira – e aqui não nos referimos a estudos linguísticos – são muito poucos, assim como os estudos linguísticos já realizados na região. Comunidades pequenas como Louveira, se comparadas às de grandes metrópoles, podem reproduzir os fenômenos sociais de grandes cidades em menores escalas. Essas são boas oportunidades de se estudarem fenômenos linguísticos inseridos em uma comunidade. Ainda há muito a se pesquisar e a se aprender.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, M. B. M; PAGOTTO, E. G. Consoantes em ataque silábico: palatalização de /t, d/. In: ABAURRE, M.B (Org.). Gramática do Português Culto Falado no Brasil. v. VII – **A Construção Fonológica da Palavra**. São Paulo: Contexto, 2013.

AGUILERA, V. A.; SILVA, H. C. Dois momentos do /r/ retroflexo em Lavras – MG: no Atlas Linguístico de Minas Gerais e nos dados do projeto do Atlas Linguístico do Brasil. In: **Diadorim**, v. 8, 2011.

ALKMIM, T. M. Sociolinguística: Parte 1. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras, v.1. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2006. Cap. 1, p. 21-47.

AMARAL, A. **O Dialecto caipira**. Editora O Livro: São Paulo, 1920.

AMARAL, R. Segundo estudo, Louveira é a cidade mais desenvolvida do país. **Jornal de Jundiaí**, Jundiaí, 03 de Junho de 2014. Região. Disponível em: < http://www.jj.com.br/noticias-1144-segundo-estudo-louveira-e-a-cidade-mais-desenvolvida-do-pais >. Acesso em 03 de maio de 2015.

BARBOSA, A. **Brasilienses e a idéia do não-sotaque no processo de formação de identidade linguística**. Dissertação de mestrado, Unicamp, 2002.

BATTISTI, E; DORNELLES FILHO, A. A. Mudança fônica em progresso no português de contato: palatalização de /t d/ e vocalização de /l/ numa comunidade ítalo-brasileira. **ReVEL,** n. 13, 2016.

BATTISTI, E; DORNELLES FILHO, A. A.; LUCAS, J. I.P.; BOVO, N. M.P. Palatalização das oclusivas alveolares e a rede social dos informantes. **Revista Digital de estudos da linguagem – REVEL**.v.5, n.9, agosto de 2007.

BRANDÃO, S. F. Nas trilhas do -r retroflexo. **SIGNUM**: Estud. Ling., Londrina, n.10/2, p. 265-283, dez. 2007a.

BRANDÃO, S. F. Um estudo variacionista sobre a lateral palatal. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 89-99, set. 2007b.

BRESCANCINI, C.; MONARETTO, V. N. O. Os róticos no sul do Brasil: panorama e generalizações. **SIGNUM**: Estud. Ling., Londrina, n.11/2, p. 51-66, dez. 2008.

BRETERNITZ, V. J. **Índios também foram escravos em Jundiaí**. 2016. Disponível em: < http://jundiahy.blogspot.com.br/2016/02/indios-tambemforam-escravos-em-jundiai.html >. Acesso em 09 fev. 2017.

BRIGHT, W. Introduction: dimensions of sociolinguistics. In: BRIGHT, W. (ed.) **Sociolinguistics**. Proceedings of the 1964 UCLA Conference. The Hague: Mouton, pp. 11-15, 1966.

BUENO, F. S. **A formação histórica da Língua Portuguesa**. 3 ed. São Paulo: Saraiva, 1967.

BYBEE, J. L. **Phonology and language use**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

CALLOU, D.; MORAES, J. A.; LEITE, Y. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: KOCH, Ingedore G. Villaça (Org.). **Gramática do português falado. Vol. VI**: desenvolvimentos. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 465-493.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne; MORAES, João. Processo(s) de enfraquecimento consonantal no português do Brasil. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (Org.). **Gramática do português falado**. v.8. Campinas: UNICAMP, 2002. p 537- 555.

CAMARA JR., J. M. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.

CÂMARA MUNICIPAL DE LOUVEIRA. **História da cidade**. Disponível em: < http://louveira.sp.leg.br/portal/index.php/historia-da-cidade >. Acesso em 08 fev. 2017.

CANDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010 [1964].

CARVALHO, S. **Convergência e divergência na acomodação dialetal**: uma questão de identidade. XVIII CNLF Congresso Nacional de Filologia e Linguística, 2014.

CASTRO, I. **Introdução à História do Português**. Lisboa: Colibri, 2004.

CASTRO, V. S. **A resistência de traços do dialeto caipira**: estudo com base em atlas linguísticos regionais brasileiros. 2006. 285f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

CASTRO, V. S. O "r caipira" em Mato Grosso do Sul – estudo baseado em dados do ALMS, Atlas linguístico do Mato Grosso do Sul. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 42 (1): p. 566-575, jan-abr 2013.

CAVALCANTI, H. O. **"Os da rua" e "os da roça"**; inovação e conservadorismo : os róticos em coda medial no Sertão de Pernambuco. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 2017.

CORRÊA, M. C. Um corpus: a fala de descendentes de imigrantes italianos. **Letras**, n. 21, pp. 41-53, 2000.

COSTA, L. T.; COTOVICZ, M. Notícias De Uma Sobrevivente: A Variante Rótica Vibrante Múltipla Alveolar Em Rebouças, PR. NUPESDD –UEMS –**Web-Revista SOCIODIALETO** –Mestrado –Letras –UEMS/Campo Grande, v. 6, nº 17, nov. 2015.

DUTRA, E. O. **A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ no município do Chuí, Rio Grande do Sul**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

ECKERT, P. Affect, Sound Symbolism, and Variation. **University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics**: Vol. 15 : Iss. 2 , Article 9, 2010.

ENODECO. **Vêneto**. Disponivel em: < https://enodeco.files.wordpress.com/2009/10/veneto.gif >. Acesso em 17 jul. 2017.

FARACO, C. A. O tratamento você em português: uma abordagem histórica. In: **Fragmenta** 13, Publicação do Curso de Pós-Graduação em Letras da UFPR. Curitiba, Editora da UFPR, 1996.

FERRAZ, I. S. **Características Fonético-Acústicas Do /R/ Retroflexo Do Português Brasileiro: Dados De Informantes De Pato Branco (PR).** Dissertação Mestrado. Programa de pós-graduação em linguística, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2005.

FERREIRA, M. M. **A variação da lateral palatal segundo transcrição do banco de dados do VARSUL**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

FILIPPI, M. Cidades do Circuito das Frutas têm opções de turismo com muito sabor. **G1**, Campinas e Região, 20 jan. 2016. http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/circuito-verao-das-frutas/noticia/2016/01/cidades-do-circuito-das-frutas-tem-opcoes-de-turismo-com-muito-sabor.html

FREIRE, J. B. Comportamento De Variáveis Sociais No Uso Da Lateral Palatal /ʎ/: um estudo sociolinguístico em dois corpora. **Web-Revista SOCIODIALETO**, v. 2, n. 1, jul. 2012.

G1. Indaiatuba é a 1ª do país em ranking das melhores cidades para se viver. **G1**, Campinas, 02 de Dezembro de 2012. Campinas e Região. Disponível em: < http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2012/12/indaiatuba-e-1-do-pais-em-ranking-das-melhores-cidades-para-se-viver.html>. Acesso em 03 de maio de 2015.

GONÇALVES, C. A. Foco e topicalização: delimitação e confronto de estruturas. **Rev. Est. Ling**., Belo Horizonte, v.7, n.1, p.31-50, jan./jun. 1998.

GOOGLE MAPS. **Louveira**. Disponível em < https://www.google.com.br/maps/@-23.083137,-46.9334091,13z >. Acesso em: 21 de maio de 2015.

GRIES, S. T. **Statistics for linguistics with R**: A practical introduction. 2 ed. Berlin & Boston, MA: De Gruyter Mouton, 2013.

GUIN, C. Nordestinos compõem grande parte do bairro Santo Antônio. **Jornal de Jundiaí**, JJ nos bairros, 19 out. 2014. Disponível em: < http://www.jj.com.br/noticias-7294-nordestinos-compoem-grande-parte-do-bairro-santo-antonio >. Acesso em 04 mar. 2017.

GUMPERZ, J. J. **Language in Social Groups**. Stanford: Stanford Univ. Press, 1971.

GUMPERZ, J. J. The Speech Community. **International Encyclopedia of Social Science**, v. 9, pp. 381-386, 1968.

HEAD, B. F. Propriedades fonéticas e generalidades de processos fonológicos: o caso do "R caipira". **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. n. 13. Campinas, p. 5-39, 1987.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Louveira**. 2014. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=352730&search=sao-paulo >. Acesso em 03 de maio de 2015.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Louveira**: Panorama. Disponível em: < https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/sp/louveira/panorama. Acesso em 28 jun. 2017.

INFORMATIVO PTB. Nossa Cidade Louveira. Informativo – Jan 2013 a Jun 2016. **Revista informativa do Diretório Municipal do Partido Trabalhista Brasileiro** – Louveira, 2016.

JEZUZ, Janete Mariá de; GRITTI, Leticia Lemos. Influência Do dialeto Italiano Na Fala Pato-Branquense: Pronúncia Do Erre Forte. **Web Revista SOCIODIALETO**, [S.l.], v. 7, n. 20, p. 284 – 305, out. 2017. ISSN 2178-1486. Disponível em: <http://sociodialeto.ojs.galoa.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/19>. Acesso em: 23 out. 2017.

JNON. **Uva de Louveira é uma das mais italianas da região**. 19 mar. 2015. Disponível em: < http://www.jundiainoticias.com.br/2015/03/uva-de-louveira-e-uma-das-mais-italianas-da-regiao/ >. Acesso em 13 fev. 2017.

JORNAL DE JUNDIAÍ (JJ). Louveira recebe prêmio nacional. **JJ Região**, 22 set. 2015. Disponível em: < http://www.jj.com.br/noticias-20841-louveira-recebe-premio-nacional- >. Acesso em 04 mar. 2017.

JORNAL DE JUNDIAI (JJ). Vila Pasti concentra histórias vivas de suas ruas e moradores 'antigos'. **Jornal de Jundiaí**, JJ nos Bairros, Louveira, 03 nov. 2014. Disponível em: < http://www.jj.com.br/noticias-7851-vila-pasti-concentra-historias-vivas-de-suas-ruas-e-moradores-elsquo;antigoselsquo; >. Acesso em 28 jun. 2017.

KARIM, J. M; KARIM, T. M. A vocalização da lateral palatal [ʎ] > [j] No Falar Da Comunidade De Cáceres No Alto Pantanal De Mato Grosso. **Revista Ecos**, v. 17, n. 2, 2014.

KROCH, A. Dialect and Style in the Speech of Upper Class Philadelphia. In: GUY, G; BAUGH, J. SCHIFFRIN, D. FEAGIN, C. (orgs.). **Towards a Social Science of Language**: Papers in Honor of William Labov. Philadelphia: John Benjamins, 1995.

LABOV, W. Exact Description of the Speech Community: short A in Philadelphia. In: FASOLD, R. W; SCHIFFRIN, D. **Language change and variation**. John Benjamins: Philadelphia, 1989.

LABOV, W. The design of a sociolinguistic research project. Chapter II. **Report of the Sociolinguistics Workshop held at Central Institute of Indian Languages in Mysore**, India. pp. 1-91, 1972.

LABOV, W. The Linguistic Variable as a Structural Unit. **Washington Linguistics Review**, v. 3, pp. 04-22, 1966.

LABOV, W (1972). **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. [Padrões Sociolinguísticos. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.]

LEFEBVRE, H. **O Direito à Cidade**. Tradução: Rubens Eduardo Frias. 5ª ed. São Paulo: Centauro, 2001.

LEITE, C. M. B. **Atitudes linguísticas: a variante retroflexa em foco**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, 2004.

LEITE, C. M. B. **O /R/ em posição de coda silábica no falar campineiro**. Tese (Doutorado em Linguística) – Unicamp, Campinas, 2010.

LEME, M. L. A. **A linguagem da comunidade Tirolesa-Trentina**: da cidade de Piracicaba-SP. Dissertação de Mestrado. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 1994.

LEVSHINA, N. **How to Do Linguistics with R**: Data Exploration and Statistical Analysis. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 2015.

LINDAU, M. The story of /r/.**Working Papers in Phonetics**. Department of Linguistics, UCLA. 51: 114-119, 1980.

LORIATO, S.; PERES, E. P. Gênero e a realização do /r/ em uma situação de contato linguístico. **Entretextos**, Londrina, v.13, nº 02, p. 431 - 446, jul./dez. 2013.

MARGOTTI, F. W. **Difusão sociogeográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil**. Tese: Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

MATTÉ, G.D. A palatalização variável de /t d/ em Caxias do Sul. **Cadernos do IL**, n.38, 2009. p.43-55.

MATTOS E SILVA, R. V. **O português arcaico**: fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto, 2006.

MAURI, C. **Palatalização das oclusivas alveolares e práticas sociais em capelas de forqueta, Caxias do Sul (RS)**. Dissertação (Programa de mestrado em Letras e Cultura Regional) – UCS, Caxias do Sul, 2008.

MENDES, R. B.; OUSHIRO, L. **A pronúncia de (-r) em coda silábica no português paulistano**. Revista do GEL, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 66-95, 2013.

MONARETTO, V. Descrição da vibrante no português do sul do Brasil. In: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (Orgs.). **Português do Sul do Brasil**: Variação Fonológica. Ed. PUCRS: Porto Alegre, 2009. pp. 141-151.

MORALES, W.F.; MOI, F.P. Índios e Africanos no interior paulista: um estudo sobre a transição do cativeiro indígena para a escravidão africana na Vila de Jundiaí, SP, no século XVIII. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo, 2008.

NOLL, V. Mudanças na realização de em português. In: LOBO, T., CARNEIRO, Z.,SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., orgs. Rosae: **linguística histórica, história das línguas e outras histórias** [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 337-348.

NOLL, V. **O português brasileiro**: formação e contrastes. São Paulo: Globo, 2008.

OLIVEIRA, A. A. História da Agricultura em Jundiaí: paisagens e culturas que se superpõem. **Anais eletrônicos do XXII Encontro Estadual de História da ANPUH-SP**. Santos, 2014. Disponível em: < http://www.encontro2014.sp.anpuh.org/resources/anais/29/1406756230_ARQUIVO_textoANPUHHistoriadaAgricultura.pdf >. Acesso em 03 fev. 2017.

OLIVEIRA, K. C; MORENO, D. F. A história do trabalho na jundiaí colonial. In: **Anais do 5º encontro senac de conhecimento integrado**: educação e transformação para o mundo do trabalho. Jundiaí: SENAC, 2016.

OLIVEIRA, M. A. O. Aspectos da difusão lexical. **Rev. Est. Ling**., Belo Horizonte, ano 1, v.l, p. 31-41, jul./dez.1992.

OUSHIRO, L. **Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo**. Tese doutorado. Universidade de São Paulo, Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas, departamento de linguística. Programa de pós-graduação em semiótica e linguística geral. 2015.

PACÍFICO, F. Sem mercado e shopping, Louveira tem 2º maior PIB e lacuna em lazer. **G1**, Campinas, 18 de Janeiro de 2015. Campinas e Região. Disponível em: < http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2015/01/sem-mercado-e-shopping-louveira-tem-2-maior-pib-e-lacuna-em-lazer.html >. Acesso em 03 de maio de 2015.

PAES, M. H. S. **A Variável (R) Em Coda Silábica Medial No Bairro Várzea, Em Lagoa Santa-Mg**. Dissertação Mestrado. Faculdade de Letras, UFMG. Belo Horizonte, 2014.

PAGOTTO, E. G.. Centro-periferia-centro - cá e lá: cidades do interior na rota das mudanças. **Comunicação IX Seminário do Projeto caipira**, 2016.

PAGOTTO, E. G. Camadas de Memória na Cidade Sociolinguística. In: ORLANDI, E. P (Org.). **Linguagem, sociedade, políticas**. pp. 153-160. Pouso Alegre: UNIVÁS; Campinas: RG Editores, 2014.

PAGOTTO, E. G. **Variação é identidade**. 2001. 454.f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

PERES, E. P. Os contatos entre os dialetos italianos e o português no Espírito Santo. In: Luis Fernando Beneduzi; Maria Cristina Dadalto. (Org.). **Os contatos entre os dialetos italianos e o português no Espírito Santo**. 1ed. Veneza: Edizioni Ca Foscari Digital Publishing, 2017, v. 1, p. 17-28.

PIERREHUMBERT, J. B. Exemplar dynamics: Word frequency, lenition and contrast. In: BYBEE, J; HOPPER, P. (eds.). **Frequency effects and the emergence of linguistic structure**. Amsterdam: John Benjamins, 2000.

POZZANI, D. **Gradientes alofônicos das oclusivas alveolares do português brasileiro em uma situação de contato dialetal**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2011.

POZZANI, D.; ALBANO, E. C. Gradientes alofônicos de oclusivas alveolares do português brasileiro em uma situação de contato dialetal. In: **Veredas** – 2/2016, p. 62-79 – PPG Linguística/UFJF – Juiz de Fora, 2016.

PRATES, M. O ranking definitivo das cidades mais desenvolvidas do país. **Revista Exame online**, São Paulo, 08 de Junho de 2014. Campinas e Região. Disponível em: < http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/lista-definitiva-das-500-cidades-mais-desenvolvidas-do-pais >. Acesso em 03 de maio de 2015.

PREFEITURA DE JUNDIAÍ. **História**. Disponível em: < https://www.jundiai.sp.gov.br/a-cidade/historia/ >. Acesso em 08 fev. 2017.

PREFEITURA DE LOUVEIRA. **Centenária Estação Férrea passa por restauro para virar centro cultural. Cultura e Eventos**, 18 set. 2014. Disponível em: < http://louveira.sp.gov.br/site/conteudo/1726/centenaria-estacao-ferrea-passa-por-restauro-para-virar-centro-cultural >. Acesso em 11 ago. 2017.

PREFEITURA DE LOUVEIRA. **Plano de Mobilidade Urbana Sustentável**. 20. abr. 2016. Disponível em: < http://louveira.sp.gov.br/site/painel/dbarquivos/dbanexos/AudienciaPublicaPlanoMobilidadeUrbanaSustentavelLouveira.pdf >. Acesso em 07 jun. 2017.

R CORE TEAM. R: **A language and environment for statistical computing**. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2017. Disponível em: < http://www.R-project.org >. Acesso em 25 mar. 2017.

RENNICKE, I. "The retroflex r of Brazilian Portuguese: theories of origin and a case study of language attitudes in Minas Gerais". **Linguística**: Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto, v. 6, n. 1, p. 149–170, 2011.

RENNICKE, I. Representação fonológica dos róticos do Português Brasileiro: uma abordagem à base de exemplares. In: **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 20, n,38, p. 70-97, 1º sem. 2016.

RIBEIRO, C. M. R. O comportamento geolinguístico do (r) posvocálico nos atlas brasileiros publicados. **Letras Escreve** – Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Curso de Letras - UNIFAP. Vol. 1 - Nº 1 - Janeiro a Junho de 2011.

ROBL, A. Influência tupi no portugués popular do Brasil. **Letras**, Curitiba (34) 155-179, 1985.

RODRIGUES, A. N. **O dialeto caipira na região de Piracicaba**. São Paulo: Àtica, 1974.

RODRÍGUEZ-ALCALÁ, C. **Memória e movimento no espaço da cidade: para uma abordagem discursiva das ambiências urbanas**. Campinas: Revista Rua, 2014.

ROSSI, A. A Variação Da Vibrante Múltipla No Interior Da Palavra Lexical Na Fala De Descendentes Italianos Das Cidades Sulinas Chapecó/ Sc E Flores Da Cunha/ Rs. **Working Papers Em Lingüística**, UFSC, N.4, 2000.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. BALLY, C; SECHEHAYE, A (org). Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, G. M. O. Variáveis sociais e perfil do corpus censo. In: SILVA, G. M. O; SCHERRE, M. M. P. (orgs.). **Padrões sociolinguísticos**: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1996.

SOLNIT, R; JELLY-SCHAPIRO. **Nonstop Metropolis**: A New York City Atlas. Oakland: University of California Press, 2016.

SPESSATTO, M. B. **Marcas da história**: características dialetais na fala dos descendentes de italianos de Chapecó. 2001. 101 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2001.

STEFFEN, M. Variação Diastrática E Diageracional Do R-Forte Em Português Por Falantes Bilíngues De Hunsriqueano Como Língua De Imigração Alemã No Rio Grande Do Sul. **Organon**, Porto Alegre, v. 28, n. 54, p. 241-256, jan./jun. 2013.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2001.

TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa**. 2. ed. Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins, 2014.

VIANA, A. R. G. **Ortografia Nacional**. Simplificação e uniformização das ortografias portuguesas. Lisboa: Livraria Editora Viuva Tavares Cardoso, 1904.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**.Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

WIKIPEDIA. **Região do Vêneto**. Disponivel em: < https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/0/06/ItalyVeneto.png/250px-ItalyVeneto.png >. Acesso em 17 jul. 2017.

WOLFRAM, W. **A sociolinguistic description of Detroit Negro speech**. Washington DC, Center for Applied Linguistics, 1969.

ANEXOS

Figura 9: Anexo 01 - Localização aproximada dos informantes

Fonte: Adaptado de Google Maps (2015)

Tabela 58: Anexo02 – Comparação entre os informantes da segunda faixa etária em relação ao Contexto de Fala (oclusivas dentais) – Grupo Entrevistas

Informante/Contexto de Fala	Africada	Dental	Total
2ª Faixa Etária	**2186**	**233**	**2419**
ie21	**178 (99%)**	**1 (01%)**	**179**
Antes	132 (99%)	01 (01%)	133
Depois	46 (100%)	0 (0%)	46
ie28	**391 (100%)**	**0 (0%)**	**391**
Antes	320 (100%)	0 (0%)	320
Depois	71 (100%)	0 (0%)	71
ie31	**283 (72%)**	**110 (28%)**	**393**
Antes	257 (75%)	86 (25%)	343
Depois	26 (52%)	24 (48%)	50
ie35	**324 (88%)**	**43 (02%)**	**367**
Antes	284 (90%)	33 (10%)	317
Depois	40 (80%)	10 (20%)	50
ie38	**293 (99%)**	**4 (01%)**	**297**
Antes	244 (98%)	4 (02%)	248
Depois	49 (100%)	0 (0%)	49
ie40	**279 (97%)**	**9 (03%)**	**288**
Antes	252 (98%)	4 (02%)	256
Depois	27 (84%)	5 (16%)	32
ie43	**153 (72%)**	**60 (28%)**	**213**
Antes	147 (72%)	58 (28%)	205
Depois	6 (75%)	2 (25%)	8
ie44	**285 (98%)**	**6 (02%)**	**291**
Antes	264 (98%)	6 (02%)	270
Depois	21 (100%)	0 (0%)	21
Total Geral	**2186**	**233**	**2419**

Tabela 59: Anexo03 – Comparação entre os informantes da segunda faixa etária em relação ao Contexto de Fala (/r/ em coda) – Grupo Entrevistas

Informante/Contexto de Fala	Retroflexo	Tepe	Total
2ª Faixa Etária	**898**	**232**	**1130**
ie21	**65 (71%)**	**27 (29%)**	**92**
Antes	60 (77%)	18 (23%)	78
Depois	5 (36%)	9 (64%)	14
ie28	**147 (67%)**	**73 (33%)**	**220**
Antes	129 (68%)	60 (32%)	189
Depois	18 (58%)	13 (42%)	31
ie31	**123 (78%)**	**35 (22%)**	**158**
Antes	115 (80%)	29 (20%)	144
Depois	8 (57%)	6 (43%)	14
ie35	**133 (77%)**	**40 (23%)**	**173**
Antes	121 (76%)	38 (24%)	159
Depois	12 (86%)	2 (14%)	14
ie38	**114 (83%)**	**23 (17%)**	**137**
Antes	106 (82%)	23 (18%)	129
Depois	8 (100%)	0 (0%)	8
ie40	**92 (81%)**	**21 (19%)**	**113**
Antes	82 (84%)	16 (16%)	98
Depois	10 (67%)	5 (33%)	15
ie43	**98 (93%)**	**7 (07%)**	**105**
Antes	86 (92%)	7 (08%)	93
Depois	12 (100%)	0 (0%)	12
ie44	**126 (95%)**	**6 (05%)**	**132**
Antes	118 (95%)	6 (05%)	124
Depois	8 (100%)	0 (0%)	8
Total Geral	**898**	**232**	**1130**